

UMA QUESTÃO DE ESCOLHA

ROMANCE GRÁTIS

Rosa
Roberts





TÍTULO: *Uma Questão de Escolha*

AUTORIA: *Nora Roberts*

EDITOR: *Maria João Costa*

Esta edição © 2009 Edições Chá das Cinco Lda.

Título original A Matter of Choice © 1984 Nora Roberts.

Publicado originalmente em N.Y. por A Jove Book, 1996

TRADUÇÃO: *Isabel C. Penteado*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Chá das Cinco, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Chá das Cinco*

Chá das Cinco é uma marca registada das Edições Saída de Emergência

Av. da República, 861, Bloco D, 1.º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal

TEL E FAX: 214 583 770

WWW.CHADASCINCO.COM

UMA QUESTÃO DE ESCOLHA

ROMANCE GRÁTIS

Para
Robert



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

Prólogo

James Sladerman franziu o sobrolho enquanto olhava para a biqueira do sapato. Andava a franzir o sobrolho desde que a intimação do comissário Dodson lhe chegara naquela manhã à esquadra. Depois de expelir uma longa coluna de fumo, Slade apagou o cigarro no cinzeiro de mosaico à sua esquerda. Mal se mexia. Ele sabia esperar.

Só na noite anterior esperara mais de cinco horas num carro escuro e frio num bairro onde valia a pena vigiar tanto as costas como a carteira. Tinham sido umas cinco horas fastidiosas e infrutíferas, já que a vigilância não tinha produzido nenhum resultado. Mas também, Slade sabia da sua longa experiência que o trabalho policial consistia em horas intermináveis de vigilância, um tédio incrível e papelada, pontuado por momentos de extrema violência. Ainda assim preferia a espera de cinco horas aos vinte minutos que passara na antessala alcatifada e de paredes creme do comissário. A sala cheirava a verniz e, agora, ao seu tabaco da Virgínia. As teclas de uma máquina de escrever faziam barulho com uma eficácia monótona enquanto a secretária do comissário transcrevia.

Que diabo quer ele? – indagou-se Slade novamente. Ao longo da sua carreira Slade evitara persistentemente o trabalho administrativo policial devido a uma aversão inata que tinha pela burocracia. Na sua ascensão de cadete até sargento-detective, houvera poucas oportunidades de cruzar o seu caminho com o de Dodson.

Slade tinha tido um contacto muito fugaz com Dodson no funeral do pai. O comandante Thomas C. Sladerman tinha sido enterrado com toda a honra e glória resultantes de vinte e oito anos ao serviço da polícia. E de morrer ao serviço. Remoendo no assunto, Slade recordou que o comissário tinha sido solidário para com a viúva e a filha mais nova. Dissera as coisas certas ao filho. Talvez, até certo ponto, tivesse ficado pessoalmente abalado. No início das suas carreiras, Dodson e Sladerman tinham sido parceiros. Ainda eram jovens quando os seus caminhos se tinham separado – um seguira política e administração e o outro preferira a acção nas ruas.

Apenas numa outra ocasião Slade tivera contacto directo com Dodson, quando Slade fora hospitalizado para recuperar de um ferimento de bala. A visita do comissário de polícia a um mero detective tinha resultado em mexericos e especulação que tinham simultaneamente envergonhado e irritado Slade.

Agora ele apercebia-se de que toda a esquadra ficaria a saber que o comissário o tinha chamado. A testa franzida transformou-se numa expressão de raiva. Por um momento ele indagou-se se teria cometido alguma falta nos procedimentos, e depois ficou furioso consigo próprio por estar a comportar-se como um miúdo que é levado perante o director da escola.

Que se lixasse, decidiu ele, obrigando-se a relaxar. A cadeira era macia – demasiado macia – e demasiado baixa. Para compensar, recostou-se nas costas da cadeira e esticou as longas pernas. Fechou um pouco os olhos. Quando a entrevista tivesse terminado ele tinha de regressar à vigiância. Se as coisas se resolvessem naquela noite, ele teria algumas noites de folga para passar à frente da máquina de escrever. Com alguma sorte – e um mês inteiro sem interrupções – conseguiria terminar o romance. Abstraindo-se do meio envolvente, reviu mentalmente o capítulo em que estava a trabalhar no momento.

— Sargento Sladerman?

Irritado com a distração, Slade ergueu os olhos. Lentamente, a sua expressão suavizou. Ele percebeu que estivera a perder tempo a fitar o chão quando a secretária do comissário era uma visão muito mais atraente. Fez imediatamente um sedutor sorriso de aprovação.

— O comissário vai recebê-lo agora. — A secretária respondeu ao sorriso, desejando que ele tivesse olhado assim para ela anteriormente em vez de ter ficado sentado num silêncio absoluto. Ele tinha um rosto que agradava a qualquer mulher – um pouco esguio, angular, com uma tez escura que era herança de familiares italianos do lado da mãe. A boca tinha estado rígida em repouso, mas agora, sorridente, revelava esperança e paixão. O cabelo preto e os olhos cinzentos eram uma combinação irresistível, especialmente quando o cabelo era espesso e um pouco rebelde e os olhos eram misteriosos. Ele era uma visão interessante, pensou ela ao ver Slade levantar-se da cadeira.

Enquanto a seguia até à porta de carvalho, Slade reparou que o dedo anelar esquerdo dela estava nu. Ociosamente, considerou pedir-lhe o número de telefone quando saísse. A ideia foi esquecida quando ela o apressou a entrar no gabinete do comissário.

Havia uma litografia de Perillo na parede do lado direito – um cowboy solitário montado num cavalo pintalgado. A parede do lado esquerdo estava apinhada de fotografias emolduradas, medalhas e diplomas. Se Slade considerava uma estranha combinação, não deu sinais disso. A secretária, em frente à janela, era de carvalho escurecido. Em cima tinha papéis em montículos organizados, uma caneta de ouro e um lápis, e uma moldura tripla. Atrás dela estava sentado Dodson, um homem baixo e moreno que sempre fizera lembrar mais a Slade um pároco do que um comissário de

polícia de Nova Iorque. Os olhos dele eram de um azul claro e tranquilo, as faces saudavelmente rosadas. Pequenos fios brancos entremeavam o cabelo escuro. Em suma, Dodson era a imagem de delicadeza avuncular. Mas as rugas no seu rosto não tinham sido esculpidas pelo bom humor.

— Sargento Sladerman. — Dodson sorriu e fez sinal para que Slade se sentasse. *A mesma constituição do pai*, pensou ele enquanto observava Slade sentar-se na cadeira. — Fi-lo esperar muito tempo?

— Um pouco.

Tal e qual o pai, pensou novamente Dodson, tentando não sorrir. Só que corriam rumores de que o verdadeiro interesse do filho era pela escrita e não pelo trabalho policial. Tom sempre dera pouca importância ao facto, recordou Dodson. *O meu rapaz é um polícia, como o pai. Um polícia muito competente*. Naquele momento Dodson estava a contar com isso.

— Como vai a família? — perguntou ele descontraidamente enquanto o fitava com aqueles olhos azuis enganadores.

— Muito bem, obrigado.

— A Janice está a gostar da faculdade? — Ofereceu um charuto a Slade. Quando este foi recusado, Dodson acendeu um para si. Slade aguardou que ele soltasse uma primeira baforada pungente antes de responder. Como é que Dodson sabia que a irmã estava na faculdade? — indagou-se ele.

— Sim, está.

— Como é que vai a escrita?

Ele teve de recorrer a toda a prática para não se revelar surpreendido com a pergunta. O olhar manteve-se firme e inexpressivo como a voz. — Tentando sobreviver.

Não há tempo para conversa da treta, pensou Dodson sacudindo cinza do cigarro. *O rapaz já está em pulgas para se ir embora*. Mas ser comissário dava-lhe uma vantagem. Deu mais uma longa passa no charuto, observando o fumo subir lentamente em espiral em direcção ao tecto. — Li aquela sua história curta no *Mirror* — continuou Dodson. — Muito boa.

— Obrigado. — *Para que raio será isto?* Indagou-se Slade impacientemente.

— Nenhuma sorte com o romance?

Por breves instantes, quase imperceptivelmente, os olhos de Slade semicerraram-se. — Ainda não.

Recostando-se, Dodson mascou o charuto enquanto estudava o homem à sua frente. Tinha também o semblante do pai, reflectiu ele. Slade tinha a mesma cara alongada que era simultaneamente inteligente e dura. Dodson indagou-se se o filho conseguiria sorrir com o mesmo charme desarmante que o pai. Contudo, os olhos eram como os da mãe — cinzentos-escuros e atentos, hábeis em esconder as emoções. Depois havia a folha

de serviço dele, reflectiu Dodson. Podia não ser o polícia extraordinário que o pai fora, mas era empenhado. E, graças a Deus, menos impulsivo. Depois de anos na polícia, os três últimos no departamento de homicídios, Slade podia ser considerado maduro. Se um polícia à paisana não fosse maduro aos trinta e dois anos, estava morto. Slade tinha a fama de ser controlado, talvez um pouco controlado demais, mas as detenções dele eram claras. Dodson não precisava de um homem que andasse à procura de problemas, mas um que soubesse o que fazer quando se deparava com eles.

— Slade... — Dodson fez um pequeno sorriso. — É assim que lhe chamam, não é?

— Sim, senhor. — A familiaridade pô-lo pouco à vontade; o sorriso pô-lo desconfiado.

— Tenho a certeza de que já ouviu falar do juiz Lawrence Winslow.

Primeiro veio a curiosidade, depois uma rápida consulta ao seu arquivo mental. — Presidia ao Tribunal de Apelação de Nova Iorque antes de ser eleito Chefe do Supremo Tribunal de Connecticut há cerca de quinze anos. Morreu de ataque cardíaco há uns quatro ou cinco anos.

Factos e números, reflectiu Dodson. O rapaz não desperdiçava palavras. — Era também um excelente advogado, um juiz que compreendia o significado da justiça. Um bom homem. A mulher dele voltou a casar-se há dois anos e vive no sul de França.

E então? Pensou Slade com renovada impaciência quando Dodson olhou meditativamente por cima do seu ombro.

— Eu sou padrinho da filha dele, a Jessica. — A mesma pergunta atravessou a mente de Slade quando Dodson se focou nele de novo. — Ela vive em casa dos pais perto de Westport. Um lugar lindo; mesmo ao pé da praia. É tranquilo, sossegado. — Tamborilou com os dedos em cima da mesa. — Imagino que um escritor o acharia bastante apelativo.

Slade sentiu uma premonição desagradável e pô-la de parte. — Possivelmente. — Estaria o velhote a tentar fazer casamento? Slade quase desatou às gargalhadas. Não, era demasiado ridículo.

— Nos últimos nove meses houve uma onda de assaltos pela Europa.

A alteração súbita de assunto assustou de tal forma Slade que ele não conseguiu disfarçar a surpresa. Depois controlou-a rapidamente e ergueu uma sobrancelha, mantendo-se calado.

— Roubos importantes — continuou Dodson. — Maioritariamente a museus; pedras preciosas, moedas, selos. França, Inglaterra, Espanha e Itália já foram atingidas. A investigação levou as autoridades competentes a acreditarem que os artigos roubados foram contrabandeados para os Estados Unidos.

— O contrabando é da responsabilidade federal — disse sucintamente Slade. *E não tem nada a ver com um detective de homicídios*, pensou ele em silêncio, *nem com a filha mimada de um juiz*. Depois ocorreu-lhe um outro pensamento desagradável que ele ignorou.

— O contrabando é federal — repetiu Dodson, um pouco amavelmente demais para o gosto de Slade. Uniu as pontas dos dedos e observou o homem mais novo. — Tenho alguns contactos no FBI. Devido à natureza... delicada deste caso, fui consultado. — Fez uma pequena pausa, suficientemente longa para Slade fazer algum comentário se assim o desejasse, e depois prosseguiu. — Algumas pistas substanciais na investigação apontam para um pequeno e respeitado antiquário. O FBI sabe que há um operador. Pela informação que tenho, eles cingiram as possibilidades a armazéns, e esta loja é uma das... poucas escolhidas — decidiu ele secamente. — Eles acreditam que há alguém lá dentro envolvido nisto. — Fazendo uma pausa, ajeitou a moldura em cima da secretária. — Querem introduzir alguém para que o cabecilha da organização não volte a escapar-lhes. Ele é inteligente — meditou Dodson, meio para dentro.

Dodson voltou a dar um momento para Slade questionar ou comentar, e mais uma vez prosseguiu quando o outro se manteve calado. — Alegadamente, a mercadoria é escondida, muito bem escondida, numa antiguidade e depois exportada para esta loja, onde alguém a vai buscar para ser vendida.

— Parece que o FBI tem as coisas sob controlo. — Mal conseguindo disfarçar a impaciência, Slade pegou num cigarro.

— Há uma ou duas complicações. — Dodson esperou que Slade acendesse o cigarro. — Não há provas concretas, nem se conhece a identidade do chefe da organização. Uma mão-cheia de cúmplices, sim, mas queremos-lo a ele... ou ela — acrescentou em voz baixa.

O tom aguçou a curiosidade de Slade. *Não fiques interessado*, avisou a si mesmo. *Não tem nada a ver contigo*. Engolindo as perguntas que lhe tinham vindo à cabeça, deu uma passa e aguardou.

— Há também um problema mais delicado. — Pela primeira vez desde que entrara no gabinete, Slade reparou no nervosismo de Dodson. O comissário pegou na caneta de ouro, passou-a pelos dedos e depois voltou a encaixá-la no sítio. — A loja de antiguidades que está alegadamente envolvida nisto é da minha afilhada.

Slade ergueu as sobrancelhas escuras, mas os olhos abaixo não revelavam nada. — A filha do juiz Winslow.

— Pensa-se que a Jessica nada sabe sobre o uso ilegal da loja; se é que há realmente uso ilegal. — Dodson voltou a pegar na caneta, desta vez segurando-a ao comprido entre as mãos. — Eu sei que ela é totalmente ino-

cente. Não só por ela ser minha afilhada, — continuou ele, antevendo os pensamentos de Slade, — mas porque a conheço. É tão honesta como era o pai dela. A Jessica estima a memória do Larry. E — acrescentou ele, pousando cuidadosamente a caneta — ela não precisa propriamente de dinheiro.

— Pois não — resmungou Slade, imaginando a herdeira mimada com demasiado tempo e dinheiro nas mãos. *Pode fazer contrabando só por diversão*, meditou ele. *Uma coisa diferente de lojas e festas*.

— O FBI está a apertar o cerco — afirmou Dodson. — As próximas semanas podem fazer chegar esta confusão toda aos ouvidos dela. Pode ser perigoso para ela. Nem o escudo da ignorância a vai proteger se se confirmar o envolvimento da loja dela. Tentei convencê-la a vir visitar-me a Nova Iorque, mas... — De repente, calou-se. O seu rosto revelava exasperação. — A Jessica é teimosa. Diz que anda muito ocupada. Disse-me que devia ir eu visitá-la. — Abanando a cabeça, Dodson soltou o que parecia um suspiro. — Eu até podia considerar a hipótese, mas a minha presença nesta altura poderia prejudicar a investigação. Contudo, sinto que a Jessica precisa de protecção. Protecção discreta. Alguém treinado para lidar com a situação, que possa ficar perto dela sem levantar suspeitas. — Os olhos revelaram um sorriso. — Alguém que pudesse ajudar a investigação do lado de dentro.

Slade franziu o sobrolho. Estava a gostar cada vez menos da conversa. Com bastante calma, apagou o cigarro. — E como é que espera que eu faça isso?

Dodson sorriu abertamente. Ele gostava tanto da irritação na voz de Slade como da franqueza. — A Jessica fará o que quero... até certo ponto. — Recostando-se na cadeira forrada a cabedal, relaxou de novo. — Ela ultimamente tem andado a queixar-se da confusão em que anda a biblioteca e sobre não ter tempo suficiente para catalogar as coisas. Vou ligar-lhe a dizer que vou mandar o filho de um velho amigo meu e do pai dela. A propósito, isso é verdade — acrescentou ele. — O Tom e o Larry conheceram-se há alguns anos. O teu disfarce é bastante simples. És um escritor que precisa de um refúgio sossegado durante umas semanas e, em troca, organizas a biblioteca dela.

Os olhos de Slade tinham escurecido durante o relato de Dodson. — A jurisdição... — começou ele.

— Alguma burocracia — interrompeu Dodson. — Podemos tratar disso. Afinal, são os rapazes do FBI que farão a detenção quando chegar a hora.

— Então vou ter de fazer de bibliotecário e de ama-seca. — Slade bufou de aversão. — Olhe, comissário, estou a um passo de resolver o assassinato do Bitronelli. Se...

— Espero bem que sim — interrompeu Dodson novamente, mas com um tom áspero na voz. — A imprensa anda a divertir-se imenso a fazer a polícia de Nova Iorque parecer uma cambada de idiotas. E se estás tão perto — acrescentou ele antes que Slade pudesse retorquir furiosamente, — deves conseguir sair de Connecticut daqui a poucos dias. O FBI está interessado em ter um polícia infiltrado. Um polícia que saiba manter os olhos e ouvidos bem abertos. Investigaram-te e concordam com a minha escolha.

— Que maravilha — resmungou Slade. Levantou-se e começou a deambular pelo gabinete. — Eu pertenço aos homicídios e não ao furto.

— És um polícia — disse Dodson sucintamente.

— Pois. — Tomar conta de uma menina rica e mimada, que ou andava a fazer contrabando para se divertir ou era demasiado tonta para não perceber o que se andava a passar debaixo do próprio nariz, pensou Slade. — Ótimo — resmungou ele de novo.

Assim que Janice saísse da faculdade, ele podia deixar a polícia e concentrar-se na escrita, pensou. Estava farto. Farto da imundície, da futilidade, farto da gatinha com que o emprego o obrigava a lidar. E também farto de ver o olhar de alívio nos olhos da mãe cada vez que chegava a casa. Com um suspiro, resignou-se. Talvez umas semanas em Connecticut fossem uma mudança positiva. De qualquer forma, era uma mudança.

— Quando? — perguntou quando se virou de frente para Dodson.

— Depois de amanhã — disse Dodson. — Já te ponho a par de tudo. Depois vou ligar à Jessica para a avisar da tua chegada.

Encolhendo os ombros, Slade voltou a sentar-se para escutar.

O Outono tocava as árvores e aromatizava o ar. Contra um céu azul-escuro, as cores eram vibrantes e arrebatadoras. O fio de estrada atravessava sinuosamente as montanhas para leste em direcção ao Atlântico. Chicoteando através das janelas abertas do carro, o vento era frio e perfumado. Slade indagou-se há quanto tempo não sentiria aquele tipo de frescura. Quando o livro fosse aceite, talvez pudesse tirar a mãe e Janice da cidade – talvez uma casa no campo ou perto da praia. Era sempre *quando* ou *assim que*. Ele não se permitia pensar *se*.

Mais um ano na polícia – mais um ano a arranjar dinheiro para propinas – e depois... Abanando a cabeça, Slade aumentou o volume do rádio. Não valia a pena estar a pensar no ano seguinte. Ele não estava em Connecticut para apreciar a paisagem. Era apenas mais um trabalho – e um que ele lamentava ter de fazer.

Jessica Winslow, pensou ele, vinte e sete anos. Filha única do juiz Lawrence Winslow e de Lorraine Nordan Winslow. Licenciada em Radcliffe, representante dos estudantes. Provavelmente também tinha sido chefe de claque, pensou ele com desdém. Cheia de botõezinhos e rabo-de-cavalo. Camisolas Ralph Lauren e mocassins Gucci.

Esforzando-se por ter mente aberta, continuou com a lista. Abriu a Casa de Winslow há quatro anos. Até há dois anos fazia ela própria a maior parte das aquisições. Boa desculpa para andar a passear pela Europa, pensou ele carregando no isqueiro do carro.

Michael Adams, assistente de Jessica Winslow e actual comprador. Trinta e dois anos, licenciado na Universidade de Yale. Faz sentido, reflectiu Slade, exalando fumo que saiu disparado pela janela aberta. Filho de Robert e Marion Adams, outra família importante de Connecticut. Não havia provas concretas, mas era alguém que Slade deveria vigiar. Apoiou o cotovelo na janela enquanto reflectia. Enquanto principal comprador, Adams estaria na posição perfeita para tratar da operação na Europa.

David Ryce, assistente na loja há dezoito meses. Vinte e três anos de idade. Filho de Elizabeth Ryce, governanta dos Winslow. Dodson dissera que muitas vezes a loja ficava entregue apenas ao cuidado dele. Isso dar-lhe-ia a oportunidade de tratar da operação a nível local.

Slade percorreu a lista de empregados dos Winslow. Jardineiro, cozinheira, governanta, empregada doméstica. Céus, pensou com aversão.

Tudo aquilo para uma só pessoa. Ela provavelmente nem saberia cozer um ovo se a sua sobrevivência dependesse disso.

Os portões da propriedade dos Winslow estavam abertos, com espaço suficiente para dois carros passarem à vontade. Slade virou para o longo caminho de macadame delimitado por azáleas sem flor. Ouviu-se uma explosão de chilrear de pássaros e depois fez-se silêncio. Slade conduziu quase quinhentos metros antes de estacionar em frente da casa.

Era grande mas, ele tinha de admitir, de um modo não opressivo. O tijolo era antigo, envelhecido pelo sol e ar marítimo. Fumo erguia-se de uma das chaminés no telhado inclinado. As persianas cinzentas não eram apenas decorativas, reparou ele, mas podiam ser usadas para fins práticos se se levantasse uma tempestade. Slade sentiu o perfume dos crisântemos antes de os ver.

As flores eram enormes e cresciam perto da base da casa. Eram ferrugem, ouro e cobre, adornando o vermelho-vivo dos arbustos. Encantavam-no, assim como o odor a suave a madeira queimada. Aquilo não era indolência, mas paz, coisa de que ele sentia muita falta. Afastando a melancolia, Slade subiu os degraus que conduziam à porta da frente. Levantou um punho e bateu com força. Ele odiava campainhas.

Em menos de um minuto a porta abriu-se. Ele teve de olhar um bom bocado para baixo para ver uma mulher pequenina de meia-idade com uma cara agradavelmente feia e cabelo já a ficar grisalho. Slade sentiu o cheiro a detergente com aroma a pinho que lhe fez lembrar a cozinha da mãe.

— Posso ajudá-lo? — O sotaque era totalmente Nova Inglaterra.

— Sou James Sladerman. A menina Winslow está à minha espera.

A mulher examinou-o com olhos negros cautelosos. — Deve ser o escritor — disse ela, obviamente não muito impressionada. Recuando, deixou-o entrar.

Assim que a porta se fechou atrás dele, Slade olhou em volta. O chão não tinha tapete e o soalho era de um carvalho louro reluzente que revelava algum uso por debaixo do envernizado. Havia alguns quadros pendurados sobre o papel de parede em tom marfim. Uma tigela de vidro verde-claro adornava uma mesa redonda alta e transbordava de flores outonais. Não havia sinais evidentes de riqueza, mas a riqueza estava presente. Ele já tinha visto uma imagem do quadro à sua direita num livro de arte. O lenço azul negligentemente pendurado no corrimão da escada era de seda.

Slade ia começar a voltar-se de novo para a governanta quando um barulho no cimo das escadas o distraiu.

Ela surgiu na escada em caracol numa agitação de cabelo louro ondulante e saia esvoaçante. O matraquear dos saltos altos na madeira

quebrou o silêncio da casa. Slade teve uma rápida impressão de rapidez, movimento e energia.

— Betsy, não deixes o David sair da cama até aquela febre baixar. Nem te atrevas a deixá-lo levantar-se. Raios, raios, raios, vou chegar atrasada! Onde estão as minhas chaves?

Jessica estacou a dois passos de Slade, quase perdendo o equilíbrio. Ele agarrou-lhe automaticamente no braço para ela não cair. Sem fôlego, ela ergueu os olhos da camisa dele para olhar para ele.

Era um rosto invulgar – de pele clara, oval, delicado, com maçãs-do-rostro levemente proeminentes que lhe conferiam uma força bastante primitiva. Índia? Viking? Céltica? Os olhos dela eram grandes, da cor do whisky envelhecido, debaixo de umas sobrancelhas que estavam baixas de curiosidade. Uma ténue linha surgiu entre elas. Uma linha de teimosia, reflectiu Slade. A irmã dele também tinha uma. Ele reparou que ela era baixa. O perfume dela fazia lembrar o Outono – algo almiscarado – flores e fumo. O braço sob a mão dele era magro por debaixo de um fino blazer de lã. Ele sentiu uma agitação interior – de homem por mulher – e baixou rapidamente a mão.

— Este é o Sr. Sladerman — anunciou Betsy. — Aquele escritor.

— Ah, sim. — O sorriso limpou a linha ténue entre as sobrancelhas. — O tio Charlie disse-me que viria.

Slade levou uns segundos a ligar o tio Charlie a Dodson. Sem perceber se estava a sufocar um palavrão ou uma gargalhada, aceitou a mão que ela lhe estendeu. — O Charlie disse-me que estava a precisar de ajuda, menina Winslow.

— Ajuda. — Ela revirou os olhos e pigarreou. — Sim, podemos chamar-lhe isso. Aquela biblioteca... Olhe, desculpe eu estar com tanta pressa de sair assim que chegou, mas é que o meu assistente está doente e o meu comprador está em França. — Girando o pulso, fez uma careta ao ver as horas. — Tenho um cliente que era suposto chegar à loja há dez minutos atrás.

— Não se preocupe com isso. — Se esta mulher azafamada consegue gerir um negócio, eu vou oferecer-me para fazer rondas, decidiu ele, mas fez-lhe um sorriso simpático. — Assim posso começar a ambientar-me.

— Ótimo. Então vejo-o ao jantar. — Olhando em redor, resmungou de novo por causa das chaves.

— Estão na sua mão — disse-lhe Slade.

— Estúpida. — Com um suspiro, Jessica abriu a mão e olhou para as chaves que estavam na palma. — Quanto mais pressa tenho, pior me acontece. — Olhando para ele com um ar divertido, afastou o cabelo dos ombros. — Por favor, não se incomode hoje com a biblioteca. Pode apanhar um susto que é capaz de fugir daqui antes de eu poder pôr alguma ordem

naquilo. Betsy... — Enquanto corria para a porta, Jessica olhou por cima do ombro. — Diz ao David que se sair da cama está despedido. Adeus.

A porta bateu atrás dela. Betsy fez um estalido com a língua.

Dez minutos depois Slade inspeccionou os aposentos. Eram quase tão grandes como o apartamento em que ele crescera. Havia um tapete já descorado no chão do quarto que ele reconheceu não como sendo *velho* mas *antigo*. Numa pequena lareira de mármore negra, havia lenha pronta para arder. Ao atravessar a sala de estar, viu uma escrivaninha robusta adornada com um jarro de crisântemos, um pisa-papéis de latão e uma pena. Sem hesitar, arrumou-a para arranjar espaço para a máquina de escrever.

Se fosse como ele desejava, a escrita iria ser mais do que um disfarce. Quando não estivesse a fazer de ama-seca, ia fazer algum trabalho a sério. Claro que também tinha de tratar da biblioteca. Com um suspiro exasperado, Slade virou costas à máquina de escrever e desceu as escadas. Passeou pela casa, memorizando a disposição das assoalhadas na parte policial da sua mente e a sua descrição na parte de escritor.

Durante a visita ao primeiro andar, Slade não encontrou qualquer objecção relativamente ao gosto de Jessica. Só os novos-ricos é que gostavam de ostentação. A Winslow preferia cores discretas e linhas simples. E também na roupa, reflectiu ele, lembrando-se dela com o blazer e saia de cores neutras. Contudo, a blusa que ela tinha era de um verde profundo quase violento. Isso podia ser indicativo de outra coisa.

Slade parou de passar os dedos pela superfície de um piano de pau-rosa. Comparado àquilo, o que a mãe tanto estimava era tão pobrezinho. Encolhendo os ombros, atravessou a porta seguinte.

A biblioteca. Sentiu o cheiro a cabedal velho e pó ao olhar para a maior colecção de livros que alguma vez vira. Pela primeira vez desde que entrara no gabinete de Dodson, Slade sentiu uma ponta de prazer. Uma rápida vista de olhos informou-o que os livros estavam bem usados bem como arquivados de forma aleatória. Aliás, não estavam nada arquivados, corrigiu ele, mas apenas amontoados. Passou um dedo ao longo de uma fila de livros. Robert Burns estava encostado a um exemplar de Kurt Vonnegut.

Grande trabalhadeira, concluiu ele. Um trabalho de que poderia ter gostado se fosse esse o seu único propósito. Olhou bem em volta antes de pegar distraidamente num livro. Não havia nada que pudesse fazer naquele momento quanto a Jessica Winslow, pensou ele enquanto se sentava para ler.

...

Jessica entrou na zona de estacionamento, ao lado da loja, aliviada por vê-la vazia. Estava atrasada, mas o cliente estava ainda mais atrasado.

Ou, pensou ela franzindo o sobrolho, fartara-se de esperar e tinha-se ido embora. Praguejando, apressou-se a abrir a porta da frente. Passou rapidamente de janela em janela, levantando as persianas. Sem abrandar o ritmo, dirigiu-se à sala dos fundos, largou a mala e depois encheu uma pequena chaleira com água. Regou rapidamente a hera da janela traseira antes de colocar a chaleira ao lume. Quando já ia a sair da sala, voltou atrás para ligar o bico do fogão. Satisfeita, passou à loja.

A loja não era grande – mas também Jessica nunca quisera que fosse. Íntima, pessoal. Sim, era isso, pensou ela, com a sua assinatura. Para ela a loja era mais do que um negócio; era uma realização e um amor. Mantinha toda a papelada – facturas, arquivos, contabilidade – cuidadosamente organizada. Todos os seus esforços organizacionais iam para a loja, o que era possivelmente a razão para a falta de organização em tudo o resto.

A loja era o foco da sua vida e era-o desde que ela a imaginara. Inicialmente ela precisara de algo que desse sentido à sua vida quando acabasse a faculdade. A ideia da loja tinha germinado lentamente e depois crescera e desenvolvera-se. Jessica tinha demasiada iniciativa e demasiada energia para ficar quieta. Assim que decidira ter um negócio não perdera tempo. E aquela iniciativa e energia tinham-no feito funcionar. A loja transformara-se em lucro. O dinheiro em si significava pouco, mas o facto de a sua loja o fazer significava tudo.

Ela tinha passado seis meses a pesquisar os melhores preços em Nova Inglaterra e depois na Europa. O seu objectivo não fora um grande inventário, mas um que fosse exclusivo. Depois da abertura da loja a resposta começara como um pequeno gotejar, maioritariamente amigos e amigos de amigos. O facto de a filha do juiz Winslow ter uma loja tinha também atraído os curiosos. Jessica não se importara. Um cliente era um cliente, e um cliente satisfeito era a melhor das publicidades.

Durante os dois primeiros anos ela tinha tomado conta da loja sozinha. De facto, ela nunca pensara que o negócio adquirisse proporções tão grandes. Quando isso acontecera, contratara Michael Adams para tratar das compras no estrangeiro. Ele era encantador, competente e inteligente. As clientes adoravam-no. Aos poucos a relação entre os dois tinha passado de estritamente profissional para amizade e afecto.

Como o negócio continuava a prosperar, Jessica contratara David Ryce. Nessa altura era pouco mais que um menino, meio perdido, suficientemente enfadado para se meter em sarilhos se tivesse a oportunidade. Jessica tinha-o contratado porque tinham crescido juntos; depois passara a depender dele. Ele era rápido com números e incansável com os detalhes. Ele tinha uma noção da rua que o tornava um bom homem para ter no negócio.

Noção da rua, meditou Jessica. James Sladerman. Era estranho que aquele termo a tivesse feito lembrar dele. Na rápida conversa que tinham tido ao fundo das escadas ela sentira algo nele, algo que lhe dizia que ele era um homem capaz de se cuidar – nos negócios, talvez. Num beco, sem dúvida. Com uma meia gargalhada, enfiou as mãos nos bolsos. Porque haveria ela de pensar uma coisa dessas?

Os dedos que lhe tinham segurado o braço eram fortes. A constituição física dele era sólida. Mas não, tinha sido o olhar dele, pensou. Havia algo... duro no seu olhar. Contudo ela não se sentira repelida nem assustada, mas atraída. Até quando ele olhara para ela durante aqueles primeiros três ou quatro segundos, com aquela intensidade que parecia provocar-lhe arrepios, ela não sentira medo. Segurança, apercebeu-se ela. Ele fizera-a sentir-se segura. E isso era esquisito, decidiu Jessica, mordendo o lábio inferior. Por que motivo se sentiria subitamente segura quando não tinha necessidade nenhuma de protecção?

A porta da loja abriu-se. Pondo a especulação de lado, Jessica virou-se.

— Menina Winslow, peço desculpas. Estou muito atrasado.

— Não se preocupe com isso, Sr. Chambers. — Jessica considerou dizer-lhe que também chegara atrasada, mas depois resolveu não dizer nada. Atrás de si, a chaleira começou a apitar. — Estou a fazer chá. Não quer fazer-me companhia antes de vermos as novas caixas de rapé?

Chambers tirou um chapéu bastante ornamentado de uma cabeça meio careca. — Maravilha. Agradeço-lhe imenso que me avise quando chega um novo carregamento. — Sorriu, revelando uma boa dentadura.

— Eu não ia deixar ninguém ver as caixas de rapé antes de si. — Na cozinha, Jessica verteu água fervente para dentro de duas chávenas. — O Michael descobriu-as em França. Há duas que me parece que lhe irão interessar particularmente.

Ele preferia coisas bastante ornamentadas, pensou Jessica com um sorriso ao pegar no tabuleiro. Ele adorava as caixinhas espalhafatosamente adornadas que homens com punhos de renda costumavam usar. Jessica olhou para a forma entroncada de Chambers e indagou-se se ele se imaginaria um nobre ou talvez um aristocrata do período da Regência. Ainda assim, o seu fascínio por caixas de rapé tornara-o um cliente habitual que por mais de uma vez recomendara a loja dela a outras pessoas. E ele era até bastante querido ao seu modo, pensou ela ao pousar o tabuleiro numa mesa.

— Açúcar? — perguntou-lhe ela.

— Ah, eu não devia. — Chambers deu umas palmadinhas na barriga ampla. — Mas talvez um cubo. — O olhar dele passou rapidamente pelas pernas de Jessica quando ela as cruzou. Uma pena não ser vinte anos mais novo, pensou ele com um suspiro interior.

Mais tarde saiu alegremente com duas caixas de rapé do século dezoito. Antes de poder arquivar a factura, Jessica ouviu o barulho de um motor. Erguendo os olhos, viu a enorme carrinha de entregas estacionar em frente à loja. Leu o logótipo da empresa nas portas de aço e franziu ligeiramente o sobrolho. Ela podia ter jurado que a encomenda que Michael ia enviar não chegaria antes do dia seguinte.

Quando reconheceu o condutor, Jessica acenou-lhe e depois foi à porta da frente recebê-lo.

— Olá, menina Winslow.

— Olá, Don. — Ela aceitou a lista de objectos que ele lhe entregou, resmungando que só o esperava no dia seguinte. Ele encolheu os ombros.

— O Sr. Adams apressou as coisas.

— Hum. — Jessica remexeu nas chaves que tinha no bolso enquanto conferia a lista. — Bem, parece que desta vez ele se excedeu. E mais uma entrega no sábado. Não... oh! — Os olhos dela iluminaram-se de prazer quando se fixaram num item. — A escrivaninha Queen Anne. Eu queria ter pedido ao Michael para ver se conseguia uma, mas esqueci-me. Deve ser o destino. — Claro que ela deveria primeiro descarregá-la e dar pelo menos uma olhadela. Não, os impulsos eram o melhor, decidiu Jessica. Sorrindo, voltou a olhar para o motorista. — O resto vem para aqui, mas isto vai para minha casa. Importas-te?

— Bem...

Era fácil justificar o sorriso. Jessica já estava a imaginar a escrivaninha na sala de estar. — Se não der muito trabalho — acrescentou ela.

O motorista apoiou-se no outro pé. — Acho que não tem problema. O Joe não se vai importar. — Fez sinal com o polegar ao colega que tinha já aberto as portas da carrinha.

— Obrigada. Agradeço imenso. Essa escrivaninha era mesmo o que eu andava à procura.

Sentindo-se triunfante, Jessica regressou à salinha dos fundos para beber mais chá.

...

Da mesma forma que saíra de rompante horas antes, Jessica entrou de rompante em casa. — Betsy! — Pendurou a mala no pilar central da escada em caracol. — Chegou? — Sem esperar por uma resposta, correu para a sala de visitas.

— Desde que tinhas seis anos que te digo para não correres. — Betsy atravessou as portas da sala de visitas, interceptando-a. — Pelo menos nessa altura usavas calçado confortável.

— Betsy. — Jessica deu-lhe um apertão rápido e forte que continha tanto de impaciência como de afecto. — Chegou?

— Sim, claro que chegou. — A governanta endireitou o avental com um esticão. — E está na sala de visitas no lugar que me indicaste. E vai estar lá quer caminhes com juízo ou corras como uma doida. — A última frase foi perda de tempo já que Jessica já estava a passar por ela a correr.

— Oh, é linda! — Suavemente, passou um dedo pela madeira e depois começou rapidamente a examiná-la de todos os lados. Era uma peça delicada e leve. Uma escrivadinha de mulher. Jessica levantou o tampo e suspirou ao ver o interior imaculado. — Um encanto. Espera até o David a ver. — Abriu uma das gavetas interiores que deslizou com suavidade. — É exactamente o que eu queria. Que sorte o Michael a ter descoberto. — Agachando-se, percorreu uma das pernas esguias com uma mão.

— É bonita — admitiu Betsy, pensando que os entalhes eram mais uma coisa para ter de limpar o pó. — Aposto em como a poderias ter vendido por uma boa quantia.

— A vantagem de se ter uma loja é poder ficar-se com alguma da mercadoria. — Levantando-se, Jessica baixou de novo o tampo. Agora só precisava de um pequeno tinteiro, ou talvez de uma caixa de porcelana para pôr em cima.

— O jantar está praticamente pronto.

— Oh, o jantar! — Abanando a cabeça, Jessica regressou à realidade. — Esqueci-me por completo do Sr. Sladerman. Ele está lá em cima?

— Na biblioteca — anunciou Betsy fazendo uma careta. — O dia todo. Nem sequer saiu para almoçar.

— Meu Deus. — Jessica passou uma mão pelo cabelo. Ele não lhe parecera ser o tipo de homem com muita paciência com a desorganização. — Eu queria realmente ter-lhe dado um pouco de orientação. O que é o jantar? — perguntou ela olhando para trás.

— Costeletas de porco recheadas e puré de batata.

— Isso deve ajudar — murmurou Jessica por entre dentes enquanto se dirigia à porta da biblioteca.

Abriu-a lentamente, apenas o suficiente para enfiar a cabeça. Havia coisas que não valia a pena apressar, decidiu. Ele estava sentado a uma longa mesa de trabalho, rodeado de pilares e pilhas de livros. Tinha à frente um espesso bloco e o lápis na mão já estava meio gasto. O cabelo tapava-lhe a testa mas ela conseguiu ver as sobrancelhas unidas em concentração. Ou irritação, reflectiu ela. Fez o seu melhor sorriso.

— Olá.

Ele ergueu os olhos e fitou-a intensamente. Jessica sentiu o poder do olhar percorrer-lhe o corpo. Absorveu-o, intrigada pela sensação. Sem se dar conta, o seu sorriso tinha-se transformado numa expressão de surpresa.

Quem é este homem? – indagou-se. Foram a curiosidade e a coragem que a fizeram entrar na biblioteca. O candeeiro sobre a mesa inclinava-se sobre o rosto dele, iluminando-lhe a boca e ensombrando-lhe os olhos. Desta vez ela não se sentia segura, mas inquieta ao lado dele. Continuou a andar em direcção a ele.

— Tem aqui uma confusão e tanto — disse sucintamente Slade, atirando o lápis para o lado. Era melhor atacar do que deixar-se inebriar pela beleza dela. — Se gere assim a sua loja — gesticulou amplamente — é um milagre que não esteja na falência.

A queixa específica aliviou a tensão nos ombros dela. Não tinha havido nada de pessoal no olhar, assegurou a si mesma. Fora uma tola em pensar tal coisa. — Eu sei que está um horror — admitiu Jessica, sorrindo de novo. — Espero que não vá fazer o que seria sensato e ir-se embora daqui. — Cautelosamente, apoiou uma anca na mesa antes de segurar aleatoriamente num livro. — Gosta de desafios, Sr. Sladerman?

Ele reparou que ela estava a rir-se. Ou antes, os olhos estavam. Mas ele percebia claramente que ela estava a rir-se de si própria. Slade fez um sorriso relutante enquanto tentava analisá-la de forma objectiva. Talvez ela fosse inocente – ou talvez não. Ele não tinha a mesma fé cega do comissário. Mas ela era linda, e ele sentia-se atraído. Slade decidiu que a atracção ia ser difícil de contornar.

Expirando longamente, olhou em redor. Que escolha tinha? — Vou ter pena de si, menina Winslow... gosto de livros.

— Também eu — começou ela, tendo depois de lidar com outro dos olhares frios e directos dele. — A sério — afirmou ela com uma gargalhada. — Só não sou arrumada. Então estamos combinados, Sr. Sladerman? — Estendeu-lhe solenemente a mão.

Ele primeiro ficou a olhar. Suave e elegante, como o nome e voz dela, pensou. Com uma rápida maldição ao destino por o comissário ser padrinho dela, Slade aceitou o aperto de mão. — Estamos combinados, menina Winslow.

Jessica deslizou da mesa, mantendo-se agarrada à mão dele quando ele a teria retirado. De alguma forma ela sabia que seria áspera e forte. — Que tal umas costeletas de porco recheadas?

Eram tenras e deliciosas. Slade comeu três depois do estômago se lembrar da falta do almoço. E, pensou ele após uma fatia de cheesecake, aquele caso tinha algumas vantagens para além daquela que ele acabara de constatar. Há duas semanas que sobrevivia com café frio e sanduíches ran-

çosas. E o parceiro não era tão agradável à vista como Jessica Winslow. Ela conduziu habilmente a conversa durante a refeição e tinha acabado por lhe dar o braço para o levar de volta à sala de estar.

— Sente-se — convidou ela. — Vou servir-lhe um brandy.

Quando ele começou a percorrer a sala, a escrivanhinha captou-lhe a atenção. — Aquilo não estava aqui hoje de manhã.

— O quê? — Com uma garrafa na mão, Jessica olhou por cima do ombro. — Ah, pois não. Chegou esta tarde. Percebe alguma coisa de antiguidades?

— Não. — Slade deu uma rápida vista de olhos à escrivanhinha antes de se sentar. — Deixo isso consigo, menina Winslow.

— Podes tratar-me por Jessica. — Serviu um segundo brandy antes de se juntar a ele. — Trato-te por James ou Jim?

— Slade — disse-lhe ele ao aceitar o balão. — Até a minha mãe parou de me chamar Jim quando eu tinha dez anos.

— Tens uma mãe?

A rápida e inconsciente surpresa na voz dela fê-lo sorrir. — Todos têm direito a uma.

Sentindo-se uma tola, Jessica sentou-se em frente dele. — É que me pareces capaz de tratar de tudo sozinho.

Ambos bebericaram brandy, e os seus olhares cruzaram-se sobre os copos. Jessica sentiu como se o momento congelasse, sem tempo, sem espaço. As mentes tocam-se? — pensou ela meio entorpecida. Não estava ela a sentir naquele momento a espiral turbulenta dos pensamentos dele? Ou seriam os dela? O brandy deslizou, quente e forte pela sua garganta, trazendo-a de volta à realidade. *Fala*, ordenou a si mesma. *Diz alguma coisa*. — Tem mais alguma família? — conseguiu dizer.

Slade olhou fixamente para ela, interrogando-se se teria imaginado aquele instante de estonteante intimidade. Ele nunca sentira aquilo com nenhuma mulher, com nenhuma amante. Era ridículo imaginar que o sentira com uma que mal conhecia. — Uma irmã — disse ele finalmente. — Está na faculdade.

— Uma irmã. — Jessica relaxou outra vez e descalçou os sapatos. — Isso é bom. Sempre quis ter um irmão ou uma irmã quando era pequena.

— O dinheiro não consegue comprar tudo. — Slade encolheu-se com as palavras. Ao ver a mágoa perplexa na cara dela, amaldiçoou-se. Se ela já estava a começar a afectá-lo, como seria daí a uma semana?

— És rápido com clichés — comentou Jessica. — Acho que deve ser por seres escritor. — Depois de mais um pequeno gole de brandy, pôs o copo de lado. — O que é que escribes?

— Romances não publicados.

Ela riu-se como tinha rido na biblioteca, arrancando outro sorriso dele. — Deve ser frustrante.

— Só todos os dias — concordou ele.

— Porque é que o fazes?

— Porque é que comes?

Jessica reflectiu por um momento e depois anuiu com a cabeça. — Sim, acho que deve ser o mesmo, não é? Sempre gostaste de escrever?

Ele pensou no pai, em como este se gabara do filho ser o Sladerman seguinte na polícia. Pensou na adolescência, quando tinha escrito as suas histórias em cadernos espiral a altas horas da noite. Pensou nos olhos do pai na primeira vez que tinha visto o filho de uniforme. E pensou na primeira vez que tinha tido uma pequena história aceite.

— Sim. — Talvez fosse mais fácil admitir a ela o que nunca fora capaz de explicar à família. — Sempre.

— Quando desejamos muito uma coisa, e não desistimos — começou Jessica lentamente, — conseguimos-la.

Slade deu uma curta gargalhada antes de beber. — Sempre?

Ela levou a ponta da língua ao lábio superior. — Quase sempre. É um jogo, não é?

— Eu jogo habitualmente com poucas probabilidades de ganhar — murmurou ele, franzindo o sobrolho. Estudou o líquido âmbar no copo, que era quase exactamente o tom dos olhos dela. *Não devia ser tão fácil conversar com ela*, reflectiu ele. Já dissera mais do que queria.

— Ah, Ulisses, estava a perguntar-me onde estarias.

Levantando os olhos, Slade olhou para uma grande e galopante esfregona de pêlo. O cão atirou-se certamente para o colo de Jessica. Slade ouviu-a resmungar e depois rir.

— Raios! Quantas vezes tenho de te dizer que não és um cão de colo? Estás a partir-me as costelas. — Ela virou a cabeça, mas a língua rosa e molhada encontrou-lhe a face. — Pára! — Bradou ela, empurrando-o inutilmente. — Chão! — ordenou ela. — Vai já para o chão! — Ulisses latiu duas vezes e depois continuou a lambar-lhe a cara toda.

— O que é isso? — perguntou lentamente Slade.

Jessica deu de novo um empurrão forte, mas Ulisses pousou a cabeça no ombro dela. — Um cão, claro!

— Não há nada de claro acerca desse cão.

— É um Grande Pirenéus — retorquiu ela, ficando rapidamente sem fôlego. — E reprovou três vezes na escola de obediência. Seu rafeiro imundo, já para o chão! — Ulisses soltou um bafo longo de satisfação e não se mexeu. — Podes dar-me uma ajudinha? — perguntou ela a Slade. — Desta

vez vou ficar com ferimentos internos. Uma vez fiquei presa durante duas horas até a Betsy chegar a casa.

Levantando-se, Slade aproximou-se do cão com o sobrolho franzido. — Ele morde?

— Céus! Estou a sufocar e o homem pergunta se ele morde!

Slade fez um sorriso forçado ao olhar para ela. — Temos que ter muito cuidado com estas coisas. Ele pode ser mau. — Ataca, Ulisses! — Ao ouvir o nome, o cão ergueu-se para lhe lambe alegremente de novo o rosto. — Satisfeito? — perguntou Jessica. — Agora agarra-o por um sítio qualquer e tira-me daqui.

Dobrando-se, Slade envolveu a massa de pêlo com os braços. As costas da mão roçaram pelo seio de Jessica quando ele tentava tirar o cão. — Desculpa — murmurou ele por entre dentes, puxando o cão. — Céus, quanto pesa ele?

— Cerca de cinquenta quilos, penso eu.

Abanando a cabeça, Slade empurrou-o de costas. Ulisses deslizou para o chão e deitou-se veneravelmente aos pés de Jessica. Jessica inspirou profundamente e fechou os olhos.

Estava coberta de pêlos brancos. O cabelo dela estava desgrenhado e caía sobre os ombros; a cor, observou Slade, era de trigo aclarado pelo sol. Com as feições repousadas, o declive das maçãs-do-rostro era mais pronunciado. Os lábios estavam entreabertos e a forma era completamente feminina – o clássico arco do cupido à excepção do volumoso lábio inferior. Falavam de paixão – escondida, fervilhando em silêncio. A boca e as maçãs-do-rostro acrescentavam algo ao aspecto fino que fazia a pulsação de Slade responder. Não podia querê-la, disse para si mesmo. Isso não seria apenas irresponsável, mas estúpido. Olhou de novo para o cão.

— Devias treiná-lo — disse ele de maneira sucinta.

— Eu sei. — Com um suspiro, Jessica abriu os olhos cor-de-brandy. O afecto que tinha por Ulisses faziam-na esquecer o desconforto e a confusão que ele habitualmente criava. — Ele é bastante sensível. Não tenho coragem de voltar a submetê-lo a uma escola de obediência.

— Isso é incrivelmente estúpido — ripostou Slade. — Ele é demasiado grande para não ser treinado.

— Queres o emprego? — retorquiu Jessica. Endireitando-se na cadeira, começou a sacudir pêlo de cão.

— Já tenho um, obrigado.

Porque é que haveria de ficar irritada por ele não ter mencionado uma única vez o seu nome? – indagou-se quando se levantou. A dignidade teve de ser sacrificada quando ela passou por cima do cão já ador-

mecido. — Agradeço a ajuda — disse ela rigidamente. — E o conselho foi devidamente registado.

Slade ignorou o sarcasmo. — De nada. Embora me pareças mais do tipo caniche.

— A sério? — Por um momento Jessica estudou simplesmente os olhos dele. Sim, eram duros, decidiu. Duros, frios e cínicos. — E eu tenho a impressão de que não tens grande apreço pelo tipo caniche. Serve-te à vontade. Vou subir.

Seguiu-se uma trégua desconfortável durante dois dias. Talvez tenha durado tanto tempo porque Jessica fizera questão de se manter fora do caminho de Slade. Ele, por sua vez, mantinha-se fora do dela enquanto anotava pacientemente a rotina dela – que, descobriu ele, não era rotina nenhuma. Ela simplesmente nunca parava. Ela não perdia tempo com as actividades sociais que ele esperara – almoços, clubes, reuniões – mas trabalhava, aparentemente, de forma incansável. A maior parte do tempo era passado na loja. À velocidade que ia, ele sabia que descobriria pouca coisa dentro de casa. O próximo passo seria a Casa de Winslow. Só que precisava de fazer as pazes com Jessica para lá poder entrar.

Da janela do quarto, viu-a afastar-se de carro. Ainda não eram oito horas, uma hora antes da hora normal de saída dela. Slade praguejou de frustração. Como é que o comissário queria que ele a vigiasse – ou a protegesse se era disso que ela precisava – se ela estava sempre num sítio e ele noutra? Estava na hora de improvisar uma desculpa para lhe fazer uma visita na loja.

Agarrando num casaco, Slade dirigiu-se às escadas. Ele podia sempre dizer que queria fazer um pouco de pesquisa sobre mobiliário antigo para o seu romance. Isso conseguir-lhe-ia algumas horas e também lhe daria um motivo para bisbilhotar. Antes de descer os últimos degraus, ouviu a voz de Betsy.

— ... só confusão.

— Não te metas.

Slade parou, aguardando enquanto os passos seguiam em sua direcção. Um homem alto e magro percorria o hall. O cabelo louro-escuro era comprido e liso, cortado de forma bastante descuidada mesmo abaixo do colarinho de uma camisa de cambraia. Usava calças de ganga e óculos de armação de arame e estava um pouco marreco – ou por hábito ou por cansaço. Como estava a olhar para os ténis, não viu Slade. A cara era pálida e os olhos atrás das lentes tinham olheiras. David Ryce, concluiu Slade, e manteve-se em silêncio.

— Eu disse-te que ela disse que não era para ires trabalhar hoje. — Betsy perseguia-o de espanador do pó na mão.

— Estou óptimo. Se ficar mais um dia na cama vou ganhar bolor. — Tossiu violentamente.

— Então está bem. — Betsy deu um estalido com a língua, oscilando o espanador atrás dele.

— Mãe, deixa-me em paz. — Exasperado, David começou a virar-se para ela quando reparou em Slade. Franziu o sobrolho, reprimindo mais um ataque de tosse. — Ah, você deve ser o escritor.

— Exactamente. — Slade desceu os dois últimos degraus. É só um menino, pensou ele, avaliando rapidamente David. Que ainda não se libertou por completo da insolência da juventude.

— A Jessie e eu pensávamos que você devia ser um tipo baixinho e atarracado de óculos. Não sei porquê. — Ele sorriu, mas Slade reparou que ele colocou uma mão no pilar das escadas para se apoiar. — Está a conseguir fazer alguma coisa da biblioteca?

— Aos poucos.

— Melhor você que eu — murmurou David, desejando uma cadeira. — A Jessica já desceu?

— Já saiu — disse-lhe Slade.

— Ora aí tens. — Betsy cruzou os braços sobre o peito. — E se fores para lá agora ela vai mandar-te de volta para casa. E ficar furiosa contigo.

Como as pernas estavam a ameaçar ceder, David agarrou-se com mais força ao pilar. — Ela vai precisar de ajuda com o novo carregamento. É suposto chegar mais um hoje.

— Ias servir de muito — começou Betsy. Ao ver a expressão no olhar de David, Slade interveio.

— Eu estava a pensar ir até lá. Gostava de ver a loja e talvez fazer um pouco de pesquisa. Podia dar-lhe uma mãozinha. — Slade viu David hesitar entre o desejo de ir para a loja e a necessidade de se deitar.

— Ela vai tentar arrumar tudo sozinha — resmungou ele.

— Isso é verdade — concordou Betsy, desviando aparentemente a irritação do filho para a patroa. — Ninguém pára aquela miúda.

— É minha tarefa arrumar o novo stock e verificá-lo. Eu não...

— Mover mobília não deve requerer nenhum conhecimento especial sobre antiguidades — interpôs casualmente Slade. Sabendo que era demasiado perfeito para deixar passar, vestiu o casaco. — E como eu já estava a ir para lá...

— Pronto, está resolvido — anunciou Betsy. Agarrou o filho pelo cotovelo antes que ele pudesse protestar. — O Sr. Sladerman vai tomar conta da menina Jessica. Tu voltas para a cama.

— Não vou voltar para a cama. Uma cadeira, só quero uma cadeira. — Fez um sorriso fraco a Slade. — Eh, obrigado. Diga à Jessie que eu regresso na segunda-feira. A papelada da nova mercadoria pode esperar o fim-de-semana. Diga-lhe para fazer a vontade ao inválido e deixar isso para mim.

Slade acenou lentamente com a cabeça. — Claro, eu digo-lhe. — Virou-se para sair, decidindo que o novo stock lhe interessava muito.

Quinze minutos depois Slade estacionou no pequeno terreno coberto de gravilha ao lado da loja de Jessica. Era um edifício pequeno com várias janelas estreitas. As persianas estavam levantadas. Através do vidro ele conseguia vê-la de volta de uma peça de mobiliário grande e obviamente pesada. Amaldiçoando as mulheres em geral, encaminhou-se para a porta da frente e abriu-a.

Quando ouviu a sineta ela virou-se. Que alguém passasse pela loja àquela hora era algo que a surpreendia — que Slade estivesse ali a olhar para ela de sobrolho franzido surpreendeu-a muito mais. — Bem... — O esforço físico tinha-a extenuado tanto que ela estava a tentar recuperar o fôlego. — Não esperava ver-te aqui. — Ela não acrescentou que também não estava particularmente agradada.

Jessica tinha despedido o casaco e arregaçado as mangas da camisola de caxemira. Por debaixo, pequenos seios subiam e desciam agitadamente e Slade lembrou-se nitidamente da suavidade que sentira contra as costas da mão. Esqueceu-se que tinha ido ali para fazer as pazes com ela.

— Não devias ter mais juízo e não andares a empurrar estas coisas sozinha? — perguntou ele. Praguejando, despiu o casaco e atirou-o para cima de uma cadeira. Jessica endureceu as costas assim como a voz.

— Bom dia para ti também.

A irritação dela não o atingiu. Quando chegou ao pé dela, Slade encostou-se à enorme peça que ela estivera a tentar mover. — Onde queres isto? — perguntou rispidamente. — E espero sinceramente que não sejas daquelas mulheres que mudam de ideias meia dúzia de vezes.

Viu-a semicerrar os olhos e viu-os escurecer como acontecera naquela noite na sala de visitas. Estranhamente, ele achava-a ainda mais atraente quando ela estava perturbada. Se não fosse isso, a forma como o queixo dela sobressaiu podia tê-lo divertido. — Acho que ninguém te pediu ajuda. — Pela primeira vez ele sentiu o gelo na voz dela. — Sou perfeitamente capaz de tratar sozinha da minha mercadoria.

— Não sejas mais estúpida do que o necessário — ripostou ele. — Vais magoar-te. Bem, onde é que queres esta coisa?

— Esta *coisa* — começou ela, furiosa — é uma secretária francesa do século dezanove.

Ele olhou negligentemente para a peça. — Sim? E então? Onde queres que a ponha?

— Eu digo-te onde a podes pôr...

A gargalhada dele interrompeu-a. Era bastante masculina e cheia de humor. Não era um som que ela esperasse ouvir dele. Com um esforço,

Jessica engoliu uma e afastou-se dele. A última coisa que queria era achar alguma coisa atraente em James Sladerman. — Ali — disse ela friamente, apontando. Depois virou costas e pegou num lavatório e levou-o na direcção oposta. Quando o som de madeira deslizando sobre madeira já tinha cessado, ela virou-se para ele.

— Obrigada. — A gratidão foi curta e fria. — E então, que posso fazer por ti?

Ele olhou demoradamente para ela. Ela estava bastante erecta, braços cruzados e os olhos ainda perigosos. Duas travessas de madrepérola afastavam-lhe o cabelo da cara. Ele desceu o olhar por breves instantes. Ela era bastante magra, com uma cintura de vespa e quase não tinha ancas. A saia justa de flanela escondia a maior parte das pernas, mas Slade podia apreciar o que era visível dos joelhos para baixo. Os pés eram muito pequenos. Um deles batia impacientemente no chão.

— Já pensei nisso algumas vezes — comentou ele quando os seus olhos regressaram aos dela. — Mas passei por aqui para ver o que podia fazer por ti. O Ryce estava preocupado com a hipótese de estares a fazer exactamente o que estavas a fazer há uns minutos.

— Viste o David? — A impaciência fria evaporou-se. Rígida, Jessica atravessou a sala para dar o braço a Slade. — Ele levantou-se? Como é que ele está?

Subitamente ele queria tocar-lhe – no cabelo, no rosto. Ela era certamente macia. Slade sentiu uma vontade quase desesperada de algo macio e dócil. Os olhos dela estavam nos seus, cheios de preocupação. — Ele estava levantado — disse ele brevemente. — E não tão bem como queria estar.

— Ele não devia ter saído da cama.

— Não, provavelmente não. — Era o cabelo dela que tinha aquele aroma? – indagou-se ele. Aquele perfume a bosque que estava a dar com ele em doido? — Ele queria vir hoje de manhã.

— Queria vir? — Jessica martelou as duas palavras. — Eu dei ordens específicas para ele ficar em casa. Porque é que ele não faz o que lhe dizem?

Os olhos de Slade estavam subitamente a apreciar a cara dela. — Toda a gente faz o que mandas?

— Ele é meu empregado — retorquiu ela, tirando a mão do braço dele. — É bom que faça o que eu lhe digo. — Tão rapidamente como se abespinhara, o humor mudou e ela sorriu. — Ele não passa de um garoto e a Betsy está sempre a implicar com ele. Ela é assim. Embora eu aprecie a dedicação dele, ele tem de ficar bom. — Os olhos dela vaguearam até ao telefone em cima do balcão. — Se eu ligar ele vai ficar na defensiva.

— Ele disse que não vinha antes de segunda-feira. — Slade encostou-se à secretária. — Ele queria que deixasses a papelada dos novos carregamentos para ele tratar.

Jessica enfiou as mãos nos bolsos, ponderando ainda a hipótese de ligar para dar um sermão a David. — Sim, está bem. Se ele vem na segunda-feira, pelo menos vai manter-se sentado. Entretanto vou arrumar a nova mercadoria para ele não se sentir tentado. — Sorriu novamente. — Ele é quase tão obcecado como eu com esta loja. Se eu mudar um castiçal de sítio o David dá logo por isso. Antes de adoecer, ele estava a tentar convencer-me a tirar férias. — Ela riu-se, sacudindo o cabelo para trás. — Queria ficar aqui sozinho durante uma ou duas semanas.

— Um assistente muito dedicado — murmurou Slade.

— Ah, o David é mesmo assim — concordou Jessica. — O que é que estás a fazer aqui, Slade? Pensei que estavas soterrado em livros.

Meio satisfeito, meio desconfiado por a reserva dos últimos dias ter desaparecido, Slade deu-lhe um sorriso cauteloso. — Eu disse ao David que te dava uma ajuda.

— Isso é muito simpático da tua parte. — A surpresa na voz dela fez aumentar o sorriso dele.

— Às vezes posso ser simpático — retorquiu ele. — Além do mais, pensei em obter alguma informação sobre antiguidades. Fazer pesquisa.

— Ah — disse ela com um aceno de cabeça. — Está bem. Não me importava de ter alguma ajuda com as coisas mais pesadas. Em que período estavas interessado?

— Período?

— Móvel — explicou Jessica enquanto se dirigia a uma arca comprida e baixa. — Estás interessado nalgum século ou estilo em particular? Renascença, Early American, Provincial italiano?

— Só uma lição hoje para me dar uma ideia geral — improvisou Slade enquanto afastava Jessica da arca. — Onde é que queres isto?

Ele levantava e transportava mobiliário. Jessica arrumava as peças mais leves enquanto conversava sobre a móvel que moviam. Uma cadeira era Chippendale. Uma cómoda em pau-cetim era estilo barroco francês. Passou um paninho de pó sobre uma pequena mesa enquanto falava sobre influências chinesas e serviços de chá.

Durante a manhã foram interrompidos meia dúzia de vezes por clientes. Jessica passou de amante de antiguidades a vendedora. Slade observou-a a mostrar peças, explicar a sua origem e a regatear preços. Se ele pudesse ter alguma dúvida antes, naquele momento já não tinha nenhuma. A loja não era brincadeira nenhuma para ela. Ela não só sabia como geri-la, como trabalhava muito mais do que ele imaginara. Não só ela conseguia

lidar com as pessoas com uma destreza que ele era forçado a admirar, como ainda fazia dinheiro – se as etiquetas discretas que ele vira servissem de indicação.

Então porque é que se ela era dedicada à loja e fazia lucro, arriscaria o seu negócio com contrabando? – indagou-se ele. Agora que a conhecia melhor, não era fácil para Slade admitir tal coisa. Mas ela não era nada parva. Seria possível estar a decorrer uma operação mesmo debaixo do nariz dela sem ela se aperceber?

— Slade, odeio ter de pedir isto. — Jessica manteve a voz baixa ao aproximar-se dele. Ela parecia ser uma pessoa muito dada ao contacto físico, pois já tinha a mão no braço dele. Irresponsável ou não, ele descobriu que a desejava. Virou-se e encurralou-a de encontro a uma cómoda. Ela manteve a mão no braço dele, mesmo abaixo do cotovelo. Embora não estivessem a tocar-se mais do que isto, ele teve subitamente uma sensação muito clara de qual seria a sensação de ter o corpo dela pressionado contra o seu.

— Pedir o quê?

Jessica ficou sem saber o que dizer. Um som preenchia-lhe o coração, como um eco de rebentação de ondas numa praia. Ela podia ter recuado uns milímetros e ter quebrado o contacto – ou avançado uns milímetros para o consumir. Não fez nenhuma das duas. Sentia uma vaga pressão no peito, como se alguém o estivesse a pressionar com força para lhe cortar a respiração. Naquele instante ambos sabiam que bastava ele tocar-lhe para que tudo se alterasse.

— Slade — murmurou ela, meio em tom de pergunta, meio em tom de convite.

Ele regressou à realidade de um envolvimento que não podia ter. — Querias que eu mudasse mais alguma coisa? — A voz dele era fria quando ele se afastou dela.

Abalada, Jessica recuou em direcção à cómoda. Precisava de alguma distância. — A Sra. MacKenzie quer levar o guarda-fatos. Saiu para estacionar o carro aqui em frente. Importavas-te de o colocar na parte de trás da carrinha dela?

— Está bem.

Ela indicou a peça com um gesto silencioso, não se mexendo até ele ter saído da loja com a peça de mobiliário. A sós, Jessica permitiu-se respirar longamente. Aquele era um homem com o qual uma mulher não deveria perder o controlo. Ele não seria delicado nem particularmente atencioso. Colocou a palma da mão no peito como que para aliviar a pressão que ainda ali permanecia. *Não reajas exageradamente da próxima vez*, aconselhou a si mesma.

É a forma como ele olha para mim, decidiu Jessica, *como se conseguisse ver o que estou a pensar*. Passou uma mão trémula pelo cabelo. Eu não faço ideia do que ele está a pensar quando olha para mim, por isso como é que ele consegue? E contudo... e contudo a pulsação dela ainda estava descontrolada.

Quando a porta se abriu de novo, ela ainda não tinha saído da frente da cómoda.

— Estou cheia de fome — improvisou ela tensamente, e depois começou a mover-se. Enquanto Slade observava, Jessica deslocava-se de janela em janela a baixar os estores. Pendurou uma placa na porta e depois trancou-a. — Também deves ter — disse ela quando ele permaneceu calado. — Já passa da uma e eu fiz-te andar a arrastar mobília a manhã inteira. Que tal uma sanduíche e um chá?

Slade conseguiu sorrir e escarnecer ao mesmo tempo. — Chá?

A gargalhada dela aliviou a sua própria tensão. — Não, acho que não. Bem, o David tem aqui algumas cervejas. — Foi rapidamente aos fundos da loja e abriu a porta de um pequeno frigorífico. Agachou-se e depois procurou. — Toma. Eu sabia que tinha visto. — Endireitando-se, Jessica virou-se e colidiu com o peito dele. Ele segurou-lhe instintivamente nos braços e depois largou-os com a mesma rapidez. Com o coração aos pulos, ela recuou. — Desculpa, não sabia que estavas atrás de mim. Isto serve? — Já a uma distância segura, ela entregou-lhe a garrafa.

— Está ótimo. — A expressão dele era branda quando a aceitou e a pousou em cima da mesa. A tensão tinha-se-lhe instalado na base do pescoço. Ele teria de ter cuidado para não tocar nela de novo. Nem para ceder ao desejo de provar aquela boca subtilmente passional. Assim que o fizesse não seria capaz de parar. O desejo apertou. Quase violentamente, Slade retirou a cápsula da garrafa.

— Vou preparar umas sanduíches. — Jessica começou a remexer no frigorífico. — Queres de carne assada?

— Sim, pode ser.

O que é que se passa pela cabeça dele? – indagou-se ela enquanto mantinha as mãos ocupadas. Não é possível perceber o que é que ele está a pensar. Ela cortou pão e carne, mantendo-se prudentemente de costas para ele. Olhando para as próprias mãos, ela pensou nas de Slade. Ele tinha dedos tão longos e finos. Fortes. Ela gostara do aspecto. Agora, deu consigo a pensar qual seria a sensação dos mesmos no seu corpo. Competentes, experientes, exigentes. A chama de desejo foi rápida, mas já não inesperada. Lutando contra a sensação, Jessica cortou um pouco violentamente a segunda sanduíche.

Slade viu a luz do sol entrar pela janela e iluminar os cabelos dela. A luminosidade era suave nas diversas tonalidades de azul da camisola dela.

Ele gostava da forma como o material se agarrava ao corpo dela, enaltecendo as costas magras e cintura estreita. Mas também reparou na tensão nos ombros dela. Ele não ia chegar muito longe se estivessem ambos preocupados com uma atracção que nenhum dos dois desejava. Tinha de a fazer relaxar e falar. Slade conhecia uma forma infalível de fazer isso.

— Tens aqui uma loja e tanto, Jessica.

Ele não se deu conta de que era a primeira vez que proferia o nome dela, mas ela sim. Isso agradou-lhe tanto como um elogio.

— Obrigada. — Só nessa altura é que ela se lembrou de pôr a chaleira ao lume. Depois levou a sanduíche dele até à mesa. — As pessoas pararam finalmente de lhe chamar «o pequeno hobby da Jessica».

— Foi isso que começou por ser?

— Não para mim. — Pôs-se em bicos de pés para chegar a uma chávena. Slade viu a saia dela subir. — Mas para muita gente era apenas a filha do juiz Winslow a tentar a sorte nos negócios. Querias um copo para isso?

— Não. — Slade levou a garrafa à boca e bebeu. — Porquê antiguidades?

— Era algo que eu sabia... algo de que gostava muito. Faz sentido fazermos uma carreira de algo que sabemos que gostamos, não achas?

Ele pensou no revólver da polícia que tinha escondido no quarto. — Quando é possível. Como é que começaste?

— Tive a sorte suficiente de ter dinheiro para me sustentar no primeiro ano enquanto reunia stock e renovava este lugar. — A chaleira começou a apitar e depois soltou vapor quando ela desligou o lume. — Mesmo assim, foi bastante complicado. Organizar a contabilidade, obter licenças, aprender sobre os impostos. — Ela franziu o nariz enquanto levava o prato e a chávena para a mesa. — Mas faz parte do todo. Juntamente com isso, as viagens e as vendas, os primeiros dois anos foram de loucos. — Deu uma dentada na sanduíche. — Eu adorei.

Devia ter adorado mesmo, pensou Slade. Ele conseguia sentir a energia contida mesmo com ela ali sentada calmamente a beber chá. — O David Ryce trabalha para ti há muito tempo?

— Há cerca de ano e meio. Ele estava naquele período incerto da vida pelo qual acho que todos nós passamos quando saímos da adolescência mas ainda não somos exactamente adultos. — Sorriu para Slade que estava sentado à sua frente. — Percebes o que quero dizer?

— Mais ou menos.

— Tu provavelmente menos do que a maioria — comentou ela descontraidamente. — Acabou por se verificar que ele ficou ressentido com a oferta de emprego e o facto de precisar de um. O David e eu crescemos juntos. Não há nada pior para o ego do que ter de depender da ajuda da irmã

mais velha. — Ela suspirou ligeiramente ao lembrar-se da forma contrariada e mal humorada com que ele aceitara e a inicial falta de interesse. — De qualquer forma, ele deixou de se sentir mal e tornou-se indispensável. Ele é muito inteligente, particularmente com números. O David agora considera a contabilidade território dele. E é melhor nisso do que no departamento das vendas.

— Ah, sim?

Os olhos dela dançavam. — Ele nem sempre é... diplomático com os clientes. É muito melhor a tratar da contabilidade e do inventário. O Michael e eu tratamos das compras e das vendas.

— Michael. — Antes de beber de novo, Slade repetiu o nome como se este não lhe dissesse nada.

— É o Michael que compra quase tudo aqui para a loja, que trata das importações.

— Não és tu que compras a mercadoria?

— Do estrangeiro, já não. — Jessica brincava com a última metade da sanduíche. — Se eu tentasse continuar a fazer tudo, não teria conseguido manter a loja aberta o ano todo. Estar atenta aos leilões só na zona de Nova Inglaterra já me afasta o suficiente da loja. E o Michael... o Michael tem realmente muito jeito para encontrar.

Ele indagou-se se a analogia dela seria mesmo real. Estaria Michael Adams a importar pedras preciosas como importava Hepplewhites do outro lado do Atlântico?

— O Michael anda a tratar dessa parte do negócio há quase três anos — continuou Jessica. — E ele não só é um bom comprador como um excelente vendedor. Especialmente com a clientela feminina. — Ela riu-se ao levantar a chávena. — Ele é muito simpático. Tanto de aspecto como nos modos.

Slade reparou no afecto na voz dela e especulou. O que haveria ao certo entre proprietário e comprador — indagou-se ele. Se Adams estava envolvido em contrabando e era o amante de Jessica... Os pensamentos dele foram interrompidos quando ele viu as mãos dela. Ela usava uma pulseira fina de ouro na mão direita e um grupo de opalas em forma de estrela na esquerda. O sol batia nas pedras, enviando pequenas chamas de vermelho para o azul delicado. Ficava-lhe bem, pensou ele, bebendo mais um gole de cerveja.

— De qualquer forma, fiquei mal habituada. — Jessica espreguiçou-se com um suspiro. — Já há muito tempo que tenho de orientar sozinha a loja. Vou gostar de ter tanto o Michael como o David de volta na próxima semana. Sou até capaz de aceitar o convite do tio Charlie.

— Tio Charlie?

Ela parou a chávena a meio caminho da boca. — Tio Charlie — repetiu Jessica, espantada. — Foi ele que te mandou.

Slade disse um palavrão em voz baixa enquanto encolhia os ombros. — O comissário — disse ele maliciosamente. — Não o vejo como tio Charlie.

— O comissário é extremamente formal. — Ainda de sobrolho franzido para ele, Jessica pousou a chávena.

Ela não é tola, concluiu Slade pondo um braço sobre as costas da cadeira. — Eu trato-o sempre assim. É um hábito. Não gostas de viajar? — Ele mudou habilmente de assunto, acrescentando um sorriso de desarme. — Eu achava que metade da diversão era comprar as peças.

— Pode ser. Mas também pode ser uma gigante dor de cabeça. Aeroportos, leilões e alfândegas. — A linha entre as sobrancelhas dela desapareceu. — Tenho estado a pensar em combinar um negócio e uma viagem de lazer na próxima Primavera. Quero visitar a minha mãe e o marido dela na França.

— A tua mãe voltou a casar?

— Sim, tem sido maravilhoso para ela. Depois da morte do meu pai ela sentiu-se perdida. Ficámos ambas — murmurou ela. E, após quase cinco anos, a dor ainda perdurava, pensou ela. Tinha desvanecido ligeiramente com o tempo, mas ainda lá estava. — Não há nada pior do que perder-se alguém que se amava, com quem se vivia e com quem se podia contar. Especialmente quando achamos que a pessoa é indestrutível; de repente essa pessoa desaparece sem aviso.

A voz dela continha uma emoção que despertou uma reacção nele. — Eu sei — respondeu ele sem pensar.

Ela ergueu os olhos e fixou-os nos dele. — Sabes?

Ele não gostou da emoção que ela lhe suscitou. — O meu pai era polícia — respondeu secamente. — Foi morto em serviço há cinco anos atrás.

— Oh, Slade. — Jessica pegou-lhe na mão. — Que horror. Que terrível deve ter sido para a tua mãe.

— As mulheres dos polícias aprendem a conviver com o risco. — Deslocou a mão de novo para a cerveja.

Percebendo o corte, Jessica não disse nada. Ele não era homem de partilhar facilmente qualquer tipo de emoção. Jessica levantou-se e empilhou os pratos. — Queres mais alguma coisa? Imagino que haja biscoitos algures por aqui.

Slade apercebeu-se de que ela não o ia pressionar. Oferecera-lhe compreensão e depois recuara quando percebera que ele não a queria. Slade suspirou. Já era suficientemente difícil ter de lidar com a atracção que sentia sem começar também a gostar dela.

— Não. — Levantou-se para a ajudar a levantar a mesa.

Quando entraram na loja, Jessica foi direita à porta para levantar o estore. Slade virou-se repentinamente quando ouviu o grito dela. Que foi imediatamente seguido de uma gargalhada. — Sr. Layton. — Jessica abriu a porta para o deixar entrar. — Pregou-me um susto de morte!

O homem era alto, bem vestido e andava na casa dos cinquenta. O fato formal era realçado por uma gravata de seda cinzenta da mesma cor do cabelo. O rosto delgado e relativamente sério iluminou-se com um sorriso quando ele pegou na mão de Jessica. — Desculpe, querida, mas eu também me assustei. — Passou por ela e olhou interrogativamente para Slade.

— Sr. Layton, este é James Sladerman. Vai ficar connosco durante uns tempos. O David tem estado doente.

— Espero que não seja nada de grave.

— Apenas gripe — disse-lhe Jessica. — Mas uma das pesadas. — Deu-lhe um súbito sorriso sagaz. — O senhor aparece-me sempre quando eu recebo um novo carregamento. Acabei de arrumar este e já vem outro a caminho.

Ele deu umas risadinhas, um som rouco devido à paixão por charutos cubanos. — É mais a sua previsibilidade do que acaso, menina Winslow. O Michael está na Europa há três semanas. Eu pedi-lhe para ficar de olho numas peças antes de ele partir.

— Ah, bem... — O som da porta a abrir-se interrompeu-a. — Sr. Chambers, não o esperava de volta tão cedo!

Chambers fez-lhe um sorriso bastante acanhado enquanto tirava o chapéu. — A caixa com o embutido de pérola — começou ele. — Não consigo resistir-lhe.

— Pode ir, minha querida. — Layton deu uma palmadinha no ombro de Jessica. — Eu vou dar uma vista de olhos.

Fingindo interesse numa coleção de peltre, Slade observava os dois homens. Layton estava a ver a loja, demorando-se aqui e acolá para examinar uma peça. Uma vez sacou de um par de óculos e agachou-se para examinar o entalhe numa mesa. Slade ouvia a voz suave de Jessica enquanto esta discutia uma caixa de rapé com Chambers. O homem reprimiu um resfolgo de desdém ao pensar que alguém racional seria capaz de comprar algo tão ridículo como uma caixa de rapé. Depois de pedir a Jessica que embrulhasse a caixa, Chambers virou-se para espreitar um armário de bibelôs.

Para Slade foi simples registar mentalmente os nomes e descrições dos homens. Mais tarde registá-lo-ia em papel e enviaria para a esquadra. Independentemente de quem fossem, pareciam ter pelo menos um conhecimento básico sobre antiguidades – pelo menos pelo que lhe era dado a perceber pela conversa sobre o armário. Deambulando até ao balcão, Slade

olhou para o recibo que Jessica estava a preencher. A letra dela era certinha, feminina e legível.

Uma caixa de rapé do século dezoito. Francesa com o embutido em pérola.

Foi o preço que o fez voltar a olhar. — Estás a gozar? — perguntou ele em voz alta.

— Chiu! — Ela olhou para os clientes, viu que estavam ambos ocupados e depois lançou a Slade um sorriso malicioso. — Não tens nenhum vício, Slade?

— Imorais, não insanos — retorquiu ele, mas o sorriso tinha-o atraído. Aproximou-se um pouco mais. — E tu?

Ela manteve o olhar fixo no dele, apreciando o humor fácil nos olhos dele. Era a primeira vez que o via. — Não. — Deu uma gargalhada baixa. — Absolutamente nenhum.

Slade estendeu pela primeira vez a mão para lhe tocar voluntariamente — apenas a ponta do cabelo dela com a ponta de um dedo. A caneta caiu da mão de Jessica. — És subornável? — murmurou-lhe. Ele ainda estava a sorrir, mas ela já não se sentia à vontade. Jessica deu graças por terem o balcão a separá-los e haver clientes na loja.

— Não me parece — conseguiu dizer. O riso rouco de Layton distraiu-a. Jessica saiu de detrás do balcão e dirigiu-se aos clientes, evitando Slade.

Perigo iminente, alertou-lhe a sua mente. Um passo em falso com aquele homem e estaria perdida. Mas Jessica já era demasiado cautelosa há demasiado tempo para se deixar cair agora na armadilha.

— É uma peça encantadora — disse ela aos dois homens. — Chegou logo após o senhor ter saído no outro dia, Sr. Chambers. — Embora ele não tivesse feito qualquer ruído, Jessica reparou quando Slade deambulou até à extremidade oposta da loja.

Chambers acabou por comprar o armário e Layton escolheu o que Jessica referiu como uma poltrona e uma consola da época de Luís XV. Slade via-as como uma cadeira e uma mesa, demasiado ornamentadas para o gosto comum. Mas nomes elegantes deviam corresponder a preços elegantes, imaginou ele.

— Com clientes assim — comentou ele quando a loja já estava vazia, — podias abrir uma loja com o dobro do tamanho desta.

— Podia, sim — concordou ela quando arquivava os talões de venda. — Mas não é o que quero. E, é claro, nem toda a gente compra com esta descontração. Aqueles homens sabem do que gostam e têm dinheiro para o comprar. É sorte minha que tenham decidido fazer aqui as compras há cerca de um ano.

Ela viu-o bisbilhotar, abrindo uma gaveta aqui e acolá até parar em frente de um armário de canto. No interior encontrava-se uma coleção de figuras de porcelana.

— Bonitas, não são? — comentou ela ao aproximar-se dele.

Ele manteve-se de costas para ela, embora isso não o tenha impedido de sentir o cheiro dela. — Sim, são giras. — Ela mordiscou o lábio inferior. Não era muito frequente peças de Dresden serem descritas como giras. — A minha mãe gosta de coisas destas.

— Eu sempre achei esta a melhor da coleção. — Jessica abriu a porta e retirou uma pequena e delicada pastora. — Quase a surripiei para mim.

Slade franziu o sobrolho. — Ela vai fazer anos.

— E tem um filho muito atencioso. — Os olhos dela dançavam quando ele ergueu os dele.

— Quanto? — perguntou ele sem rodeios.

Jessica passou a língua pelos dentes. Estava na hora de regatear. Não havia nada que lhe desse maior prazer. — Vinte dólares — disse ela impulsivamente.

Ele deu uma gargalhada. — Não sou estúpido, Jessica. Quanto?

Quando ela inclinou a cabeça, uma ruga de teimosia formou-se entre as sobrancelhas. — Vinte e dois e cinquenta. É a minha última proposta.

Ele sorriu com relutância. — Estás louca.

— É pegar ou largar — disse ela, encolhendo os ombros. — Afinal trata-se do aniversário da tua mãe.

— Vale muito mais que isso.

— Para ela valeria certamente — concordou Jessica.

Frustrado, Slade enfiou as mãos nos bolsos e franziu de novo o sobrolho ao olhar para o bibelô. — Vinte e cinco — disse ele.

— Negócio fechado. — Antes que ele mudasse de ideias, Jessica dirigiu-se rapidamente ao balcão e começou a embalá-la. Com um movimento rápido, retirou a etiqueta com o preço da base e deitou-a no lixo. — Posso embrulhar para presente, se quiseres — disse ela. — Não custa mais por isso.

Ele aproximou-se lentamente do balcão enquanto a observava a envolver a peça de porcelana em papel de seda. — Porquê?

— Porque é o aniversário dela. As prendas de aniversário devem ser embrulhadas.

— Não era disso que eu estava a falar. — Slade pôs uma mão sobre a caixa e parou-lhe os movimentos. — Porquê? — repetiu ele.

Jessica olhou longa e intensamente para ele. Ele não gostava de favores, concluiu ela, e só aceitara aquele porque era para alguém de quem gostava. — Porque eu quero.

Ele ergueu uma sobrancelha e o olhar intensificou-se subitamente. — Consegues sempre o que queres?

— Faça por isso. Não é o que todos fazem?

Antes que ele conseguisse responder, a porta abriu-se de novo. — Entrega para si, menina Winslow.

Slade sentiu uma ponta de entusiasmo quando a mercadoria foi descarregada. Talvez estivesse ali alguma coisa. Ele queria encerrar aquele caso rapidamente, sem confusões, e sair dali... enquanto ainda possuía alguma objectividade. Jessica Winslow tinha uma grande habilidade para lhe trocar as voltas. Eles não eram um homem e uma mulher, e ele não se podia esquecer disso. Ele era um polícia e ela uma suspeita. A função dele era descobrir o que conseguisse, mesmo que isso significasse descobrir provas contra ela. Ao ouvi-la falar tão entusiasticamente enquanto ele carregava as caixas, Slade pensou que nunca conhecera ninguém que parecesse menos capaz de uma desonestidade. Mas isso era apenas um pressentimento, um palpite. Ele precisava de factos.

Enquanto fazia de carregador, teve a oportunidade de examinar cuidadosamente cada peça. Não detectou qualquer sinal de desconforto por parte de Jessica, mas antes uma satisfação por ele a estar a ajudar a verificar se tinha havido estragos durante o transporte. O peso que sentia na consciência enfureceu-o. Ele estava a cumprir o seu dever, lembrou a si próprio. E tinha sido o maldito tio Charlie que o tinha mandado para ali. *Mais um ano*, pensou Slade novamente. Mais um ano e não haveria nenhum comissário para o incumbir de missões especiais como espião e ama-seca de afilhadas com olhos âmbar.

Slade não descobriu nada. O instinto já lhe tinha dito que não, mas Slade poderia ter até usado uma migalha para justificar a sua presença. Ela não parava um bocadinho. Durante as duas horas que demorou a descarregar a mercadoria, Jessica estava em todo o lado, limpando o pó, arrumando, arrastando caixotes vazios. Quando não havia mais nada para fazer, ela olhou em volta à procura de mais.

— Está tudo — disse-lhe Slade antes que ela pudesse decidir que algo ficaria melhor noutra sítio.

— Acho que tens razão. — Jessica massajou a base da coluna. — É bom que aquelas três peças saiam na segunda-feira. Isto está um bocado apinhado. Eh, estou a morrer de fome. — Voltou-se para ele com um sorriso apoloético. — Eu não pretendia deter-te tanto tempo, Slade. Já passa das cinco. — Sem lhe dar oportunidade de comentar, correu até à sala dos fundos para ir buscar os casacos. — Toma, eu fecho.

— Que tal um hambúrguer e um filme? — disse ele impulsivamente.

Estou apenas a mantê-la debaixo de olho, disse para si mesmo. É para isso que estou cá.

Surpreendida, Jessica olhou em volta ao baixar a última persiana. Pela expressão dele, Slade estava já meio arrependido de a ter convidado, pensou ela divertida. Mas isso não era motivo para lhe facilitar a vida. — Que convite romântico! Como posso recusar?

— Queres romance? — retrucou ele. — Vamos a um drive-in.

Slade ouviu-a soltar uma gargalhada quando a agarrou pela mão e a puxou para fora da loja.

...

Era tarde quando o telefone tocou. A figura sentada atendeu e pegou simultaneamente num cigarro. — Está.

— Onde está a escrivainha?

— A escrivainha? — Franzindo o sobrolho, o homem acendeu o cigarro. — Está junto ao resto da mercadoria, é claro.

— Estás enganado. — A voz era suave e fria. — Fui pessoalmente à loja.

— Tem de estar lá. — Um tom de pânico ergueu-se-lhe da garganta. — A Jessica é que ainda não a desempacotou.

— Possivelmente. Vais esclarecer isto imediatamente. Quero a escrivainha e o conteúdo na quarta-feira. — A pausa foi fugaz. — Sabes bem qual é a punição para quem comete erros.

Jessica acordou a pensar nele. Aproveitou a manhã preguiçosa de domingo para ponderar sobre o sábado estranhíssimo que tinha passado – a maior parte dele com Slade. *Um sujeito inconstante*, reflectiu ela, esticando os braços em direcção ao tecto. Jessica tinha-se sentido simultaneamente confortável, exasperada e atraída por ele. Ele tinha qualquer coisa que a fazia querer fazê-lo abrir-se um pouco mais. Ela tentara isso no dia anterior e não conseguira nada. Ele não era homem para divulgar segredos nem para conversas triviais. Era uma estranha combinação do directo e do distante.

Ele não elogiava – nem com o olhar nem com palavras. E, contudo, ela tinha a certeza de que não lhe era indiferente. Não era possível que ela tivesse imaginado aqueles momentos de atracção física. Eles eram reais, tanto para ele como para ela. Mas ele tinha defesas, pensou ela com frustração. Ela nunca conhecera um homem com tantas defesas. Aquelos olhos escuros e intensos dele diziam claramente: «Mantém-te afastada». Apesar do desafio de perfurar a armadura dele lhe ser apelativo, era contida pela consciência de quais poderiam ser as consequências. Jessica gostava de desafios, mas geralmente calculava primeiro quais as probabilidades. Neste caso, as probabilidades estavam contra ela.

Não havia nada de errado com uma amizade agradável e cautelosa, concluiu ela. Algo mais já seria problemático. Levantou-se, pegou no robe e dirigiu-se ao duche. Mas, não seria bom sentir aquela boca sobre a sua? – pensou ela. Nem que fosse só uma vez?

No piso inferior, Slade estava fechado na biblioteca. Estava levantado desde madrugada – ela estava a perturbá-lo. Que impulso louco o fizera convidá-la a sair na noite anterior? Depois de terminar a quarta chávena de café, Slade acendeu um cigarro. Pelo amor de Deus, ele não precisava de sair com a mulher para desempenhar a sua função! Ela estava a começar a perturbá-lo, admitiu ele desviando uma pilha de livros. Aquela gargalhada baixa e musical e todo aquele cabelo louro sedoso. Era mais do que isso, pensou ele lugubrememente. Era ela. Ela estava demasiado perto de possuir tudo o que ele sempre desejara numa mulher – afabilidade, generosidade, inteligência. E aquela sexualidade escaldante e quase primitiva que se podia sentir mesmo sob a superfície. Se continuasse a pensar nela daquela maneira, isso iria turvar-lhe a objectividade. Naquele preciso momento estava a tentar descobrir uma forma de a afastar dos pensamentos.

Quando Slade deu uma passa no cigarro, os olhos estavam duros e opacos. Ele protegê-la-ia quando chegasse a hora, ou denunciá-la-ia se fosse esse o caso. Mas não havia forma de a tirar da cabeça. Apesar do odor a couro, pó e fumo, parecia-lhe sentir vagamente o cheiro dela.

Depois de fugir à advertência da cozinheira para meter alguma coisa no estômago, Jessica bebeu apressadamente uma chávena de café. — Onde está o David? — perguntou quando viu Betsy, armada com um trapo e produto para limpar pratas.

— Foi dar uma volta pela praia. — A mãe dele aclarou um pouco a garganta e depois acrescentou: — Ele parece-me melhor. Acho que o ar lhe vai fazer bem.

— Vou buscar um casco e ver como é que ele está.

— Desde que ele não saiba que é isso que vais fazer.

— Betsy! — Jessica fingiu-se ofendida. — Sou demasiado boa para isso. — Quando a governanta resmungava, a campainha da porta tocou. — Podes ir — disse-lhe Jessica. — Eu atendo. — Correu até à porta. — Michael! — Com prazer, abraçou-o pelo pescoço. — É bom ter-te de volta.

Slade chegou ao hall a tempo de ver Jessica a ser abraçada e beijada. Com aquela gargalhada baixa e prometedora, ela pressionava a face contra a de um homem magro, de cabelo escuro, com traços suaves e olhos verde-claros. Michael Adams, concluiu Slade depois de vencer o impulso de correr até eles para os separar. A descrição correspondia. Slade reparou no brilho de um diamante no dedo mindinho do homem quando este passou a mão pelo cabelo de Jessica. *Mãos suaves e um bronzeado de solário*, pensou Slade instantaneamente.

— Senti a tua falta, querida. — Michael afastou suficientemente Jessica para lhe fazer um sorriso.

Ela riu-se de novo, levando uma mão ao rosto dele antes de o largar. — Conhecendo-te como conheço, Michael, estavas demasiado ocupado com os negócios e... outras coisas para sentires a falta de alguém. Quantos corações despedaçaste na Europa?

— Eu nunca os despedaço — afirmou Michael antes de roçar de novo os lábios dela. — E sinto a tua falta.

— Entra e conta-me tudo — ordenou ela enquanto lhe dava o braço. — A mercadoria que enviaste é maravilhosa, como sempre. Já vendi... oh, olá, Slade! — Assim que se virou, Jessica viu-o. Rápidos e potentes, os olhos dele fixaram-se nos dela. Ela teve de usar toda a força de vontade para não suster a respiração. Continham alguma exigência? — indagou-se. Alguma pergunta? Confusa, abanou ligeiramente a cabeça. O que é que ele queria dela? E porque é que ela estava disposta a dar-lhe mesmo sem saber de que é que se tratava?

— Jessica. — Slade fez um vago sorriso enquanto aguardava.

— Michael, este é James Sladerman. Ele vai passar uns tempos connosco enquanto tenta pôr alguma ordem na biblioteca.

— Nada fácil pelo que já vi dela — comentou Michael. — Espero que tenha bastante tempo.

— O suficiente.

Sabendo que a governanta estaria suficientemente perto para escutar, Jessica afastou-se de Michael e chamou-a. — Betsy, podes servir-nos um café na sala de estar? Slade, fazes-nos companhia?

Ela estava à espera que ele recusasse, mas ele fez-lhe um sorriso lento. — Claro. — Ele não precisou de olhar para Michael para sentir a irritação antes de entrarem na sala.

— Ora, Jessica! O que faz aqui a Queen Anne?

— É o destino — disse-lhe ela, rindo-se depois enquanto se sentava no sofá. — Eu queria ter-te pedido para ma procurares. Quando a vi na lista de peças indaguei-me se serias psíquico.

Depois de a examinar por um bocado, Michael anuiu com a cabeça. — Fica realmente muito bem aqui. — Sentou-se ao lado de Jessica enquanto Slade se acomodava numa poltrona. — Não houve problema com os carregamentos?

— Não, já está tudo desempacotado. Aliás, três peças vão já sair amanhã. O David tem estado doente esta semana. Ontem o Slade ajudou-me a arrumar as coisas.

— A sério? — Michael sacou de uma fina caixa dourada e ofereceu um cigarro a Slade. Recusando com um abano de cabeça, Slade pegou no próprio maço. — É um conhecedor de antiguidades, Sr. Sladerman?

— Não. — Slade acendeu um fósforo, observando Michael sobre a chama. — A não ser que tenhamos em conta a aula que a Jessica me deu ontem.

Michael recostou-se, pousando descontraidamente um braço sobre as costas do sofá. — O que é que faz? — Os dedos suaves brincavam distraidamente com o cabelo de Jessica. Slade deu uma longa passa no cigarro.

— Sou escritor.

— Fascinante. Será possível que tenha já lido algum dos seus livros?

Slade olhou longa e fixamente para Michael. — Não me parece.

— O Slade está a escrever um romance — interveio Jessica. — Ainda não me disseste qual é o assunto.

Ele viu a expressão nos olhos dela e reconheceu-a como um pedido de paz. *Ainda não*, decidiu Slade. Vamos ver o que é que conseguimos descobrir. — Contrabando — disse ele sem rodeios. Ouviu-se um grande ruído de porcelana batendo uma na outra à entrada da porta.

— Raios! — David segurou no tabuleiro com maior firmeza e depois dirigiu a Jessica um sorriso acanhado. — Quase deixei cair isto tudo.

— David! — Ela levantou-se de um salto para lhe tirar o tabuleiro das mãos. — Mal consegues aguentar-te de pé, quanto mais aguentares isto. — Slade viu-o fazer uma expressão de desagrado antes de se sentar numa cadeira.

David ainda estava pálido – ou teria perdido a cor quando ouvira falar em contrabando? – indagou-se Slade. Havia uma ténue linha de suor na testa entre o cabelo desgrenhado e os óculos. Depois de pousar o tabuleiro, Jessica voltou-se de novo para ele.

— Como te sentes?

David franziu-lhe o sobrolho. — Não te preocupes.

— Está bem. — Ela baixou-se até o conseguir olhar olhos nos olhos. — Se eu soubesse que ias ser um paciente tão mau tinha-te trazido uns lápis de cor e papel colorido.

Embora tenha dado um puxão forte ao cabelo dela, David sorriu. — Arranja-me um café e cala-te.

— Sim, senhor — disse ela docilmente.

Quando ela se virou, David piscou o olho a Slade. — Temos de saber como lidar com esta gente da alta sociedade. Olá, Michael. Bem-vindo. — Enfiou a mão no bolso e retirou de lá um maço de cigarros amarrotado. Quando procurava os fósforos, os olhos fixaram-se na escrivaninha. — Eh, o que é isto?

— Uma das descobertas do Michael que eu já reivindiquei para mim — disse-lhe Jessica quando lhe entregava a chávena de café. — Podes tratar da papelada na próxima semana.

— Na segunda-feira — disse ele com firmeza, olhando para a escrivaninha. — Queen Anne.

— É linda, não é? — Jessica entregou uma chávena a Slade antes de se dirigir à escrivaninha. Abriu o tampo e mostrou o interior.

Slade sentiu uns arrepios na base do pescoço. Ele sentia um aumento na tensão – quase o conseguia cheirar. Desviando o olhar de Jessica, estudou os dois homens. Michael acrescentou natas ao café. David encontrou o fósforo. Encolhendo os ombros, Slade disse para si mesmo que estava a começar a ficar agitado.

— E espera até veres o resto do stock — disse Jessica a David quando regressava para o sofá. — O Michael desta vez esmerou-se.

Slade deixou a conversa desenvolver-se em seu redor, respondendo brevemente quando lhe faziam uma pergunta directa. Concluiu que ela era doída pelo miúdo. Era visível na forma como ela brincava com ele e lhe fazia as vontades. Slade lembrou-se do comentário dela acerca de ter

gostado de ter um irmão ou uma irmã. David era obviamente o substituto. Até onde iria ela para o proteger? – indagou-se. *Até ao fim do mundo*, pensou. Se havia algo inequívoco acerca de Jessica Winslow, era a sua lealdade.

A relação dela com Michael era menos definida. Se eram amantes, Slade concluiu que ela era bastante descontraída em relação a isso. E não lhe parecia que Jessica fosse descontraída com a intimidade. Paixão, pensou ele de novo. Havia uma paixão quente e vibrante fervilhando naquele corpinho elegante. Se Michael era amante dela, Slade teria visto algum sinal disso no beijo que tinham trocado à porta.

Se ela tivesse estado nos braços dele, ter-se-ia percebido, pensou ele quando o seu olhar se deslocou para a boca dela. Era macia e nua. A três metros de distância quase conseguia sentir-lhes o sabor. Lenta e irresistivelmente, o desejo apoderou-se dele – um desejo pulsante que nunca sentira antes. Se conseguisse tê-la, nem que fosse só uma vez, o desejo desapareceria. Slade quase conseguia convencer-se disso. Ele precisava de tocar aquela pele suave, sentir aquela promessa de paixão, e depois ficaria livre. Tinha de se livrar dela.

Jessica ergueu o olhar e deu por si apanhada de novo. Os olhos dele aprisionavam-na. Ela sentia-se ser puxada – uma sensação tão física como se ele lhe tivesse segurado na mão. Resistiu. *Ele é como areia movediça*, alertava-lhe a mente. *Nunca conseguirás libertar-te se deres esse último passo*. E, contudo, o risco tentava-a.

— Jessica.

Michael pegou-lhe na mão, dispersando-lhe os pensamentos. — Hum, sim?

— Que tal jantarmos esta noite? Naquele restauantezito na costa de que tanto gostas.

Os olhos calmos familiares de Michael sorriam para ela. Jessica sentiu-se acalmar. Aquele era um homem que ela compreendia. — Adoraria.

— E não te preocupes em chegar cedo a casa — acrescentou David. — Amanhã trato eu da loja; tu ficas em casa.

Jessica levantou uma sobrancelha. — A sério?

David bufou por causa do tom seco na voz dela. — Aí está a Miss Radcliffe — disse ele a Slade. — Ela esquece-se de que eu já por cá andava quando ela tinha doze anos e usava aparelho os dentes.

— Queres ficar de cama outra vez? — disse ela docemente. — Estarei pronta às sete — disse ela a Michael, ignorando o sorriso irónico de David.

— Ok. — Michael deu-lhe um beijo rápido e levantou-se. — Até amanhã, David. Prazer em conhecê-lo, Sr. Sladerman.

Quando ele saiu, Jessica pousou a sua chávena e levantou-se de um sal-

to, como se já estivesse há demasiado tempo no mesmo sítio. — Vou levar o Ulisses a dar uma volta na praia.

— Não olhes para mim — disse David. — Tenho de conservar a minha energia.

— Não ia convidar-te. Slade?

Ele gostaria de ficar uns tempos afastado dela. Resignado, levantou-se. — Claro. Vou buscar um casaco.

...

A praia era comprida e rochosa. Na baía a brisa era cortante e salgada. Jessica ria-se e baixava-se para apanhar pedaços de madeira para atirar ao cão. Ulisses corria para um lado e para o outro, fazendo círculos em volta deles até Jessica atirar outro pau. À direita, a água lançava-se violentamente contra as rochas e depois elevava-se num spray brumoso. Slade viu Jessica correr até outro pedaço de madeira.

Será que ela nunca anda? – indagou-se. Ela riu-se de novo, segurando o pau sobre a cabeça enquanto o cão saltava desajeitadamente para tentar apanhá-lo. *Não entres em contacto conosco a não ser que tenhas algo de útil.* Slade enfiou as mãos nos bolsos ao lembrar as ordens. *Vigia a mulher.* Ele estava a vigiar a mulher, raios. E ela estava a começar a perturbá-lo. Vê o que a luz do Sol faz ao cabelo dela. Vê como a boca dela curva quando ela sorri... Vê o detective Sladerman estragar tudo porque não consegue tirar da cabeça uma mulher magricela com olhos cor-de-brandý.

— Em que é que estás a pensar?

Ele regressou à realidade e viu Jessica a um passo dele a examinar-lhe o rosto. Amaldiçoando-se, Slade percebeu que iria estragar mais do que o disfarce se não tivesse cuidado. — Que há já muito tempo que não vinha à praia — improvisou.

Jessica semicerrou os olhos. — Não, não me parece — murmurou ela. — Pergunto-me porque é que serás tão reservado. — Com um gesto impaciente, afastou o cabelo do rosto. O vento voltou a atirá-lo para a frente. — Mas acho que não devo ter nada a ver com isso.

Irritado, ele pegou numa pedra e atirou-a para a zona de rebentação. — Pergunto-me porque é que serás tão desconfiada.

— Curiosa — corrigiu ela, um pouco espantada com a escolha de palavras dele. — És um homem interessante, Slade. Talvez por haver tanta coisa que não dizes.

— O que queres? Uma biografia?

— E irritas-te com facilidade — murmurou ela.

Ele virou-se para ela. — Não abuses, Jess.

A alcunha agradou-lhe; nunca ninguém, a não ser o pai, a tinha usado. A fúria no rosto dele também a agradou. Tinha feito o primeiro buraco na carapaça. — E se abusar? — desafiou ela.

— Vais ter troco. Não sou educado.

Ela riu-se. — Não, isso de certeza que não. Deveria ter ficado assustada?

Ela estava a picá-lo. Mesmo sabendo que isso não ajudava. Magra e forte, ali estava à frente dele, o cabelo chicoteado pelo vento em redor do rosto. Os olhos dourados e insolentes. Não, não era pessoa de se assustar com facilidade. Slade disse para si mesmo que isso era ponto assente. E quando a puxou para os braços disse a si mesmo que era para provar uma coisa. E viu-o no rosto dela: a antecipação, a aceitação. Nada de medo. Amaldiçoando-a, esmagou a boca dela com a sua.

Era como ele achara que seria. Suave, perfumada, maleável. Ela derreteu-se como cera nos braços dele quando ele a beijou. Um homem podia afogar-se nela. O barulho das ondas parecia ecoar na cabeça dele. Havia uma sensação de estar no meio das ondas. Apertou-a com mais força.

Os seios dela cederam contra o peito forte, tentando Slade a explorar a forma com as mãos. Mas todo o seu poder, toda a sua concentração, estavam presos na pressão de boca contra boca. As mãos dela deslizaram por debaixo do casaco dele, subiram pelas costas, pressionando, impelindo-o a fazer mais. Com a cabeça zonzá, ele afastou-se, esforçando-se para se soltar. Com um suspiro longo e trémulo, Jessica posou a cabeça no ombro dele.

— Quase sufoquei.

Os braços dele ainda a envolviam. Ele tencionara baixá-los. Agora, com ela aninhada nele, os cabelos roçando-lhe o queixo, ele já não tinha a certeza de que iria fazer isso. Então ela levantou o rosto em direcção ao dele – estava a sorrir.

— É suposto respirares pelo nariz — disse-lhe ele.

— Acho que me esqueci.

Também eu, pensou ele. — Então respira fundo — sugeriu Slade. — Ainda não terminei.

Não com menos força nem com menos turbulência, a boca dele regressou à dela. Desta vez ela estava preparada. Não mais passiva, Jessica fez exigências próprias. Os lábios separaram-se e a língua foi ao encontro da dele, investigando, brincando, saboreando. O sabor dele era tão enigmático e desconcertante como ela tinha imaginado. Ávida, ela foi mais fundo. Ouviu o gemido dele e sentiu o coração dele acelerar subitamente contra o seu. Uma urgência preencheu-a tão rapidamente que tomou o controlo total. Não existia nada para além dele – os braços dele, os lábios dele. Ele era tudo o que ela queria.

Ela nunca sentira aquele tipo de desejo nem aquele tipo de poder. Mesmo quando os lábios dele foram brutais, ela respondeu com a mesma agressão. Excitação era pouco para descrever o que sentia. Jessica sentia um frenesi, uma explosão de energia que só poderiam ser aplacados pela possessão.

Toca-me! Queria ela gritar quando agarrava desesperadamente nos cabelos dele. *Possui-me! Nunca me senti assim e não suporto perder isto.* Endireitou-se contra ele, um gesto que significava tanto exigência quanto oferta. Ela sabia que ele era mais forte – os músculos definidos e rijos avisavam-na – mas o desejo dele não podia ser maior. Nenhum desejo podia ser maior do que aquele que pulsava dentro dela. Ela sentia-se tomada de assalto, simultaneamente impotente e invulnerável.

Oh, mostra-me, pensou ela de cabeça zozna. *Esperei tanto tempo para saber como é.*

Uma gaivota gritou sobre eles. Como um spray de água gelada, fez Slade regressar à realidade. Que diabos estava a fazer? – indagou-se enquanto afastava Jessica. Ou, mais precisamente, o que é que ela lhe estava a fazer? Ele perdera tudo – o objectivo, a identidade, a sanidade – ao saboreá-la. Agora ela estava a olhar fixamente para ele, faces coradas e olhos escuros de paixão. A boca estava molhada e inchada devido à dele, aberta, com a respiração a atravessá-la rapidamente.

— Slade. — Com o nome dele rouco nos seus lábios, Jessica estendeu o braço em direcção a ele.

Ele agarrou violentamente no pulso dela antes que ela lhe conseguisse tocar. — É melhor entrares.

Já não havia nada nos olhos dele. Estavam de novo opacos, ilegíveis. Ele olhou fixamente para ela com uma completa falta de interesse. Ela ficou por momentos demasiado confusa para compreender. Ele levava-a até ao limite, aquele limiar fino e delicado, e depois afastara-a rudemente como se ela não o tivesse afectado minimamente. A vergonha fê-la ruborizar. A raiva instalou-se de novo.

— Maldito sejas — sussurrou ela. Virou-se e dirigiu-se apressadamente aos degraus que conduziam para fora da praia, subindo-os dois a dois.

...

Jessica vestiu-se com esmero. Não havia nada como a sensação da seda contra a pele para salvar um orgulho ferido. Virando-se de lado em frente a um espelho de corpo inteiro, anuiu com a cabeça. As linhas do vestido eram simples, a não ser pelo decote surpreendente nas costas que ia até à cintura. Não a perturbava minimamente o facto de ter escolhido o vestido

mais a pensar em Slade do que em Michael. E a cor estava de acordo com a sua disposição – um roxo escuro imperial. Afastou o cabelo da cara com dois ganchos incrustados com diamantes, e depois deixou-o cair naturalmente. Satisfeita, Jessica agarrou na pochete e dirigiu-se às escadas.

Encontrou Slade na sala, a apertar o parafuso numa cómoda Chippendale. As mãos eram ágeis e competentes. Ela recordou a sensação de as ter a percorrer-lhe rapidamente o corpo. — Bem, és realmente muito habilidoso — disse ela.

Ele ergueu os olhos, franziu o sobrolho e agarrou com mais força a chave de parafusos. Ela tinha de estar assim? – pensou ele sombriamente. O vestido colava-se a todo o lado, e pela forma como ela passou por ele, ele percebeu que ela estava ciente disso. Slade girou selvaticamente a chave de parafusos. — A Betsy queixou-se que esta maçaneta estava solta — murmurou ele por entre dentes.

— Um faz-tudo — disse ela descontraidamente. — Queres uma bebida? Vou preparar martinis.

Ele começou a recusar mas depois cometeu o erro de olhar para ela. As costas elegantes e suaves estavam nuas. A seda movia-se sedutoramente quando ela pegou numa garrafa de vermute. O desejo foi tão avassalador como um murro no plexo solar.

— Whisky — disse ele abruptamente.

Ela sorriu sobre o ombro. — Com gelo?

— Simples.

— Bebes como um homem, não é, Slade? — Oh, Jessica esperava conseguir ultrapassar aquela maldita indiferença. E gozar cada minuto. Depois de lhe servir três dedos, levou-lhe o copo. Ele enfiou a chave de parafusos no bolso traseiro das calças e levantou-se. Mantendo o olhar fixo no dela, Slade deu um gole longo e lento no whisky.

— E tu vestes-te como uma mulher, não é, Jessica?

Determinada a perturbá-lo, ela deu uma volta. — Gostas?

— Vestiste-o para provocar o Adams ou a mim? — ripostou ele.

Com um sorriso provocador, ela afastou-se para terminar os martinis. — Achas que as mulheres se vestem sempre para provocar os homens?

— Não é verdade?

— Normalmente visto-me para mim. — Depois de servir uma bebida, virou-se de novo para ele para o observar sobre o rebordo do copo. — Esta noite pensei que ia testar uma teoria.

Ele aproximou-se dela. O desafio nos olhos dela e o ego dele tornavam-na imperativa, tal como ela previra. — Que teoria?

Jessica cruzou o olhar furioso dele sem vacilar. — Tens alguma fraqueza, Slade? Algum calcanhar de Aquiles?

Ele pousou deliberadamente o copo e depois pegou no dela. Sentiu-a retesar-se, embora ela não tenha recuado. Os dedos dele envolveram o pescoço dela, aproximando os lábios dela dos seus. Ela sentiu o hálito quente dele na pele.

— Podes arrepende-te de descobrir, Jess. Não te vou tratar como uma senhora.

Ela atirou a cabeça para trás. Embora tivesse o coração a bater com força, fixou os olhos nos dele com um desafio furioso. — Quem é que te pediu?

Os dedos dele apertaram-na mais; ela fechou os olhos. A campainha da porta tocou. Slade pegou na bebida e emborcou o resto. — O teu par — disse ele curtamente, saindo depois da sala a passos largos.

...

Slade estacionou o carro a poucos metros do restaurante, desligou o motor, sacou de um cigarro e esperou. O Daimler de Michael acabava de ser estacionado pelo porteiro. Slade ter-se-ia sentido mais à vontade se conseguisse ter entrado para vigiar Jessica mais de perto, mas isso era demasiado arriscado.

Viu o carro estacionar atrás dele. A tensão acumulou-se na base do pescoço quando o condutor saiu e se aproximou do seu carro. Slade enfiou uma mão no casaco e agarrou na coronha da pistola. Viu um distintivo ser encostado ao vidro da janela. Slade relaxou quando o homem deu a volta ao capô para se sentar ao seu lado.

— Sladerman. — O agente Brewster acenou rapidamente com a cabeça. — Tu segues a senhora, eu sigo o homem. O comissário Dodson disse-te que eu vinha?

— Sim.

— O Greenhart está de olho no Ryce. Não se passa por lá grande coisa; o tipo está de molho há mais de uma semana. Presumo que também ainda não tenhas nada.

— Nada — Slade pôs-se numa posição mais confortável. — Passei o sábado na loja dela, ajudei-a a descarregar um novo carregamento. Se houvesse lá alguma coisa, podia jurar que ela não sabia. Pus as minhas mãos em tudo. Ela é demasiado desconfiada para estar a esconder alguma coisa.

— Talvez. — Com um suspiro pesado, Brewster pegou num cachimbo preto e começou a enchê-lo. — Se aquela lojeca é o local de entrega, pelo menos algum deles tem de estar a esconder alguma coisa... ou talvez os três. Parece que o Ryce é como um irmão mais novo. Quanto ao Adams... — Brewster acendeu um fósforo e chupou o cachimbo. Slade não

disse nada. — Bem, a senhora tem o nome da justiça do lado dela e muita pressão política para manter o nome dela limpo, mas se estiver envolvida, vai ficar a saber-se.

— Não está — ouviu-se Slade a dizer. Depois atirou o cigarro pela janela.

— Estás com a maioria — comentou Brewster com à-vontade. — Mesmo que ela seja tão pura como um coração de mãe, agora está numa situação complicada. A pressão está a aumentar, Sladerman. Isto vai explodir dentro em breve, e quando isso acontecer a coisa vai ficar feia. A Winslow pode estar mesmo no meio da confusão. O Dodson parece achar que és suficientemente bom para a manter fora do caminho quando tudo se descobrir.

— Eu tomo conta dela — murmurou Slade por entre dentes. — Não gosto que ela esteja ali dentro sozinha com o Adams.

— Bem, eu não jantei. — Brewster tocou na pança. — Vou comer à conta do dinheiro dos contribuintes e manter a tua senhora debaixo de olho.

— Ela não é minha senhora — disse Slade por entre dentes.

...

O restaurante estava tranquilo e iluminado por velas. A mesa onde Jessica e Michael estavam sentados tinha uma esplêndida vista para o estreito. Sobre a água negra como a noite via-se o luar e o reflexo de estrelas dispersas. A conversação dos clientes era discreta – tons baixos e riso suave. O odor a flores frescas misturava-se com o aroma da comida e da cera. O champanhe borbulhava agradavelmente na cabeça dela. Se alguém lhe tivesse dito que ela andava a trabalhar demais, Jessica ter-se-ia rido. Mas naquele momento estava completamente relaxada pela primeira vez em mais de uma semana.

— Estou contente por te teres lembrado disto, Michael.

Ele gostava da forma como a luz tremeluzia sobre o rosto dela, conferindo um mistério de sombras sob as maçãs-do-rostto, realçando o estranho tom dourado dos olhos. Porque seria que ela parecia muito mais bonita quando ele tinha estado longe dela? E teria ele, por uma dúzia de razões tolas, esperado demasiado?

— Jessica. — Levou a mão dela aos lábios. — Senti a tua falta.

O gesto e o tom de voz surpreenderam-na. — É bom ter-te de volta, Michael.

Estranho que ele sempre tivesse sido conhecido pela sua lábia e que naquele momento não conseguisse pensar em como proceder. — Jessica... quero que comeces a vir comigo nas viagens.

— Ir contigo? — Jessica franziu a testa. — Porquê, Michael? És mais do que capaz de fazer isso. Detesto admitir isto, mas és muito melhor nisso do que eu.

— Não quero voltar a afastar-me de ti.

Confusa, Jessica deu uma rápida gargalhada enquanto lhe apertava a mão. — Michael, não me digas que te sentiste só. Eu sei que não há nada de que gostes mais do que andar pela Europa a caçar tesouros. Se sentiste saudades de casa, é novidade.

Os dedos dele apertaram os dela. — Não senti saudades de casa, Jessica, e só senti falta de uma coisa. Quero que te cases comigo.

Surpresa não era bem o termo; Jessica estava estupefacta, e a sua expressão era transparente. *Casar?* Ela quase pensou que tinha ouvido mal. Não conseguia imaginar Michael a querer casar-se com alguém, mas ainda por cima com ela? Estavam juntos há quase três anos, eram sócios, amigos, mas nunca...

— Jessica, deves saber o que sinto. — Colocou a outra mão sobre as deles. — Amo-te há anos.

— Michael, eu não fazia ideia. Oh, Michael, isto soa-me tão banal. — Passou os dedos da mão livre pelo pé do copo. — Não sei o que te dizer.

— Diz sim.

— Michael, porquê agora? Porquê assim de repente? — Parou com o movimento nervoso da mão e observou-o com atenção. — Nunca me deste a entender que sentias alguma coisa por mim que não fosse carinho.

— Sabes o quão difícil tem sido contentar-me com isso? — perguntou ele em voz baixa. — Jessica, não estavas preparada para os meus sentimentos. Tens andado tão empenhada em fazer da loja um sucesso. Precisavas de a tornar um sucesso. E eu queria também ser bem sucedido antes de te pedir. Precisávamos ambos de ser independentes.

Era verdade, tudo o que ele estava a dizer. E contudo como é que ela podia parar subitamente de o ver como Michael, seu amigo, seu sócio, para o ver como Michael, seu amante, seu marido? — Não sei.

Ele apertou-lhe a mão, para a tranquilizar ou por frustração. — Não esperava que soubesses assim tão rapidamente. Vais pensar no assunto?

— Sim, claro que vou. — E no momento em que fazia aquela promessa, a lembrança de um abraço numa praia ventosa atravessou-lhe o pensamento.

...

De madrugada, o telefone tocou mas não o acordou. Ele já estava à espera.

— Localizaste a minha propriedade?

Ele humedeceu os lábios e depois secou-os de novo com as costas da mão. — Sim... a Jessica levou-a para casa. Há um pequeno problema.

— Não gosto de problemas.

Gotículas de suor frio brotaram-lhe na testa. — Eu saco os diamantes. O problema é que a Jessica anda sempre por perto. Não há forma de eu desmontar a escrivaninha para os sacar enquanto ela está em casa. Preciso de mais tempo para a convencer a sair por uns dias.

— Vinte e quatro horas.

— Mas isso não...

— É todo o tempo que tens... ou todo o tempo que a menina Winslow terá.

O suor revestiu-lhe o lábio e ele levantou uma mão trémula para o limpar. — Não lhe faça nada. Eu tiro-os de lá.

— Para bem da menina Winslow, é melhor que consigas. Vinte e quatro horas — repetiu o homem. — Se não os tiveres nessa altura, ela será descartada. Irei eu lá buscá-los pessoalmente.

— Não! Eu tiro-os. Não lhe faça mal. Jurou-me que ela nunca precisaria de ser envolvida nisto.

— Ela é que se envolveu. Vinte e quatro horas.

Jessica não tinha respostas. Estava sentada na praia, queixo apoiado nos joelhos, e observava o Sol matinal espalhar raios rosados sobre a água. A metros de distância, Ulisses perseguia as ondas, recuando para a praia sempre que estas se voltavam para ele. Já tinha desistido da ideia de convencer Jessica a atirar-lhe pauzinhos.

Ela sempre gostara da praia ao nascer do Sol. Ajudava-a a pensar. O grito das gaivotas, o bater da água nas rochas, a luz em crescendo, sempre lhe haviam acalmado a mente para que uma resposta fosse encontrada. Não desta vez. Não era que nunca tivesse pensado em casamento, partilhar uma casa, ter uma família – mas nunca tinha tido uma imagem nítida do homem. Poderia ser Michael?

Ela gostava de estar com ele, de conversar com ele. Partilhavam interesses. Mas... oh, havia um *mas*, pensou ela ao encostar a testa aos joelhos. Um enorme *mas*. E ele amava-a. Ela nunca vira nada. Onde estava a sua sensibilidade? – indagou-se com uma pontada de culpa e frustração. Como podia uma coisa – um negócio – ter sido tão importante a ponto de lhe bloquear a visão? Pior, agora que sabia, o que havia de fazer?

Slade desceu os degraus da praia a praguejar. Como raios podia manter as rédeas numa mulher que saía antes do nascer do Sol? Tinha ido dar uma volta pela praia, dissera-lhe Betsy. Sozinha numa praia deserta, pensou Slade, completamente vulnerável a qualquer coisa e a qualquer um. Teria ela de estar sempre a mexer-se, a fazer qualquer coisa? Porque é que não podia ser a tola preguiçosa que ele imaginara?

Então localizou-a – de cabeça baixa, ombros caídos. Se não fosse pela massa de cabelo loiro, ele teria jurado que se tratava de outra mulher. Jessica estava sempre direita e sempre a caminho de algum lado – habitualmente demasiado depressa. Não se enrolava numa bola de derrota. Desconfortável, enfiou as mãos nos bolsos e aproximou-se dela.

Ela não o ouviu, mas sentiu a intrusão e a identidade do intruso quase em simultâneo. Endireitou-se lentamente e depois olhou novamente para o horizonte.

- Bom dia — disse ela quando ele se colocou ao seu lado.
- Levantas-te cedo.
- Também tu. Trabalhaste até tarde. Ouvei a tua máquina de escrever.
- Desculpa.

— Não. — Um sorriso fugaz. — Eu gostei. O livro está a correr bem?

Slade ergueu o olhar quando uma gaivota pairou acima deles, peito branco e silenciosa. — Avançou um pouco ontem à noite. — *Passa-se algo de errado*, pensou ele. Começou a sentar-se ao lado dela, depois mudou de ideias e permaneceu de pé. — O que se passa, Jess?

Ela não respondeu imediatamente, mas virou a cabeça para examinar a cara dele. E o que faria ele se quisesse que uma mulher se casasse com ele? — indagou-se ela. Esperaria pacientemente, escolheria a melhor altura, e dar-se-ia por satisfeito quando ela lhe pedisse para esperar por uma resposta? Um sorriso vago tocou-lhe os lábios. Decerto que não.

— Tiveste muitas amantes? — perguntou ela.

— O quê?!

Ela não ligou nenhuma à expressão de incredulidade dele e virou-se para olhar de novo fixamente para o mar. — Imagino que sim — murmurou ela. — És um homem muito físico. — As nuvens que passavam sobre a água eram trespassadas com raios vermelhos e dourados. Enquanto falava, Jessica via-as iluminarem-se. — Posso contar os meus com três dedos — continuou ela num tom que era mais ausente do que confidencial. — O primeiro foi na faculdade, uma relação tão breve que quase não me parece justo incluí-la. Ele enviava-me cravos e lia Shelley em voz alta.

Jessica riu-se ligeiramente e pousou de novo o queixo nos joelhos. — Mais tarde, quando eu viajava pela Europa, houve um homem mais velho, francês, muito sofisticado. Caí como uma tonelada de tijolos... depois descobri que era casado e que tinha dois filhos. — Abanando a cabeça, Jessica agarrou com mais força os joelhos. — Depois foi um executivo da publicidade. Oh, ele tinha muito jeito para as palavras. Foi logo após a morte do meu pai, e eu andava... um bocado perdida. Ele pediu-me dez mil dólares emprestados e desapareceu. Desde então que não me envolvo com homem nenhum. Não queria sofrer de novo, por isso tenho sido cuidadosa. Talvez demasiado cuidadosa.

Ele não estava muito agradado por ouvir falar nos homens da vida dela. Forçando-se a ser objectivo, escutou. Quando ela se calou, Slade sentou-se ao lado dela. Durante um minuto completo não houve nada a não ser o som da rebentação das ondas e das gaivotas.

— Jess, porque é que me estás a contar isso?

— Talvez porque me pareça que te conheço há anos. — Um pouco trémula, riu-se e passou as mãos pelo cabelo. — Não sei. — Respirou profundamente e olhou em frente. — O Michael pediu-me em casamento.

O choque foi violento – como uma pancada atordoante na nuca que deixa uma pessoa desorientada apenas por um instante antes da inconsci-

ência. Muito deliberadamente, Slade agarrou numa mão-cheia de areia e deixou cair por entre os dedos. — E?

— E eu não sei o que fazer! — Ela virou-se então para ele, toda olhar turbulento e frustração. — Detesto não saber o que fazer.

Acaba já com isto, ordenou Slade a si próprio. *Diz-lhe que não estás interessado em escutar os problemas dela*. Mas as palavras já estavam a escapar-lhe. — O que é que sentes por ele?

— Eu confio no Michael — começou ela, falando depressa. — Ele faz parte da minha vida. É muito importante para mim, muito importante...

— Mas não o amas — concluiu Slade calmamente. — Então devias saber o que fazer.

— Não é assim tão simples — ripostou ela. Com um som de exasperação, ela começou a levantar-se mas depois obrigou-se a ficar quieta. — Ele está apaixonado por mim. Não quero magoá-lo, e talvez...

— Talvez devesse casar-te com ele para não o magoares? — Slade deu uma gargalhada desconsolada. — Não sejas idiota!

A raiva cresceu rapidamente e foi rapidamente reprimida. Era difícil discutir com a lógica. Mais triste que ofendida, ela observou uma gaiivota fazer um voo rasante sobre a água. — Eu sei que casar com ele só acabaria por magoar ambos, especialmente se os sentimentos dele por mim forem tão profundos quanto ele pensa que são.

— Não tens a certeza de que ele esteja apaixonado por ti — murmurou Slade, considerando as outras razões pelas quais Michael poderia querer casar-se com ela.

— Tenho a certeza de que ele acha que está — respondeu Jessica. — Pensei que talvez se nos tornássemos amantes que...

— Credo! — Agarrou-a pelos ombros. — Estás a pensar oferecer o teu corpo como uma espécie de prémio de consolação?

— *Pára!* — Ela fechou os olhos para não ver a irrisão nos dele. — Dito assim parece uma coisa tão porca.

— Que raios estás a pensar fazer? — perguntou ele.

Num incaracterístico gesto de futilidade ela ergueu as mãos. — A minha experiência com homens tem sido tão pobre que pensei... bem, em pouco tempo ele iria mudar de ideias.

— Imbecil — disse Slade. — Diz-lhe apenas que não.

— Até parece que é fácil.

— Tu é que estás a complicar, Jess.

— Estou? — Jessica pousou por um momento a testa novamente sobre os joelhos. A mão dele já estava quase a tocar-lhe nos cabelos quando ele parou. — És tão confiante, Slade. Nada me faz mais covarde do que as

pessoas de quem gosto. A ideia de ter de o encarar de novo, sabendo o que tenho de fazer, faz-me querer fugir.

Ele estava a responder à fragilidade que ela tão raramente mostrava. Bem lá no fundo havia algo que se debatia para ser livre para a consolar. Ele conteve-se um instante antes de ser demasiado tarde. — Ele não vai ser o primeiro homem que viu o pedido rejeitado.

Ela suspirou. Nada do que dissera fizera sentido assim que ela o dissera em voz alta – tudo o que ele dissera fizera. Ela sentiu algum do peso desaparecer. Com um meio sorriso, voltou-se para ele. — Tu já?

— Eu já o quê?

— Viste um pedido recusado.

Ele sorriu, satisfeito por a expressão perdida ter desaparecido dos olhos dela. — Não... mas também o casamento não figurava em nenhum deles.

Ela deu a sua gargalhada rápida. — O que é que figurava?

Ele estendeu a mão e agarrou-lhe nos cabelos. — Esta cor é verdadeira?

— Essa é uma pergunta abominavelmente indelicada.

— Uma merece outra — ripostou ele.

— Se eu responder à tua, tu respondes à minha?

— Não.

— Então acho que vamos ambos de ter de usar a nossa imaginação. — Jessica riu-se de novo e começou a levantar-se, mas a mão no cabelo impediu-a.

O sorriso perplexo que ela lhe deu desapareceu rapidamente. Os olhos dele estavam fixos nos dela, escuros, intensos, e pela primeira vez legíveis. Desejo. Quente, eléctrico, um desejo inquietante. E ela sentiu-se atraída para ele, já excitada por um olhar. Sentiu medo pela primeira vez. Ele ia tomar dela uma coisa que ela não recuperaria facilmente, se conseguisse recuperar de todo. Ele puxou-a e ela resistiu. Numa defesa instintiva contra um medo nebuloso, Jessica pôs as mãos no peito dele.

— Não. Não é isto que eu quero. — *É sim, é*, diziam os olhos dela enquanto as mãos o empurravam.

Num movimento rápido ela estava debaixo dele sobre a areia. — Eu avisei-te que não te ia tratar como uma senhora.

A boca dele baixou sobre a dela, tomou e provocou. O medo foi enterrado numa avalanche de paixão. Ao saboreá-lo, ela respondeu de forma avassaladora, selvagem e livre. Jessica esqueceu o que tinha a perder e sentiu simplesmente. A língua dele perscrutou-a lentamente, seduzindo habilmente, enquanto os lábios esmagavam os dela numa exigência interminável e intensa. Ela respondeu, querendo irracionalmente, desejando desesperadamente. Então ele afastou a boca da dela para passar ao rosto, como que para absorver a textura da pele dela apenas através do sentido do paladar.

Ela ansiava ter os lábios dele sobre os seus, virando a cabeça à procura. Então, subitamente, com toda a força, ele enterrou os lábios no pescoço dela, arrancando-lhe um gemido. A areia fazia sons sussurrantes quando ela se movia, desejando que o prazer atroz que ele estava a provocar nunca mais parasse.

As mãos dela enfiaram-se por debaixo da camisola dele, subindo até às omoplatas e músculos das costas, descendo depois pela rija linha de costelas até à cintura. O ar húmido cheirava a sal e a mar e vagamente ao odor almiscarado da paixão. A boca dele encontrou novamente a dela, infalivelmente, enquanto a água estourava como trovões contra as rochas. Ela sentiu os lábios dele moverem-se contra os seus, embora não tivesse entendido o significado do murmúrio que emitiram. Só o tom – um vago tom a desespero furioso – foi perceptível. Então as mãos dele começaram a investigar, com uma meticulosidade dolorosa, desde as ancas até aos seios, demorando-se nestes como se tivessem aprisionadas pela suavidade. Ela não estava ciente do sol que lhe batia nas pálpebras fechadas nem da areia áspera sob as costas. Naquele momento só existiam os lábios e as mãos dele.

Dedos calejados percorriam-lhe a pele, arranhando, acendendo novos fogos enquanto alimentavam os já existentes. Ele mordeu selvaticamente o lábio inferior dela, chupando-o e mordiscando-o até os suspiros dela se transformarem em gemidos. Num súbito frenesi, Jessica arqueou-se contra ele, centro contra centro pulsante. Ganga roçava contra ganga numa barreira fina e frustrante.

Com um gemido, Slade enterrou a cara nos cabelos dela, imergindo no aroma enquanto tentava controlar-se. Mas ele sabia que não ia conseguir controlar-se, com o sabor, odor e textura do corpo dela subjugando-o.

Com um palavrão abafado, ele rolou de cima dela e levantou-se de um salto antes que ela lhe pudesse tocar e levá-lo à loucura.

Slade inspirou com dificuldade, deixando o ar arrefecer-lhe o calor que radiava através dele. Só podia estar doido para quase a ter possuído, pensou. Passaram-se segundos. Ele conseguiu contá-los pelo som da respiração instável dela atrás dele. E da sua.

— Jess...

— Não, não digas nada. Eu já percebi. — A voz dela era rouca e vacilante. Quando ele se virou para trás, ela já se tinha levantado para sacudir a areia do corpo. O brilho do sol matinal iluminava-lhe o topo da cabeça e a brisa soprava-lhe os cabelos para trás. — Tu mudaste de ideias. Toda a gente tem direito a isso. — Quando ela ia a passar por ele, Slade agarrou-lhe num braço. Jessica tentou soltar-se, mas não conseguiu, e depois empinou o queixo.

Mágoa. Slade conseguia perceber isso perfeitamente sob a raiva contida nos olhos dela. Era melhor assim, disse para si mesmo. Mais inteligente. Mas as palavras saíram-lhe da boca antes que ele conseguisse impedi-las. — Preferias que tivéssemos feito amor na praia como uns adolescentes?

Ela esquecera-se onde estavam. Lugar e tempo não tinham interessado quando a necessidade de amar tinha sido superior. Só lhe feriu mais o orgulho o facto de ele se ter lembrado e ter tido controlo suficiente para parar. — Preferia que não me tocasses de novo — respondeu ela com frieza. Baixou os olhos até à mão que a segurava e depois ergueu-os de novo lentamente. — A partir deste momento.

Ele apertou-a ainda com mais força. — Avisei-te uma vez para não abusares da sorte.

— Abusar? — retorquiu Jessica. — Não fui eu que comecei isto. Eu não queria isto.

— Não, não foste tu quem começou. — Ele agarrou-a então pelos ombros e deu-lhe três abanões. — E eu também não queria, por isso deixa-me em paz.

Os dentes dela bateram ao terceiro abanão. Se anteriormente a dor tinha suplantado a raiva, naquele momento a maré tinha mudado. Furiosa, Jessica afastou-lhe as mãos. — Não te atrevas a gritar comigo! — gritou ela, ainda mais alto que ele. Atrás deles a água enrolava-se sobre a rocha, erguendo-se depois num spray tumultuoso. — E não insinues que me atirei a ti porque não fiz nada disso. — Com os braços presos, teve de abanar a cabeça para afastar os cabelos do rosto. Os olhos cintilavam atrás das madeixas ondulantes. — Conseguia pôr-te de joelhos se quisesse!

Os olhos dele tornaram-se fendas cinzentas. Raiva misturada com uma certeza desconfortável de que ela provavelmente conseguia. — Eu não me ajoelho por mulher nenhuma, muito menos uma idiota ranhosa que usa perfume como arma.

— Idiota... — Interrompeu ela, soltando perdigotos. — *Ranhosa!* — consegui eu dizer depois de um momento de indignação. — Seu, seu imbecil egotista! — Incapaz de pensar numa defesa melhor, atirou uma mão contra o peito dele. — Espero que não tenhas posto nenhuma mulher naquele teu romance porque não percebes patavina! Nem sequer pus perfume! E não ia precisar... — Respirando com dificuldade, Jessica perdeu a voz. — De que diabos te estás a rir?

— Estás corada — disse-lhe ele. — É giro.

Os olhos dela cintilaram numa fúria dourada. A intenção de violência era nítida no passo que ela deu em direcção a ele. Levantando as mãos, palmas para fora, Slade recuou.

— Tréguas? — Ele não tinha a certeza quando nem como, mas algures no decorrer da sua diatribe a raiva tinha simplesmente desaparecido. Ele quase se sentia arrependido. Brigar com ela era quase tão estimulante como beijá-la. Quase.

Jessica hesitou. A raiva ainda não desaparecera, mas havia algo bastante apelativo no modo como ele estava a sorrir para ela. Era um sorriso amistoso e continha alguma admiração. Ela teve a perfeita noção de que era o primeiro sorriso completamente sincero que ele lhe dava. E era mais importante que a raiva dela.

— Talvez — disse ela, nada disposta a ser demasiado condescendente tão rapidamente.

— Fixa as tuas condições.

Após um momento de reflexão, ela apoiou as mãos nas ancas. — Retira a idiota ranhosa.

O brilho de puro humor nos olhos dele agradou-a. — Se retirares o imbecil egotista.

Regatear era o maior vício dela. Jessica dobrou os dedos e observou as unhas. — Só o imbecil. O resto fica.

Ele enganchou os polegares nos bolsos da frente das calças de ganga. — És dura de roer.

— Podes crer.

Quando ele estendeu a mão, deram um solene aperto de mãos. — Mais uma coisa. — Como já tinham tratado da raiva, Slade queria tratar da mágoa. — Eu não mudei de ideias.

Ela não falou. Após um instante ele pousou um braço sobre os ombros dela e começou a conduzi-la de volta aos degraus da praia. Sem demasiado esforço, bloqueou a voz incomodativa que lhe dizia que estava a cometer um erro.

— Slade.

Ele olhou para ela quando chegavam ao pequeno arvoredo no cimo das escadas. — O que foi?

— O Michael vem cá jantar hoje.

— Ok, eu fico fora do caminho.

— Não. — Ela falou demasiado depressa, depois mordeu o lábio. — Não. Na verdade, estava a pensar se poderias...

— Fazer de chaperon? — terminou ele secamente. — Tem cuidado, Jess, estás outra vez perto de te tornar idiota.

Recusando-se a ficar irritada, ela parou no meio do relvado e voltou-se para ele. — Slade, tudo o que disseste na praia é verdade. Eu já me tinha dito as mesmas coisas. Mas eu amo o Michael... quase da mesma forma que amo o David. — Quando franziu simplesmente o sobrolho, ela suspi-

rou. — O que tenho de fazer esta noite custa. Só queria algum apoio moral. Seria um pouco mais fácil se estivesse presente ao jantar. Depois eu trato do assunto sozinha.

Relutante e resignado, Slade expirou longamente. — Só durante o jantar. E ficas a dever-me uma.

Horas mais tarde Jessica andava de um lado para o outro na sala de estar. Os saltos altos batucavam mo chão de madeira, silenciavam-se sobre o tapete persa e depois batucavam de novo. Ela estava contente por David ter um compromisso. Teria sido impossível ter escondido o seu estado de espírito dele, e igualmente impossível ter-lhe contado o que se estava a passar. A relação de negócios entre ela e Michael estava prestes a ficar comprometida. Jessica não queria acrescentar mais problemas. Talvez Michael decidisse até demitir-se. Ela odiava a ideia.

Oh, seria sempre possível substituir um comprador, mas eles tinham sido sempre tão cúmplices, formavam uma equipa tão boa. Fechou os olhos e amaldiçoou-se. Não conseguia evitar pensar em Michael associado à loja. Tinha sempre sido assim. Talvez se se tivessem conhecido antes da sociedade, como ela e David, os sentimentos fossem diferentes. Jessica entrelaçou as mãos. Não, simplesmente não existia aquela... faísca. Se existisse, a loja nunca teria interferido.

Ela sentira a faísca uma ou duas vezes na vida – aquele sobressalto que diz talvez, talvez seja desta. Com Slade não tinha havido nenhuma faísca, reflectiu ela. Tinha havido uma erupção. Irritada, Jessica abanou a cabeça. Não queria estar a pensar em Slade naquele momento, nem das duas vezes turbulentas em que estivera nos seus braços. Tinha de se concentrar em Michael e em como lhe dizer que não sem o magoar.

Antes de entrar na sala, Slade parou para a observar. *Sempre em movimento*, pensou ele; mas desta vez havia nervos por debaixo da energia. Ela estava a usar um vestido preto muito simples e muito sofisticado e tinha o cabelo apanhado numa trança sobre um ombro. Ao olhar para ela, Slade teve um momento de solidariedade para com Michael. Não seria fácil amar uma mulher como aquelas e perder. A não ser que Michael fosse um parvo chapado, bastava olhar para a cara dela para perceber a resposta. Ela nem precisava de abrir a boca.

— Ele vai sobreviver, Jess. — Quando ela se virou, Slade dirigiu-se a passos largos ao armário das bebidas. — Existem outras mulheres, sabes? — Ele estava a ser deliberadamente ríspido, deliberadamente cínico, sabendo qual seria a reacção dela. Mesmo de costas para ela, Slade teve a impressão de sentir uma súbita vaga de calor irradiar dos olhos dela.

— Espero que um dia te apaixonones a sério, Slade. — retorquiu Jessica. — E espero que ela te dê com os pés.

Ele serviu-se de um whisky. — Não existe nenhuma hipótese disso acontecer — disse ele com descontração. — Queres uma bebida?

— Bebo um pouco disso. — Ela aproximou-se, arrancou-lhe o copo da mão e bebeu um grande gole.

— É para ganhares coragem? — perguntou ele quando ela engoliu, controlando um sorriso.

Ela semicerrou-lhe os olhos enquanto a bebida lhe queimava a garganta. — Estás a ser propositadamente desagradável.

— Pois estou. Não te sentes melhor?

Com uma gargalhada descontrolada, ela enfiou-lhe de novo o copo na mão. — És um homem difícil, Slade.

— És uma mulher linda, Jessica.

As palavras dele desnortearam-na por completo. Ela já as ouvira dezenas de vezes da boca de dezenas de pessoas, mas não lhe tinham feito o sangue fervilhar. Mas também, os elogios não eram coisa habitual na boca de um homem como Slade, pensou ela. E, de alguma forma, ela sentia que ele não estava a referir-se apenas à beleza física. Não, ele era um homem que tinha visto para além do observável.

Os olhares fixaram-se um no outro, um pouco demais para conforto. Ocorreu a Jessica que estava mais perto de perder algo vital para si naquele momento do que estivera naquela manhã na praia.

— Deves ser muito bom escritor — murmurou ela quando se afastou para se servir de um copo de vermute.

— Porquê?

— És muito frugal com as palavras, e o teu *timing* é inquietante. — Como estava de costas para ele, Jessica permitiu-se humedecer nervosamente os lábios. O relógio sobre a lareira anunciou melodiosamente a hora. — Não quererás escrever-me um discurso antes de o Michael chegar, não?

— Passo, obrigado.

— Slade... — Hesitando apenas por breves instantes, Jessica voltou-se para ele. — Não devia ter-te dito tudo o que disse hoje de manhã na praia. Não é justo para o Michael que tu saibas, e não é justo para ti eu ter-te despejado assim a história da minha vida. És uma pessoa a quem é fácil confidenciar coisas porque escutas demasiado bem.

— Faz parte do meu trabalho — disse ele por entre dentes, pensando na interminável lista de interrogatórios com suspeitos, testemunhas, vítimas.

— Estou a tentar agradecer-te — disse Jessica curtamente. — Não podes aceitar graciosamente?

— Não me agradeças até eu ter feito alguma coisa — ripostou ele.

— Preferia sufocar antes de voltar a agradecer-te. — Ela despejou um pouco de vermute no copo no momento em que soou a campainha da porta.

Nenhum dos homens estava satisfeito por partilhar a refeição com o outro, mas esforçaram-se ao máximo. A conversa geral rumou com facilidade em direcção ao tema da loja.

— Ainda bem que ficaste lá algumas horas, Michael. — Jessica picava o camarão à Dijon em vez de o comer. — Não acho que o David esteja pronto ainda para um dia normal de trabalho.

— Ele pareceu-me bastante bem. E, de qualquer forma, as segundas-feiras têm habitualmente pouco movimento. — Ele fez girar o vinho no copo, dando pouco mais atenção ao jantar do que Jessica. — Preocupas-te demasiado, querida.

— Não estiveste cá a semana passada. — Desfez um pãozinho em pedacinhos minúsculos.

Sem dizer nada, Slade passou-lhe a manteiga. Olhando para baixo, Jessica viu o que tinha feito e pegou no vinho.

— Estava suficientemente bem hoje para vender a arca Connecticut à Sra. Donnigan — comentou Michael depois de reparar na troca de olhares.

— O David vendeu uma coisa à Sra. Donnigan? — A surpresa inicial transformou-se em humor. — Devias conhecê-la, Slade. É uma ianque de gema que consegue esticar um dólar como um pedaço de elástico. O Michael é que lhe costuma vender coisas. Eu vendo-lhe ocasionalmente, mas o David... — Calou-se e sorriu. — Como é que ele conseguiu?

— Fazendo-se muito relutante em separar-se dela. Quando eu entrei ele estava a levá-la em direcção à arca de noqueira, dizendo-lhe que quase prometera a outra a um cliente.

Ela teve um ataque de riso. — Bem, parece que o nosso menino está a aprender. Vou ter de ceder e deixá-lo ir contigo para a Europa da próxima vez.

Michael franziu por breves momentos o sobrolho ao prato e depois espetou muito deliberadamente um camarão. — Se é o que queres.

Ela ficou imediatamente enervada. Antes que Jessica conseguisse passar a uma nova linha de conversa, Slade interveio perguntando o que era uma arca Connecticut. Ela lançou-lhe um olhar rápido de agradecimento e deixou Michael falar.

Porque é que eu disse aquilo? – interrogou-se ela. *Como pode ser tão insensível a ponto de me esquecer que ele me tinha pedido para ir com ele para a Europa da próxima vez?* Suspirando discretamente, Jessica pôs-se a brincar com o jantar. *Não vou conseguir tratar como deve ser deste assunto*, pensou. *Não vou conseguir, não.*

Quão diferentes eram. Ocorreu-lhe assim que viu os dois homens a conversar descontraidamente. Michael, com os gestos finos, tão aprimorado na voz como nos modos, elegantemente vestido. Jessica reflectiu que nunca o vira em nada mais descontraído do que um pólo e calças de golfe. Era todo charme civilizado e sexualidade sofisticada.

Slade raramente gesticulava. Era como se soubesse que a linguagem corporal podia denunciar os seus pensamentos. Não, tinha uma estranha capacidade para a imobilidade. E ela não diria que era desleixado, embora preferisse calças de ganga e camisolas grossas. Não charmoso, mas encantador, decidiu ela. E a sexualidade dele era tudo menos sofisticada. Animal.

Slade fazia perguntas sobre antiguidades quando não poderia querer saber menos do assunto. Assim daria a Jessica alguns momentos para recuperar a compostura que quase perdera. Também poderia dar-lhe a oportunidade de formar uma opinião mais concreta sobre Michael. Parecia bastante inofensivo, reflectiu Slade. Um menino bonito com inteligência suficiente para subir na vida. Ou inteligência suficiente para ser um dos degraus da escada do contrabando. Não o mais alto, pensou Slade instintivamente. Não tinha estômago suficiente para isso.

Era o tipo de homem com quem via Jessica. Fino, inteligente. E era bastante bem-parecido, para quem gostava do estilo. Aparentemente, Jessica não gostava. Não tinham sido amantes. Slade ponderava isto enquanto ouvia Michael. Que tipo de homem podia estar perto daquela mulher dia após dia e não fazer amor com ela, ou enlouquecer? – indagou-se ele. Michael tinha conseguido conter-se durante quase três anos. Slade achava que não seria capaz de o fazer durante tantos dias. Ou Michael Adams estava loucamente apaixonado por Jessica ou era mais esperto do que parecia. Reparando na forma como Michael olhava ocasionalmente para ela, Slade sentiu uma ponta de solidariedade. Loucamente apaixonado ou não, ela não lhe era indiferente.

Michael bebeu mais um pouco de vinho e tentou continuar uma conversa que estava a começar a detestar. Ele conhecia Jessica. Ah, sim, pensou ele fatalisticamente, conhecia Jessica. E vira a resposta nos olhos dela. A única mulher que lhe interessava nunca ia ser sua.

Os três sentiram-se aliviados quando Betsy chegou com a bandeja do café. — Menina Jessica, se não começar a comer mais do que isso a cozinheira vai despedir-se de novo.

— Se ela não se demitisse uma vez por mês, ia estragar o horário do pessoal todo — disse Jessica com descontração. Comida era algo que podia dispensar depois de resolver as coisas com Michael.

— Vou levar uma chávena para a biblioteca. — Slade estava levantado

a servir-se de café antes que Betsy conseguisse objectar. — Tenho umas coisas para terminar esta noite.

— Ok. — Jessica tomou cuidado para não olhar para ele. — Vamos tomar o nosso na sala de estar, Michael. Não, não, Betsy, eu levo — continuou ela quando a governanta começou a resmungar. Slade desapareceu antes que ela conseguisse levantar a bandeja. — Serve-te de brandy — disse ela a Michael quando entraram na sala. — Eu vou tomar só o café.

Ele serviu-se generosamente de brandy. Betsy tinha acendido a lareira enquanto eles jantavam. O lume crepitava com uma alegria que nem Jessica nem Michael estavam a sentir. Mantendo-se afastado, ele observou-a servir café da cafeteira de porcelana para chávenas de porcelana. O conjunto tinha um delicado padrão de violetas sobre um fundo marfim. Michael contou cada pétala antes de falar.

— Jessica. — Os dedos dela apertaram a asa da canequinha de natas e ele praguejou baixinho. Estranho que nunca a tivesse desejado mais do que no momento em que tinha a certeza que nunca a teria. Tinha sido demasiado confiante que quando chegasse a altura tudo se encaixaria simplesmente. — Não queria fazer-te infeliz.

Os olhos dela ergueram-se para se cruzarem com os dele. — Michael...

— Não, não precisas de dizer nada, está estampado no teu rosto. A única coisa que nunca foste capaz de fazer bem foi esconder sentimentos. — Tomou um grande golo de brandy. — Não te vais casar comigo.

Desembucha, ordenou ela a si própria. — Não, não posso. — Levantou-se e aproximou-se dele. — Quem me dera sentir de forma diferente, Michael. Quem me dera ter sabido há mais tempo o que sentias por mim.

Ele olhou para o brandy – a mesma cor dos olhos dela e igualmente intoxicante. Pousou o cálice. — Teria feito alguma diferença se te tivesse pedido há um ano atrás? Há dois anos?

— Não sei. — Ela ergueu os ombros. — Mas como somos basicamente as mesmas pessoas que éramos nessa altura, não me parece. — Tocou no braço dele, desejando ter melhores palavras, mais meigas. — Eu gosto de ti, Michael. Deves saber isso. Mas não posso dar-te o que queres.

Levantando uma mão, ele envolveu-lhe a nuca. — Não posso dizer-te que não iria tentar fazer-te mudar de ideias.

— Michael...

— Não, não vou pressionar-te agora. — Apertou-lhe suavemente o pescoço. — Mas tenho a vantagem de te conhecer bem... saber do que gostas, do que não gostas. — Pegou na mão dela e beijou-lhe a palma. — Também te amo o suficiente para não te perseguir. — Com um sorriso, largou-lhe a mão. — Vemo-nos amanhã na loja.

— Sim, está bem. — Jessica entrelaçou as mãos. Não sentira nada para além de tristeza quando ele lhe beijara a mão. — Boa noite, Michael.

Quando a porta da frente se fechou atrás dele, ela permaneceu onde estava. Já não lhe apetecia café, e já não tinha energia para levar a bandeja até à cozinha e ter de enfrentar Betsy e a cozinheira. Deixando as coisas como estavam, Jessica dirigiu-se às escadas.

— Jess? — Slade travou-a com uma palavra. Entrou no hall no momento em que ela parou no segundo degrau. — Está tudo bem?

Subitamente ela queria muito chorar – virar-se, correr para os braços dele e chorar. Em vez disso, atirou-lhe: — Não, não está. Porque raios estaria?

— Fizeste o que tinhas de fazer — disse ele calmamente. — Ele não se vai atirar de nenhum penhasco.

— Que é que sabes sobre isso? — ripostou ela. — Não tens sentimentos. Não sabes como é gostar-se de alguém. Temos que ter coração para sentirmos dor. — Virou-se, correu escada acima e quando chegou a meio parou. Fechando os olhos com força, Jessica deu um soco no corrimão. Depois de inspirar profundamente, voltou-se e desceu novamente. Ele estava ao fundo, à espera.

— Desculpa.

— Porquê? — Como as palavras dela o tinham atingido mais profundamente do que ele gostaria, Slade encolheu os ombros. — Acertaste em cheio.

— Não, não acertei. — Cansada, Jessica massajou as têmporas. — E não tenho o direito de te usar como saco de pancada. Hoje deste-me imenso apoio, e estou-te muito grata por isso.

— Não precisas — disse Slade ao afastar-se.

Desta vez foi a vez de ela o travar. — Slade. — Ele deu mais dois passos, praguejou e depois virou-se de novo para ela. Os olhos dele estavam escuros e furiosos, como se o pedido de desculpa dela tivesse inflamado mais o estado de espírito dele do que os insultos. — Compreendo que possas ter outra opinião, mas não se vai parar ao Inferno por se ser amável.

Dito isto, deixou-o a olhar para ela e continuou a subir as escadas.

Duas da manhã. Jessica ouviu o antigo relógio Seth Thomas do corredor a tocar duas badaladas musicais. O corpo dela estava exausto, mas a mente recusava-se a descansar. O barulho da máquina de escrever de Slade tinha parado há mais de uma hora. Ele conseguia dormir, pensou ela com aversão virando-se de barriga para cima para fitar, de novo, o tecto. Mas também, ele não estava num tumulto emocional.

Recomeçou a pensar em Michael e suspirou. *Não, sejamos honestos, Jessica, ordenou a si mesma. Não é o Michael que te está a manter acordada, é o homem duas portas mais à esquerda.*

Sozinha no escuro, no emaranhado de suaves lençóis de linho, Jessica conseguia sentir a aspereza da areia contra as costas, o calor do sol e o corte do vento no rosto. A pressão do corpo dele sobre o dela. Desejo agitava-se no corpo cansado, acordando sensações que ela se esforçava por acalmar. Jessica sentiu o desejo passar lentamente do estômago para os seios. Saltou rapidamente da cama e enfiou um robe. Só precisava de uma bebida quente para a acalmar, decidiu, quase freneticamente. Se isso não resultasse, ligaria a televisão até algum filme antigo a fazer adormecer. De manhã estaria de novo em ordem. Iria regressar ao trabalho e manter-se fora do caminho de Slade até ele terminar o trabalho na biblioteca e voltar para o sítio de onde tinha vindo.

Jessica saiu do quarto e deslocou-se silenciosamente de pés descalços pelo corredor. Parou frente à porta de Slade e chegou a pousar a mão na maçaneta antes de cair em si. Céus, o que é que tinha na cabeça?! Deslocando-se rapidamente, dirigiu-se às escadas. Talvez um brandy fosse melhor ideia do que a bebida quente, decidiu.

Como de costume, desceu silenciosamente os degraus, evitando os locais que rangiam e gemiam. Brandy e um filme antigo, disse para si mesma. Se isso não a fizesse dormir, nada faria. Ao ver as portas da sala de estar fechadas, franziu o sobrolho. Quem teria feito uma coisa daquelas? – indagou-se. As portas nunca estavam fechadas. Encolhendo os ombros, decidiu que Slade as devia ter fechado antes de subir para escrever. Atravessou o hall e abriu uma porta.

Uma luz cegou-a. Entrou-lhe directamente nos olhos, obrigando-a a levantar uma mão para os proteger. Primeiro veio o choque. Ela recuou, espantada com a claridade, confusa quanto à sua origem. Antes de conseguir

falar, Jessica paralisou. Luz de lanterna. Não devia estar ninguém na sala fechada com uma lanterna a meio da noite. Medo percorreu-lhe friamente a pele, alojando-se depois como um punho na garganta. Sem pensar mais nada, virou-se e correu escada acima.

Slade acordou no momento em que a porta do quarto se abriu. Uma sombra correu em direcção à sua cama e ele agarrou-a instintivamente, torceu-a e prendeu-a debaixo dele. A figura soltou uma lufada de ar quando aterrou em cima do colchão. No momento do contacto ele percebeu que tinha agarrado Jessica.

— Que diabos estás a fazer? — perguntou ele enquanto a segurava pelos pulsos. O odor dela inundou-lhe os sentidos; desejo instantâneo enrouqueceu-lhe a voz.

Sem ar, Jessica esforçava-se por falar. O medo fê-la estremecer debaixo dele. — Lá em baixo — conseguiu ela dizer. — Está alguém lá em baixo.

Ele ficou tenso, mas fez uma voz descontraída. — Um empregado.

— Às duas da manhã?! — disse ela quando a fúria começou a instalar-se. De repente, Jessica deu-se conta de que ele estava nu e que o robe dela se tinha aberto quando ele a tinha puxado para cima da cama. Engolindo em seco, debateu-se debaixo dele. — Com uma lanterna?

Ele saiu de cima dela rapidamente. — Onde?

— Na sala de estar. — Jessica voltou a fechar o robe, tentando fingir que não tinha, nem por um minuto, sido enfraquecida pelo desejo. Observou a sombra dele enquanto ele enfiava umas calças. — Não vais lá abaixo, pois não?

— Não era isso que esperavas que eu fizesse quando entraste aqui? — retrucou ele. Abriu uma gaveta e retirou a arma.

— Não, não estava a pensar de todo. A polícia. — Estendeu a mão e acendeu a luz. — Temos de chamar... — A frase morreu assim que ela viu o que ele tinha na mão. Um novo nó de pavor subiu-lhe à garganta. — Onde é que arranjaste isso?

— Fica aqui.

Ele estava quase à porta quando Jessica conseguiu tirar o corpo dormente de cima da cama. — Não! Não podes ir lá com uma arma. Slade, como...

Ele travou-a agarrando-lhe violentamente no ombro. Quando os olhos dele se fixaram nela, estavam gélidos e inexpressivos. — Quieta! — ordenou ele, fechando firmemente a porta na cara dela.

Demasiado chocada para fazer diferente, Jessica olhou fixamente para a madeira. Que diabos se estaria a passar? — indagou-se enquanto levava as mãos às faces. Era uma loucura. Alguém a bisbilhotar a sala de estar no meio da noite. Slade manuseando uma arma como se tivesse nascido com

ela na mão. Uma pilha de nervos, começou a andar de um lado para o outro. Estava tudo demasiado sossegado, pensou ela enquanto entrelaçava e desentrelaçava os dedos. Demasiado sossegado. Ela não podia simplesmente ficar ali parada.

Slade tinha acabado de concluir uma rápida passagem pelo primeiro andar quando o rangido nos degraus o fez virar-se. Viu Jessica recuar contra a parede, olhos esbugalhados, quando voltou a arma para ela.

— Raios!! — A palavra explodiu sobre ela enquanto ele baixava a arma. — Disse-te para ficares lá em cima!

Ela teve tempo suficiente para registar que já tinha visto a atitude que ele tinha tido com a arma em centenas de séries policiais. Então começaram os tremores. — Não consegui. Ele foi-se embora?

— Parece que sim. — Agarrando na mão dela, Slade arrastou-a para a sala. — Fica aqui. Vou ver lá fora.

Jessica sentou-se numa cadeira e esperou. Estava escuro; o ténue luar lançava sombras pela sala. Numa atitude defensiva, Jessica enfiou os pés debaixo dela e cruzou os braços, agarrando nos cotovelos. Medo era algo com que raramente lidara. E não estava a reagir muito bem naquele momento. Fechou os olhos por um momento e obrigou-se a respirar fundo.

À medida que os tremores acalmavam, ela começou a concentrar-se. O que fazia um escritor com um revólver? Porque é que ele não tinha chamado a polícia? Uma suspeita surgiu de nenhures e ela afastou-a. Não, isso era ridículo... Não era?

Quando, dez minutos depois, Slade regressou à sala, ela não se tinham mexido da cadeira.

Com um movimento rápido, ele ligou o interruptor inundando a sala de luz. — Nada — disse abruptamente embora ela não tivesse dito nada. — Não há sinal de ninguém nem de um arrombamento.

— Eu vi alguém — começou ela, indignada.

— Não disse que não viste. — Então ele saiu de novo, deixando a resposta seguinte na boca dela. Regressou sem a arma. — O que é que viste? — Quando fez a pergunta, começou a investigar melhor a sala.

De sobrolho franzido, Jessica observou os movimentos experientes. — As portas da sala estavam fechadas. Quando as abri, uma luz bateu-me nos olhos. Luz de lanterna. Não consegui ver nada.

— Está alguma coisa fora de sítio?

Ela continuou a observar a busca hábil e profissional enquanto ele perscrutava a sala. Não, a suspeita não era ridícula, apercebeu-se ela com um nó no estômago. Fazia bastante sentido. *Ele já fez isto. Ele já usou aquela arma.*

— Quem és tu?

Ele ouviu a frieza na voz dela quando se agachava em frente do armário das bebidas. Não faltava nenhum cristal. Slade não se voltou. — Sabes quem eu sou, Jess.

— Não és escritor.

— Sou, sim.

— O que é? — perguntou ela sem rodeios? — Sargento? Comandante?

Ele pegou na garrafa de brandy e serviu-o num cálice. Estava perfeitamente controlado. Aproximou-se dela e estendeu-lhe o copo. — Sargento. Bebe isto.

Ela olhou-o directamente nos olhos. — Vai para o Inferno.

Encolhendo os ombros, Slade pousou o copo ao lado dela. Uma calma mortal apoderou-se dela, aplacando a ferroadada da traição. — Quero-te fora da minha casa. Mas antes de saíres — disse ela em voz baixa, — quero que me digas porque vieste. Foi o tio Charlie que te mandou, não foi? Ordens do comissário?

Slade ficou calado, ponderando quanto teria de lhe contar para a satisfazer. Ela estava pálida, mas já não devido ao medo. Estava completamente furiosa.

— Ok. — Mantendo os olhos nos dele, ela levantou-se. — Então vou ligar pessoalmente para o teu comissário. Pode arrumar a máquina de escrever e a arma, sargento.

Ela ia ter de saber tudo, decidiu ele, desejando fugazmente um cigarro. — Senta-te, Jess. — Como ela não se mexeu, ele empurrou-a de volta para a cadeira. — Cala-te e ouve-me — sugeriu quando ela abriu a boca para gritar com ele. — Suspeita-se que a tua loja esteja ligada a uma grande operação de contrabando. Crê-se que a mercadoria roubada seja escondida nalguns objectos importados e depois transferida a um contacto deste lado, provavelmente através da venda desse objecto. — Ela já não estava a tentar falar, mas simplesmente a olhar fixamente para ele como se ele tivesse enidoidecido. — A Interpol quer o cabecilha e não os subalternos que já estão sob vigilância. Ele conseguiu escapar outras vezes; eles não querem que isso volte a acontecer. Tu, a tua loja e as pessoas que trabalham para ti estão sob observação até ele ser detido ou a investigação conduzir a outra coisa. Entretanto o comissário quer-te segura.

— Não acredito numa só palavra.

Mas a voz dela estava trémula. Slade enfiou as mãos nos bolsos. — A minha informação bem como as minhas ordens vêm do comissário.

— Isso é ridículo. — A voz já estava mais forte, com uma ponta de escárnio. — Achas que uma coisa dessas podia estar a passar-se na minha loja sem eu me aperceber de nada? — Quando estendeu o braço para pegar no copo de brandy, Jessica reparou na expressão nos olhos dele. A mão dela

paralisou sobre o copo e depois largou-o. — Estou a compreender — disse ela calmamente. A dor foi direitinha ao estômago. — Trouxe também as algemas, sargento?

— Pára com isso, Jess. — Como não suportava a forma como ela estava a olhar para ele, Slade virou-se para deambular pela sala. — Eu disse que o comissário te queria protegida.

— Fazia parte do teu trabalho atrair-me o suficiente a ponto de eu ser indiscreta? — Quando ele se virou para trás, ela levantou-se de um salto para encarar a fúria dele com a sua. — Fazer amor comigo faz parte do trabalho?!

— Nem sequer comecei a fazer amor contigo. — Furioso, Slade agarrou nas lapelas do robe dela quase a fazendo levantar do chão. — E não teria aceite esta maldita missão se soubesse que me ias dar a volta à cabeça sempre que eu olho para ti. O FBI acha que tu és inocente. Não compreendes que isso só te coloca numa posição ainda mais perigosa?

— Como é que posso compreender alguma coisa quando ninguém me diz *nada*? — retorquiu ela. — Que tipo de perigo poderia eu estar a correr?

— Isto não é nenhum jogo, Jess. — frustrado, ele abanou-a. — Um agente foi assassinado a semana passada em Londres. Ele estava muito perto de descobrir quem é o manda-chuva. O último relatório dele mencionava duzentos e cinquenta mil dólares em diamantes.

— E o que é que isso tem a ver comigo?! — Jessica afastou-se abruptamente dele. — Se eles acham que existem diamantes escondidos numa das minhas importações, eles que venham cá ver. Podem desmontar a mobília, peça a peça.

— E afugentar o cabecilha — retorquiu Slade.

— Como é que tu sabes que não sou eu? — Uma forte dor de cabeça veio piorar a má disposição. Jessica pressionou a têmpora. — Sou eu que dirijo a loja.

Ele observou os dedos magros dela massajarem a dor de cabeça. — Não sozinha.

Ela parou. Muito lentamente, Jessica baixou a mão. — O David e o Michael? — sussurrou ela. A incredulidade deu lugar à fúria. — Não! Não permito que os acuses!

— Ainda ninguém está a acusar ninguém.

— Não, estás aqui para nos espiar.

— Agrada-me tanto quanto a ti.

— Então porque é que estás aqui?

O escárnio deliberado no tom dela fê-lo ter vontade de a estrangular. Ele falou lenta e violentamente. — Porque o comissário não queria que a afilhada acabasse com o lindo pescoço cortado.

Ela empalideceu mas manteve o olhar fixo no dele. — Quem me faria mal a mim? Ou ao David ou ao Michael? Até tu deves ver o quão absurdo isso é.

— Ficarias surpreendida se soubesses o que as pessoas são capazes de fazer para sobreviver — disse ele sucintamente. — De qualquer forma, há outras pessoas envolvidas. Pessoas do tipo que não te considerariam mais do que um obstáculo dispensável.

Ela não queria pensar nisso — não podia se não queria ter um ataque de histeria. *Sê prática*, ordenou a si mesma. *Sê lógica*. Então pegou no brandy e bebeu profusamente antes de falar. — Se pertences à polícia de Nova Iorque, não tens jurisdição aqui.

— O comissário tem muitos conhecimentos. — A leve cor que regressou às faces dela aliviou-o. Ela era mais forte do que parecia. — De qualquer forma, não estou aqui oficialmente por causa do contrabando.

— Então porque é que estás aqui? Oficialmente.

— Para não te meteres em trabalhos.

— O tio Charlie devia ter-me avisado.

Slade ergueu os ombros e olhou em volta. — Pois, talvez. Não há forma de sabermos se ele estava à procura de alguma coisa aqui ou se estava apenas de passagem para outra assoalhada. Não da forma como está disposta esta casa. — Franziu o sobrolho e passou uma mão pelo peito nu. — Vês aqui alguma coisa fora de sítio?

Jessica seguiu o olhar dele. — Não. Não me parece que ele tenha conseguido ficar aqui muito tempo. Tu só paraste de escrever à uma da manhã. Não seria mais lógico ele ter esperado que todas as luzes se apagassem antes de arrombar a casa?

Ele começou a lembrá-la de que não tinha havido nenhum arrombamento, mas depois mudou de ideias. Se era melhor para ela acreditar que se tinha tratado de um estranho, talvez ela dormisse melhor. Slade pensou em David, que tinha um quarto na ala este do primeiro andar. — Tenho de enviar o meu relatório. Vai deitar-te.

— Não. — Recusando-se a admitir que não tinha coragem de ir lá para cima sozinha, Jessica pegou de novo no copo de brandy. — Eu espero.

Jessica sentou-se enquanto ele se dirigiu ao telefone do hall. Ela evitou ouvir a conversa, embora esta fosse travada num tom tão baixo que ela teria de se ter esforçado para a ouvir. A sua loja, pensou. Como é que era possível a sua loja estar envolvida numa coisa tão irreal como contrabando internacional? Se não fosse algo tão assustador, ela ter-se-ia rido.

Michael e David. Abanou rapidamente a cabeça e fechou os olhos. Não, nisso ela não acreditava. Tinha de haver qualquer engano, e, a seu

tempo, a polícia ou o FBI ou quem quer que fosse que estava atrás dela iria perceber isso.

Tinha entrado um ladrão na sala de estar. Era tão simples quanto isso. Betsy não se tinha queixado já uma dúzia de vezes por ela não ter sistema de alarme? A imagem de Slade com a arma na mão materializou-se muito nitidamente na sua mente. Era algo que ela não conseguia esquecer.

Quando ele regressou à sala, Jessica estava muito quieta, de olhos fechados. Havia olheiras por debaixo deles. O que ele acabava de saber ao telefone não ia ajudá-las a desaparecer, mas talvez uma boa noite de sono ajudasse.

— Anda — disse ele bruscamente, tentando não amolecer, quando os olhos dela se abriram de repente com o susto. — Estás cansada. Sobe e toma um comprimido se não consegues adormecer. E amanhã não vais à loja.

— Tenho de ir — começou ela.

— A partir de agora tens de fazer o que te dizem — corrigiu ele. — Vais estar mais segura aqui, onde posso manter-te debaixo de olho. A partir deste momento não saís de casa sem mim. Não discutas. — Agarrou na mão dela e obrigou-a a levantar-se. — Nesta altura não tens escolha; vais ter de confiar em mim.

Ela confiava. Jessica apercebeu-se, quando ele a puxava escada acima, de que tudo o resto era uma confusão pegada; pelo menos isso era claro. Aquela primeira impressão muito rápida que ela tivera quando quase embatera nele ao fundo das escadas tinha sido correcta. Com ele estava segura.

— Não gosto de saber que és polícia — murmurou ela.

— Pois, eu também nem sempre me sinto satisfeito com isso. Vai para a cama, Jess. — Largou-lhe o braço quando chegaram à porta do quarto dela. Antes que ele conseguisse afastar-se, Jessica agarrou-lhe na mão.

— Slade... — Ela detestava o que ia pedir, odiava admitir a si própria, quanto mais a ele, que estava apavorada com a ideia de ficar sozinha. — Eu... — Desviou o olhar da impaciência nos olhos dele e olhou para dentro do quarto escuro. — Podes ficar?

— Já te disse que recebi ordens do comissário.

— Não, não é isso... — Humedeceu os lábios. — Quero dizer comigo... esta noite.

Olhou para ele, pálida, suave, vulnerável. Ele sentiu o sangue começar a bombear no peito. Em defesa, a voz foi brusca e fria. — Quando vou para a cama com uma mulher, tenho tendência a dar-lhe a minha total atenção. E agora não tenho tempo para isso.

Ela sentiu uma agitação que era simultaneamente pânico e excitação. — Não estou a pedir-te para fazeres amor comigo, mas apenas para não me deixares sozinha.

Ele permitiu-se olhá-la de alto a baixo. Pele quente, curvas suaves e seda azul-clara. — Achas que era capaz de passar a noite contigo e não te possuir?

— Não. — A resposta foi rápida e discreta. A agitação transformou-se em furacão.

Num movimento rápido calculado para assustar, Slade encostou-a à porta. — Não tens experiência para lidar comigo, minha menina. — Não com grande gentileza, apertou-lhe o pescoço. Sentiu na palma o latejar frenético da pulsação dela, mas o olhar... o olhar dela era destemido. Ele desejava-a com um desespero que ameaçava pôr tudo o resto de lado. — Não pertenço ao clube dos meninos educados, Jess — disse-lhe ele numa voz perigosamente baixa. — Não sabes os lugares por que já passei, as coisas que já fiz. Podia mostrar-te truques que fariam o teu amante francês parecer um escuteiro. Se eu decidisse que te queria, não tinhas como fugir-me.

Ela mal conseguiu ouvi-lo devido ao batimento do próprio coração. Os olhos estavam turvos de desejo. — Qual de nós é que vai fugir, Slade? — Ela sentia os braços pesados, mas levantou-os. Num movimento lento, ela passou as mãos pelas costas nuas dele. Ele retesou. Os dedos no pescoço dela apertaram com mais força. Ela pressionou o corpo contra o dele.

— Raios, Jess! — Com um gemido, a boca dele desceu para vandalizar a dela.

Ela ficou completamente desorientada, mas manteve-se firme. Era aquilo que queria — a paixão tresloucada que ele podia despertar-lhe num simples contacto. O beijo não foi apaixonado; não foi um amoroso fundir de lábios, uma suave brincadeira de línguas. Foi loucura. Jessica abdicou da sanidade sem pensar duas vezes. Ele que lhe ensinasse o que quisesse.

Ele rasgou-lhe o robe ali mesmo e depois cedeu ao desejo incontrolável de passar as mãos pelo corpo dela. Mais suave, incrivelmente mais suave do que ele imaginara, a pele dela parecia deslizar sob os dedos dele. Em poucos segundos ele pô-la a tremer; um estremecimento forte e convulsivo atrás do outro. As coxas dela eram magras e fortes. Percorrendo-as com uma mão, ele descobriu-a e levou a respiração ofegante dela a um pico desconcertante até ela cair sem forças nos braços dele.

Slade praguejou de novo, sabendo que não conseguiria parar. Tinha prometido a si mesmo que a trataria duramente e que depois se afastaria — para a poupar... para se poupar. Naquele momento ela estava húmida e quente e suplicante nos seus braços. O cheiro dela inundava o ar, seduzindo-o. Slade abanou a cabeça, tentando clarear as ideias, mas ela levou os lábios ao pescoço dele, murmurando roucamente o nome dele.

Ele estava com ela na cama, sem se dar conta se a teria arrastado o levado até lá.

Jessica remexia-se debaixo dele, respondendo delirantemente ao beijo dele enquanto Slade a percorria toda com as mãos. Ele não lhe dava oportunidade de se orientar. Debaixo dela havia um emaranhado de lençóis, o tecido macio das calças de ganga dele roçavam contra as suas pernas, mas ela só se dava conta do furacão. Ele respirou ofegantemente para o ouvido dela antes de a penetrar com a língua.

Numa viagem alucinante que lhe pôs a cabeça a andar à roda, ele percorreu-lhe o pescoço com a língua e mordidelas até chegar ao vale entre os seios. Ela arqueou-se, os mamilos rijos de tesão, mas ele continuou a descer com a língua ao longo da linha das costelas. Meio louca, ela enterrou os dedos nos cabelos dele, querendo que ele a possuísse antes de ela explodir, desejando que o prazer torturante não acabasse nunca.

Ele regressou avidamente ao seio dela, deixando um trilho molhado com a língua que a fez estremecer de calor e depois frio. Os dentes de Slade mordiscaram o mamilo enrijecido enquanto com a ponta de um dedo começava a fazer tortuosos movimentos lentos circulares em redor do outro. Lábios e dedo não pararam até ela se contorcer toda debaixo dele. Ele chupou um mamilo, prendendo o outro entre polegar e indicador. Jessica gritou quando o prazer duplo explodiu e depois perdeu-se em ondas de prazer.

Começou a puxar as calças dele, mas Slade afastou-se. Sem a restrição ele sabia que a possuiria naquele instante. E não estava ainda pronto. Ele sentira a paixão dela, sabia que estava ali latente, mas agora sentia-se envolto num calor que não previra. Ela estava completamente enlouquecida de desejo. Ele queria levá-la – levar ambos – ao clímax.

O odor almiscarado parecia emanar da pele dela onde quer que ele enterrasse os lábios. O corpo dela era esguio, quase demasiado esguio, mas tinha uma sedutora suavidade feminina que o fazia querer continuar a tocar e a saborear até não restar mais nenhum pedacinho por explorar. Quando passou a boca sobre a barriga, ela gemeu e cravou as unhas nos ombros dele para o empurrar para baixo. Ele podia ouvir o seu nome nos lábios trémulos de Jessica por entre a respiração entrecortada. Mas quando a língua encontrou o centro de prazer dela, tudo o resto se perdeu.

Ele conduziu-a a clímax após clímax. Exausta, Jessica ansiava por mais. A pele dela estava fundida à dele, ambos quentes e molhados de prazer. O corpo dela estava espantosamente vivo, latejando devido aos milhares de pontos que ele descobrira e explorara. Ela já nem sequer era capaz de preferir o nome dele. Juntos lutaram contra a última barreira de roupa que os separava. Ela encontrou as ancas dele, longas; as coxas, firmes e musculadas.

Vieram-se juntos selvaticamente, cada um arquejando devido ao choque de poder.

Ela não conseguia parar de tremer. Os tremores prolongaram-se muito após Slade se deitar, em silêncio, ao seu lado. O corpo estava dorido. E brilhava. *Fizemos amor ou guerra?* – indagou-se Jessica ainda zozza. O que quer que tivesse acontecido entre eles nunca lhe tinha acontecido antes, e ela tinha a certeza de que nunca iria acontecer com outro homem.

Nenhuma das suas inibições tinha vindo à tona – ele não o teria permitido. Haveria mais algum homem com a força dele, a intensidade, a... selvajaria? Não para ela, constatou Jessica rebolando instintivamente ao encontro dele. Nunca tinha existido, nem iria existir mais ninguém para ela. Ela tinha perdido aquela parte vital para ele muito antes de terem ido para a cama – o coração.

Oh, eu amo-te, independentemente de quem ou do que sejas, pensou ela. *E a maneira mais segura de te afastar de mim agora é dizer-to*. Fechando os olhos, Jessica pousou a cabeça no ombro de Slade. *Já estás a perguntar-te como é que perdeste o controlo a ponto de me trazeres para a cama*, concluiu ela com uma acuidade instintiva. *Já estás a perguntar-te como é que poderás evitar que isto aconteça novamente. Mas eu não vou perder-te*. A promessa formou-se com firmeza enquanto ela passava uma mão pelo peito dele. *Não me vais escapar, Slade; esbraceja o quanto quiseres*. Beijou-o suavemente desde o ombro até ao pescoço.

— Jess. — Slade ergueu uma mão para a parar. Ele nunca seria capaz de pensar com clareza com ela a tocá-lo. Se queria sair da areia movediça em que se estava a enterrar rapidamente, precisava de pensar.

Jessica beijou simplesmente os dedos que surgiram no seu caminho e depois levou os lábios até ao rosto dele. — Abraça-me — murmurou ela. — Quero os teus braços à minha volta.

Com algum esforço, Slade resistiu ao pedido e aos lábios macios que insistiam em enublar-lhe o cérebro. — Jessica, isto não é inteligente. Temos...

— Não quero ser inteligente, Slade — interrompeu ela. Ajeitou-se para ficar com a cabeça mesmo acima da dele, os lábios mesmo acima dos dele. — Não fales, não esta noite. — Quando os dedos dela deslizaram pelo tronco dele, ela teve a satisfação de sentir o tremor rápido e involuntário. — Eu desejo-te. — Delineou os lábios dele com a língua. Jessica sentiu o súbito bater do coração dele contra o peito. — Tu desejas-me. É só isso que interessa esta noite.

Na escuridão ele conseguia ver as nuvens claras de cabelo, a pele iluminada pelo luar e a sombra projectada pelas maçãs-do-rosto salientes. E viu o fogo âmbar nos olhos dela antes da boca dela se apoderar da dele.

Slade acordou ao lado dela. Ela estava a dormir profundamente, a respiração lenta e regular. Havia sombras debaixo das pestanas, manchas escuras contra a pele clara. O braço dele envolvia a cintura fina; durante o sono, ele traía-se ao querê-la mais próxima. Partilhavam a mesma almofada. Slade passou vários minutos a amaldiçoar-se antes de se levantar da cama. Jessica nem se mexeu. Ele agarrou nas calças e foi para o seu quarto tomar um duche.

Deliberadamente, Slade abriu a torneira da água fria. Não se saturar o suficiente com ela na noite anterior? – perguntou-se furiosamente quando o spray gelado o atingiu como agulhas. Tinha de acordar a desejá-la? Aquele tipo de desejo devorador ia interferir com o seu trabalho. Slade teve de relembrar vezes sem conta a si próprio que Jessica era um trabalho, apenas um trabalho.

E na breve conversa telefónica da noite anterior, tinham-lhe dito o suficiente para ele perceber que ela estava agora numa posição ainda mais delicada. Alguém queria alguma coisa que estava em casa dela – alguém em que ela confiava. Saber de quem se tratava não seria suficiente. Slade tinha de descobrir o que era. Ou, melhor, o FBI tinha de descobrir o que era, corrigiu ele amargamente. Tinha de se manter colado a ela até estar tudo terminado.

Porque diabos não me deixam tirá-la daqui para fora? – pensou ele numa nova explosão de fúria. A ordem ao telefone tinha sido firme e indiscutível. Jessica ficava. A investigação não podia ser prejudicada. Ela ficava, repetiu Slade em silêncio. E ele não podia perdê-la de vista durante as quarenta e oito horas que se seguiam. Isso não incluía dormir com ela, lembrou a si próprio enquanto deixava a água fria cobrir-lhe a cabeça. Isso não incluía envolver-se de tal forma a ponto de esquecer o que estava a fazer ali. E como é que era suposto ele viver na mesma casa com ela agora que lhe tocara?

Slade agarrou no sabonete e ensaboou-se com violência. Talvez o sabão limpasse o odor almiscarado que parecia ter-se entranhado na sua pele.

...

Quando acordou, Jessica estendeu o braço para lhe tocar. Ele tinha desaparecido, bem como a paz dela. As poucas horas de sono tinham-na deixado completamente tensa em vez de relaxada. Se ele estivesse lá, se ela pudesse tê-lo visto ao acordar, não teria sentido aquela sensação de perda.

David e Michael. Não, ela não queria nem pensar nisso. Jessica tapou a cara com as mãos e esforçou-se por afastar o pensamento. Mas então viu a expressão gélida nos olhos de Slade quando ele apontara a arma em sua direção. *É loucura, é um erro. Duzentos e cinquenta mil dólares. Interpol. David e Michael.*

Incapaz de suportar, saltou da cama. Precisava de arejar a cabeça, de pensar. A casa parecia-lhe uma prisão. Jessica vestiu-se rapidamente e dirigiu-se à praia.

Quando, dez minutos depois, Slade regressou ao quarto dela para ver como é que ela estava, a cama estava vazia. O pânico rápido era tão incharacterístico como amador. Slade verificou rapidamente a casa de banho e a salinha antes de descer as escadas. Não encontrou Jessica na sala de jantar, mas Betsy.

— Onde está ela? — perguntou ele.

Betsy limpou o lugar que tinha posto para Jessica e depois franziu-lhe o sobrolho. — Parece-me adoentada, interrogo-me se ela terá apanhado a gripe do David. Está na praia — continuou ela antes que ele pudesse dar-lhe uma dentada.

— Sozinha?

— Sim, sozinha. Nem sequer levou aquele rafeiro gigante com ela. Disse que hoje não vai trabalhar, e... — Betsy colocou as mãos nas ancas e fez cara feia enquanto ele se afastava. — Bem — resmungou ela, e deu um estalido com a língua.

Estava frio. Esconder o coldre debaixo do casaco foi simples. Quando chegou aos degraus da praia, Slade já tinha esgotado quase todos os palavrões. Tudo o que ele lhe dissera na noite anterior não tinha servido de nada? Viu-a sentada perto da rebentação e desceu os degraus a correr.

Jessica ouviu-o aproximar-se e virou-se. O que quer que pudesse ter dito ficou preso na garganta quando ele a agarrou pelos ombros e a abanou.

— *Sua idiota!* O que é que estás a fazer aqui sozinha? Não sabes o perigo que corres?

A mão dela saiu disparada e pregou-lhe uma bofetada em cheio na face. O estalo espantou ambos, fazendo olhos furiosos cruzarem-se com olhos furiosos em rápida surpresa. — Não me grites — ordenou ela, afaçando automaticamente a pele que as mãos dele tinham magoado. — Não tenho de aturar isso de ninguém.

— Vais ter de aturar de mim — disse ele calmamente. — Desta vez passa, Jess, mas lembra-te que eu costumo dar o troco. O que é que estás a fazer aqui?

— Estou a dar uma volta — disse ela bruscamente. — Pedi ao David para ficar a tomar conta da loja, de acordo com as suas ordens, sargento.

Então estamos de regresso a isso, reflectiu ele enfiando as mãos nos bolsos. O cabelo esvoaçava em redor do rosto. — Ok. A minha próxima ordem é que não podes sair de casa até eu dizer.

O fogo nos olhos dela foi subitamente toldado por lágrimas. Abraçando-se, ela virou-lhe as costas. Tinha-lhe mostrado raiva, tinha-lhe mostrado paixão, mas recusava-se a mostrar-lhe fraqueza. — Prisão domiciliária? — disse ela com a voz embargada.

Ele preferia que ela lhe desse outro estalo do que estivesse a chorar. — Custódia protectora — ripostou ele. Com um suspiro, colocou as mãos nos ombros dela. — Jess...

Ela abanou rapidamente a cabeça, sabendo que palavras amáveis a debilitariam completamente. Quando sentiu a testa dele encostada ao cimo da sua cabeça, Jessica fechou os olhos com força.

— Não desmorones agora — murmurou ele. — Não será por muito tempo. Quando tudo terminar...

— Quando terminar o quê? — interrompeu ela em desespero. — Vais prender uma das pessoas mais chegadas a mim? É suposto eu estar desajosa que isso aconteça? — Jessica inspirou profundamente, abriu os olhos e olhou para o mar. A água estava agitada, cinzenta com espuma branca. Aproximava-se uma tempestade, pensou ela sem qualquer emoção. O céu estava a ficar carregado.

— É suposto sobreviveres a hoje — disse-lhe ele, apertando-a com mais força. — Depois é suposto sobreviveres a amanhã.

A vida, reflectiu ela. É assim que é suposto viver-se? É isto que ele sente? — Porque é que me deixaste sozinha hoje de manhã?

As mãos dele largaram-lhe os ombros. Sem se virar, Jessica percebeu que ele tinha recuado. Reunindo coragem, virou-se de frente para ele. Tinham regressado todas as defesas. Se o corpo dela não estivesse ainda dorido devido à loucura da noite anterior, ela poderia ter pensado que tinha sido tudo fruto da sua imaginação. O homem que estava naquele momento a olhar para ela não manifestava qualquer ponta de emoção.

— Vais dizer-me que foi um erro — conseguiu ela dizer após um momento. — Que foi algo que não devia ter acontecido e que não voltará a acontecer de novo. — Ergueu o queixo enquanto amor batalhava com orgulho. — Não te dês ao trabalho.

Ele devia tê-la deixado ir. Ele tencionava deixá-la ir. Sem pensar, Slade agarrou-lhe um braço, envolvendo-o cuidadosamente com os dedos como se estivesse a medir-lhe o tamanho e a força. — Vou dizer-te que foi um erro — disse ele lentamente. — Algo que não devia ter acontecido. Mas não posso dizer-te que não acontecerá novamente. Não consigo estar perto de ti e não te desejar.

...

O homem ajeitou-se sob o arvoredor. Com movimentos metódicos, abriu a pasta e começou a encaixar as peças da carabina. Naquele momento estava a prestar pouca atenção às duas figuras na praia. Uma coisa de cada vez. Era essa uma das razões para o seu sucesso naquela área. Tinha feito o contrato há quatro horas e estava relativamente satisfeito por faltar pouco mais do que isso para o cumprir.

Depois de olhar em volta, sacou de um lenço. O vento não estava a ajudar em nada a rinite. Mas também, dez mil dólares davam para comprar muitos anti-histamínicos. Depois de espirrar suavemente, voltou a guardar o lenço e apontou a arma para as figuras na praia.

...

Jessica sentiu alguma da força regressar. — Então porque é que foi um erro?

Slade soltou um suspiro de impaciência. *Porque eu sou um polícia que já viu coisas que nunca te poderia contar. Porque te desejo tanto – não só agora, neste instante, mas amanhã e daqui a vinte anos – e isso assusta-me.*

— Azeite e água, Jess; tão simples como isso. Querias dar uma volta, vamos dar uma volta. — Tirando a mão do braço dela, entrelaçou os dedos com os dela e depois afastou-se da beira-mar.

...

Ele baixou a carabina quando Slade tapou Jessica. O contrato era apenas para a mulher, e negócio era negócio. O vento agitava o sobretudo castanho-claro e enfiava-se por debaixo do mesmo. Fungando, o homem pegou novamente no lenço e sentou-se à espera.

...

Jessica deu um pontapé num seixo. — És escritor, não és?
— Tento convencer-me disso.

— Então porque é que fazes isto? Não gostas... percebe-se.

Não era suposto perceber-se. O facto de ela conseguir ver o que ele tinha conseguido esconder a todos – incluindo ele próprio, de vez em quando – enfureceu Slade. — Olha, eu faço o que tenho de fazer, o que sei. Nem todos têm escolha.

— Não — discordou ela. — Todos têm escolha.

— Tenho uma mãe que serve à mesa e que vive à custa de uma pensão de polícia. — As palavras explodiram, detendo-a. — Tenho uma irmã no terceiro ano da faculdade que tem a oportunidade de ser alguém. Não se pagam propinas com manuscritos rejeitados.

Jessica levou as mãos ao rosto dele. Tinha as palmas frias e suaves. — Então fizeste a tua escolha, Slade. Nem todos os homens teriam feito a mesma. Quando chegar a altura, e conseguires que te publiquem um livro, terás tudo.

— Jess. — Agarrou nos pulsos dela, mas segurou-os por uns instantes em vez de afastar as mãos dela da cara. A pulsação dela acelerou assim que ele lhe tocou, provocando nele uma resposta imediata. — Tu perturbas-me — murmurou ele por entre dentes.

— E tu não gostas disso. — Ela inclinou-se para ele e baixou as pálpebras.

Ele apertou-a com força, devorando a boca ansiosa. Estava tão fria como as mãos mas aqueceu rapidamente sob a dele. Já descontrolado, Slade agarrou-lhe nos cabelos, afastando-lhe a cabeça. Ela abraçou-o pelo pescoço, prendendo-o na suavidade, na fragrância, no desejo.

A nuca dele foi apanhada na mira a laser de uma carabina de alta potência com um silenciador sofisticado.

— Jess. — Os lábios dele moveram-se de encontro aos dela. Ele afastou-se apenas o suficiente para a aconchegar mais contra o peito, segurando-se a ela enquanto tentava controlar-se. — Estás cansada — disse ele quando a ouviu suspirar. — Vamos para casa. Devias dormir mais um bocado.

Ela deixou-o colocá-la ao lado dele. *Paciência*, pensou. *Este não é um homem que se entrega com facilidade*. — Não estou cansada — mentiu ela, caminhando com a mesma cadência dele. — Que tal dar-te uma ajudinha na biblioteca?

— Era só isso que me faltava — resmungou ele, erguendo os olhos. No seu campo de visão periférica, reparou em algo branco entre a escassa folhagem do arvoredo. Ficou imediatamente tenso, músculos retesando quando se esforçou para ver o que era. Não era mais do que um

agitar de folhas, facilmente causado pelo vento. Depois de novo uma mancha branca.

— Eu sou ótima a organizar quando quero — afirmou Jessica pondo-se à frente dele. — E... — Ela ficou sem ar quando Slade a empurrou para o chão atrás de um pequeno aglomerado de rochas. Ela ouviu um ruído que parecia de pedra batendo contra pedra. Antes de conseguir recuperar fôlego, ele já tinha sacado da arma. — O que é? O que se passa?

— Não te mexas. — Ele nem sequer olhou para ela, mas manteve-a presa atrás dele enquanto os seus olhos perscrutavam a praia. Os de Jessica olhavam fixamente para a arma.

— Slade?

— Ele está no meio do arvoredo, a uns três metros para a nossa direita — calculou ele, pensando em voz alta. — É uma boa posição; ele não se vai mexer. Pelo menos por enquanto.

— Quem? — perguntou ela. — Do que é que estás a falar?

Ele olhou fugazmente para ela, gelando-a com a expressão dura e fria que ela já vira anteriormente. — O homem que acabou de atirar contra ti.

Ela ficou quieta e rígida como uma estátua. — Ninguém atirou contra mim, eu não ouvi...

— Ele tem silenciador. — Slade ajeitou-se por forma a ter um melhor panorama dos degraus da praia. — É um profissional, vai esperar que saiamos daqui.

Jessica lembrou-se do ruído estranho que ouvira quando Slade a atirara para o chão. Pedra contra pedra. Bala contra rocha. Começou a sentir-se zozona e a visão a ficar turva. A pouca distância escutou a voz de Slade e tentou não desmaiar. Ouvindo o batimento do coração nos ouvidos, tentou focá-lo de novo. Ele ainda estava a olhar para os degraus da praia.

— ... sabemos que ele está lá.

— O quê?

Impacientemente, Slade olhou para ela. Jessica estava completamente pálida. Os olhos estavam baços e distantes. Ele não podia permitir que ela se desse ao luxo de entrar em estado de choque. — Sai dessa e escuta-me — disse ele rispidamente, segurando-lhe o rosto com uma mão. — O mais provável é ele não saber que demos pela presença dele. Acha provavelmente que estamos aqui atrás a fazer amor. Se ele se tivesse apercebido, teria tratado de mim em vez de esperar para conseguir apanhar-te. Bem, só precisas de fazer uma coisa, Jess. Estás a perceber?

— Uma coisa — repetiu ela, anuindo com a cabeça.

— Fica quieta.

Ela quase desatou a rir às gargalhadas histéricas. — Isso parece-me uma boa ideia. Quanto tempo achas que vamos ter de ficar aqui?

— Tu ficas até eu voltar.

Os braços dela envolveram-no rapidamente e com uma força desesperada. — Não vais sair daqui! Ele mata-te!

— És tu quem ele quer — disse Slade enquanto se soltava dos braços dela. — Quero que faças exactamente o que eu disser.

Pôs-se em cima dela e conseguiu despir o casaco, tirando depois o col-dre do ombro. Depois de desentalar a camisa das calças, prendeu a arma no cóis atrás das costas. — Vou levantar-me e caminhar em direcção aos degraus. Ele vai pensar que tu não quiseste nada ou que já terminamos e que tu vais ficar mais um pouco.

Ela não se agarrou a ele porque sabia que era inútil. Ele ia fazer como bem entendia. — E se ele disparar contra ti? — perguntou ela. — Morto darias um rico guarda-costas.

— Se ele quiser fazer isso, vai fazê-lo assim que eu me levantar — disse-lhe Slade, segurando-lhe de novo no rosto. — E, nesse caso, tu ficas com a arma. — Beijou-a, rápida e violentamente, antes que ela pudesse falar. — Quieta, Jess. Já volto.

Levantou-se com descontração, ainda a olhar para ela. Jessica contou dez longos e silenciosos segundos. Tudo nela parecia estar a funcionar em câmara lenta. O cérebro, o coração, os pulmões. Se estava a respirar, não se dava conta. Estava totalmente apavorada. Slade sorriu para ela. Entorpecida, ela indagou-se se o sorriso seria para si ou para o homem no arvoredo.

— Aconteça o que acontecer, não saís daqui. — Slade virou costas e caminhou descontraidamente até aos degraus da praia. Enfiou os polegares nos bolsos, como se não estivesse minimamente tenso, e esperou. Um fio de suor rolou costas abaixo.

Morto darias um rico guarda-costas. As palavras de Jessica não lhe saíam da cabeça enquanto ele subia lentamente os degraus. Ele sabia o quão perto estivera aquela bala silenciosa. Estava a arriscar, não apenas a sua vida mas também a de Jessica.

Risco calculado, lembrou a si mesmo. Às vezes era preciso jogar com as probabilidades. Começou a contar os degraus. Cinco, seis, sete... Não era muito provável que o atirador tivesse a carabina apontada a ele naquele momento. Devia estar à espera que Jessica saísse de trás das rochas. Dez, onze, doze... *Ter-me-á dado ouvidos desta vez?* — pensou ele sentindo uma pontada de pânico. *Não olhes para trás. Por amor de Deus, não olhes para trás.* Só restava uma maneira de a manter segura.

Assim que chegou ao topo, Slade sacou da arma e correu para as árvores.

O tapete de folhas secas iria denunciá-lo. Slade deu graças por isso. O ruído iria desviar a atenção do homem. Correu aos ziguezagues em direcção ao local onde vira o movimento. Assim que se escondeu atrás de um

carvalho, ouviu um ruído seco e viu lascas de tronco saírem disparadas a poucos centímetros do seu ombro.

Foi por pouco, pensou. Mas o seu cérebro já estava completamente sob controlo. O homem ficaria a saber que ele tinha estragado o contrato. Tal como ficaria a saber, se algo acontecesse a Slade, que a polícia estava envolvida. A arma e distintivo de Slade diriam ao profissional tudo o que ele precisava de saber.

Pacientemente, Slade aguardou. Cinco infundáveis minutos transformaram-se em dez. O suor estava a ficar frio nas suas costas. Nenhum dos homens podia mover-se sem fazer barulho, por isso nenhum se mexia. Um pássaro, assustado pela entrada tempestuosa de Slade no arvoredo, regressou para pousar num ramo e cantar alegremente. Um esquilo apanhava bolotas a menos de três metros de distância. Slade não pensava de todo, esperava apenas. As nuvens espessas começavam a aglomerar-se, tapando completamente o Sol. Agora o arvoredo estava frio e sombrio. O vento agitava com força a camisa desfraldada.

Ouviu-se um espirro abafado no meio da folhagem. Slade saltou instantaneamente em direcção ao ruído, atirando-se para o chão e rebolando quando viu de relance o homem e a carabina. Sem mais demoras, disparou três vezes.

...

Jessica estava entorpecida por um medo mais gelado que o vento que vinha do braço de mar. Era só isso que conseguia ouvir – o vento e a água. Outrora adorara o som, o vento uivante, o impacto da água contra as rochas. Olhando para o céu, observou as nuvens engrossarem. Com uma mão agarrou no casaco que Slade tinha despido. O cabedal era liso e frio, mas ela conseguia sentir o cheiro dele. Concentrou-se nisso. Se conseguia sentir-lhe o cheiro, ele ainda estava vivo. Se ela se concentrasse nisso o tempo suficiente, ele sobreviveria.

Demasiado tempo! – gritou a sua mente. *Já passou demasiado tempo.* Os dedos apertaram com mais força o casaco. Ele tinha dito que regressaria. Ela ia acreditar nisso. Com as pontas dos dedos, tocou nos lábios e sentiu-os frios. O calor que ele lá tinha deixado tinha desaparecido há muito.

Eu devia ter-lhe dito que o amo, pensou ela em desespero. *Devia ter-lhe dito antes de ele se ir embora. E se...* Não, não ia sequer pensar nisso. Ele ia voltar. Ainda dorida, ajeitou-se por forma a poder ver os degraus da praia.

Ouviu os três disparos rápidos e paralisou. A dor que sentia no peito fê-la mexer. Os pulmões gritavam por ar. Meio zozna, Jessica ordenou a si mesma para respirar antes de se pôr de pé e fugir. O medo fazia-a trapa-

lhona. Tropeçou duas vezes quando subia os degraus. Chegou ao arvoredor, deslizando sobre folhas e ramos secos.

Slade virou-se assim que a ouviu. Foi rápido, mas não suficientemente rápido para evitar que ela visse o que ele fizera questão de esconder. Jessica estacou no momento em que o alívio se transformou em choque e o choque deu lugar a tremores.

Praguejando, ele pôs-se à frente dela, bloqueando-lhe a vista. — Nunca me vais dar ouvidos? — perguntou ele, puxando-a depois para os seus braços.

— Ele está... tu... — Incapaz de terminar, fechou os olhos. Não ia ficar nauseada, ordenou a si mesma. Não ia desmaiar. Um dos botões da camisa dele fez-lhe pressão na face e ela concentrou-se na dor. — Estás ferido?

— Não — disse ele. Aquele aspecto da sua vida nunca devia ter chegado a ela, repreendeu-se. Ele devia ter garantido isso. — Porque é que não ficaste na praia?

— Ouvi os tiros. Pensei que ele te tinha matado.

— Então terias feito um lindo serviço ao teres vindo a correr para aqui. — Afastou-a, olhou para a cara dela e voltou a abraçá-la. — Já está tudo bem.

Pela primeira vez o tom dele foi suave e amoroso. Isso fê-la desmornar como gritos e raiva nunca teriam feito. Ela começou a chorar convulsivamente, enterrando os dedos de uma mão na camisa dele e os da outra segurando ainda o casaco de cabedal.

Sem dizer nada, Slade conduziu-a para fora do arvoredor. Sentou-se na relva e depois puxou-a para o colo e deixou-a chorar. Sem saber o que mais fazer, embalou-a, acariciou-a e murmurou.

— Desculpa — conseguiu ela dizer, ainda a chorar. — Não consigo parar.

— Deita tudo cá para fora, Jess. — Roçou os lábios pela têmpora quente dela. — Desta vez não precisas de ser forte.

Enterrando o rosto contra o peito dele, ela deixou as lágrimas fluírem até se sentir vazia. Quando ela se acalmou, ele afastou-lhe os cabelos do rosto húmido e continuou a embalá-la suavemente. Já há muito que a necessidade de proteger deixara de ser profissional. Se soubesse como, Slade teria bloqueado a manhã da mente dela – tê-la-ia levado para algum lugar onde nada de mal a pudesse tocar.

— Não consegui ficar na praia quando ouvi os tiros.

— Pois. — Ele beijou-lhe o cabelo. — Parece que não.

— Pensei que tinhas morrido.

— Chiu. — Beijou-a com uma ternura que nenhum dos dois sabia que ele tinha. — Devias ter mais fé nos tipos bons.

Ela queria sorrir para ele mas em vez disso abraçou-lhe o pescoço. O contacto era mais uma confirmação de que ele estava vivo e bem. — Oh, Slade. Não tenho a certeza se seria capaz de passar de novo por uma situação destas. Porquê? Por que motivo quereria alguém matar-me? Não faz sentido nenhum.

Ele afastou-a para a olhar nos olhos. Os dela estavam vermelhos e inchados do choro, os dele frios e directos. — Talvez saibas de alguma coisa e ainda nem te tenhas apercebido. O cerco está a apertar, e quem quer que esteja no comando deste negócio é suficientemente esperto para saber isso. Tornaste-te um peso.

— Mas eu não sei nada! — insistiu ela, pressionando as têmporas com as mãos. — Alguém quer matar-me e eu nem sequer sei quem é nem porquê. Disseste que... aquele homem era um profissional. Alguém lhe pagou para me matar.

— Vamos entrar. — Ajudou-a a levantar-se mas ela afastou-se. O choro tinha acabado e a força estava de volta, embora estivesse quase a tocar a histeria.

— Quanto é que eu valho? — perguntou ela.

— Já chega, Jess. — Agarrou-a pelos ombros e deu-lhe um abanão rápido. — Chega. Vais entrar e fazer uma mala. Vou levar-te para Nova Iorque.

— Não vou a lado nenhum.

— Ai isso é que vais — murmurou ele por entre dentes começando a puxá-la em direcção à casa.

Jessica conseguiu soltar-se uma segunda vez. — Escuta-me. É a *minha* vida, a minha loja, os meus amigos. Vou ficar aqui até estar tudo resolvido. Farei o que tu dizes, até certo ponto, Slade, mas não vou fugir.

Ele mediu-a lentamente. — Tenho de comunicar o que se passou aqui. Tu vais já para o teu quarto e esperas lá por mim.

Ela acenou afirmativamente com a cabeça, não confiando na rápida aceitação dele. — Está bem. — Ele acenou afirmativamente com a cabeça, não confiando na dela.

...

Assim que entrou no quarto, Jessica começou a despir-se. Era subitamente de extrema importância que conseguisse esfregar todos os grãos de areia, todos os vestígios do tempo que passara na praia. Abriu a torneira da água quente até a casa de banho estar cheia de vapor. Mergulhou na banheira e susteve a respiração devido ao choque da água quente contra a pele fria, mas pegou no sabão e ensaboou-se vezes sem conta até não sentir mais o odor da água salgada – o odor do próprio medo.

Tinha sido um pesadelo, disse para si mesma. Aquilo era normalidade. Os azulejos verde-claros nas paredes, o feto frondoso na janela, as toalhas cor-de-marfim com o debrum verde-claro que ela tinha comprado no mês anterior.

Há um mês, pensou ela, quando a sua vida era simples. Nessa altura não existia nenhum homem a tentar assassiná-la friamente a troco de dinheiro. David ainda era o irmão que nunca tinha tido. Michael, seu amigo e sócio. Ela nem sequer sabia que existia um homem chamado James Sladerman.

Fechou os olhos e pressionou os dedos quentes sobre as pálpebras. Não, não era nenhum pesadelo. Era realidade. Ela tinha estado enrolada atrás de um aglomerado de rochas enquanto um homem que mal conhecia – e amava – arriscara a vida para proteger a dela. Era terrivelmente real. E ela tinha de enfrentar isso. Tinha-se acabado o tempo em que ela pudera considerar um engano aquilo que Slade lhe dissera. Enquanto confiara cegamente, alguém que amava tinha-a enganado e envolvido. Tinha-a usado.

Quem? – perguntou-se. Quem seria? Teriam David ou Michael ficado impávidos enquanto alguém mandava matá-la? Jessica baixou as mãos e obrigou-se a acalmar. Não, podia acreditar em qualquer outra coisa, mas não nisso.

Slade achava que ela podia saber de alguma coisa sem se dar conta. Se era verdade, ela não estava mais perto da solução do que anteriormente. Jessica deslizou mais para dentro de água e fechou de novo os olhos. Não podia fazer mais nada a não ser esperar.

*

Nada satisfeito com a conversa que tinha tido com o seu contacto, Slade ligou directamente para o comissário.

— Sargento, o que é que tem para mim?

— Alguém tentou matar a Jessica hoje de manhã — respondeu ele secamente.

Seguiu-se um momento de silêncio do outro lado. — Dê-me os pormenores — ordenou Dodson.

Rapidamente e sem qualquer emoção, Slade relatou o que se tinha passado enquanto os nós dos dedos ficavam brancos sobre o auscultador. — Ela não quer sair daqui — terminou ele. — Eu quero-a daqui para fora ainda hoje. Bem, preciso que me dê poder oficial para a pôr sob custódia protectora. Posso pô-la em Nova Iorque em menos de duas horas.

— Assumo que já tenha informado o FBI.

— Os seus amiguinhos querem que ela fique. — Desta vez não tentou disfarçar o amargor na voz. — Não querem que nada interfira com

a investigação nesta fase delicada — citou ele, enfiando um cigarro na boca. — Desde que ela esteja disposta a colaborar, eles não querem tirá-la daqui.

— E a Jessica está disposta a colaborar.

— Ela é uma tola teimosa e obstinada, que está demasiado ocupada a pensar no Adams e no Ryce e naquela rica lojinha dela.

— Vejo que já teve oportunidade de a conhecer — comentou o comissário. — Ela confia em si?

Slade bufou uma nuvem de fumo. — Sim.

— Mantenha-a na casa, Slade. No quarto dela se achar necessário. Os empregados podem achar que ela está doente.

— Eu quero...

— Não interessa o que você quer — interrompeu Dodson abruptamente. — Ou o que eu quero — acrescentou com mais calma. — Se já foi longe ao ponto de ter sido contratado um profissional, ela estará mais segura aí, consigo, do que em qualquer outro lugar. Temos de resolver isto rapidamente antes que se saiba que o homem contratado já não está operacional.

— Ela não passa de isco — disse Slade amargamente.

— Garanta apenas que ela não seja engolida — retorquiu Dodson. — Já tem as suas ordens.

— Pois. Já as tenho. — Enojado, Slade bateu com o auscultador. Olhando para as mãos, apercebeu-se, frustrado, que era como se as tivesse atadas. Ia ter de lidar agora com a recusa dela. A investigação já não lhe interessava. Só ela é que importava. Isso só por si destruía-lhe a objectividade, e, ao fazê-lo, tornava-a vulnerável. Ele gostava demasiado dela para pensar com lógica.

Cerrou as mãos em punhos. Não, *gostar* não era a palavra certa, admitiu lentamente. Estava apaixonado por ela. Quando ou como isso tinha acontecido, não fazia a menor ideia. Talvez tivesse começado no dia em que ela quase embatera nele ao fundo das escadas. E era uma estupidez.

Esfregou as mãos no rosto. Mesmo sem a embrulhada em que estavam metidos, era estupidez. Tinham nascido em lados opostos da vedação, tinham vivido a vida inteira em lados opostos. Ele não tinha o direito de a amar e muito menos de querer que ela o amasse. Ela agora precisava dele, tanto profissional como emocionalmente. Isso iria mudar quando tudo terminasse.

Naquele momento ele não podia dar-se ao luxo de pensar como iria lidar com os seus sentimentos quando Jessica estivesse de novo em segurança. Primeiro tinha de garantir isso. Com uma força lenta e deliberada, esmagou o cigarro e foi ter com ela ao quarto.

Entraram no quarto ao mesmo tempo; Jessica vinda da casa de banho e Slade do corredor. Ela estava embrulhada numa das toalhas cor-de-marfim com o debrum verde-claro. O cabelo pendia molhado sob os ombros enquanto o aroma limpo e acentuado a sabão a envolvia. A pele dela estava corada e brilhante devido à temperatura do banho.

Permaneceram quietos por uns instantes, observando-se mutuamente. Ela conseguiu sentir a frustração, a raiva contida nele, quando ele se virou para fechar a porta.

— Estás bem?

— Sim. — Ela suspirou um pouco porque era quase verdade. — Estou melhor. Não estejas zangado comigo, Slade.

— Não me peças o impossível.

— Está bem. — Precisando de alguma coisa para fazer, ela dirigiu-se à cómoda e pegou na escova. — O que é que fazemos agora?

— Esperamos. — Tenso devido à impotência, Slade enfiou os punhos cerrados nos bolsos. — Tu tens de ficar em casa e deixar os empregados pensarem que estás doente ou apenas cansada. Não podes atender a porta, nem o telefone, nem receber ninguém a não ser que eu esteja contigo.

Ela voltou a pousar a escova com violência e cruzou os olhos com os dele no espelho. — Não vou ficar presa na minha própria casa.

— Ou isso ou a cela — improvisou ele, acrescentando um encolhimento de ombros. — É como preferires.

— Não podes pôr-me numa cela.

— Não te fies nisso. — Encostando-se à porta, Slade ordenou aos músculos que relaxassem. — Vais dançar de acordo com a minha música, Jess. A partir de agora.

A insurreição automática de Jessica foi instantaneamente suprimida quando ela se lembrou dos minutos agonizantes que passara na praia. Ela não estava apenas a arriscar a própria vida, mas também a dele. — Tens razão — murmurou ela. — Desculpa. — Virou-se abruptamente. — Odeio isto! Odeio isto tudo!

— Eu disse à Betsy que não querias ser incomodada — respondeu ele calmamente. — Ela pensa que deves ter apanhado a gripe do David. Vamos deixar que ela continue a pensar assim. Porque não dormes um pouco?

— Não vás — disse ela rapidamente quando ele agarrou na maçaneta da porta.

— Vou para a biblioteca. Precisas de descansar, Jess. Estás exausta.

— Preciso de ti — corrigiu ela aproximando-se dele. — Faz amor comigo, Slade... como de fossemos apenas um homem e uma mulher que querem estar juntos. — Levantou os braços e envolveu-lhe o pescoço. — Não podemos fingir que é verdade apenas por algumas horas?

Ele acariciou-lhe a face com as costas da mão num gesto que ambos acharam estranho. Slade indagou-se se ela saberia que a necessidade dele era tão grande como a dela – a de tocar, de se perder nela. Tão perto, pensou ele enquanto passava os nós dos dedos pelo rosto dela. Estivera tão perto de a perder.

— Estás com olheiras. — A voz dele estava rouca de emoção. — Devias descansar. — Mas os lábios dele já procuravam os dela.

O toque de boca com boca – suave, carinhoso, confortante. Jessica derreteu-se contra ele, dominada pela ternura que arrancara dele. A mão dele ainda estava no rosto dela, deslizando suavemente como que para memorizar os traços. Com um suspiro, Jessica abriu os lábios, amaciando sob os dele até ele achar que ia afundar-se neles.

Tinham estado ali na noite anterior, presos num abraço turbulento de paixão e quase brutal de desejo. A suavidade do beijo dele não era menos excitante.

A pulsação na base do pescoço acelerou quando a ponta do dedo de Slade deslizou até lá. Ela desejava, ele desejava. Pensando apenas nisso, ele levou a mão à toalha e tirou-lha antes de a levar para a cama.

Jessica viu os olhos dele, escuros e intensos, perscrutarem-na quando ela começou a desabotoar-lhe a camisa. Então os dedos dela ficaram presos entre os dois corpos, a boca dele novamente fixa na dela. Na noite anterior ele tinha-a feito voar; agora estava a fazê-la flutuar. Beijos suaves, palavras meigas, ambas coisas inesperadas. Os dedos dele pentearam-lhe os cabelos húmidos, espalhando-o lentamente sobre a almofada.

As mãos dela ficaram livres de novo e, trémulas, terminaram de desabotoar a camisa. Jessica sentiu um estremecimento perseguir as suas mãos exploradoras e ouviu o murmúrio incoerente de Slade quando lhe tirou o resto da roupa. Corpo escaldante contra corpo escaldante, iniciaram a viagem. A chuva começou a salpicar as janelas.

Ele nunca tinha sido um amante carinhoso – intenso, sim, passional, sim, mas nunca carinhoso. Ela tinha libertado alguma coisa nele, algo generoso e terno. Ele desejava-a com a mesma intensidade da noite anterior, mas com a fome vinha a calmante doçura do amor. A emoção pacífica levou cada um a satisfazer as necessidades do outro. *Toca-me aqui. Deixa-me saborear. Olha para mim.* Não havia necessidade de falar quando coração e mentes estavam em sintonia.

Ele percorreu o corpo que já conhecia tão bem. À luminosidade cinzenta e sombria ele venerou-a com mãos, lábios e olhos. Nua, de olhos pesados e pele ruborizada de desejo, Jessica manteve-se quieta enquanto ele a observava com a lenta intensidade que ela reconhecia. Ela era prisioneira por vontade própria num mundo de prazer e sen-

sações. A chuva começou a cair com mais força, o quarto ficou ainda mais escuro.

Levando as mãos às faces dele, Jessica puxou-o para si. Com a língua, delineou lentamente a forma da boca dele e depois mergulhou para lhe beber todos os sabores. Ela absorveu sabores almiscarados e intensos e desejou mais. O desejo subiu ao nível seguinte.

Já com menor suavidade, e menos calma, procuraram um ao outro. Os beijos tornaram-se possessivos, as carícias urgentes. Sob o som da chuva ela ouviu a respiração dele estremecer. Sob a pressão das mãos dela, sentiu os músculos dele retesarem. O prazer fundente que a comandara transformou-se numa necessidade tórrida, catapultando-a para além do quarto cinzento para um lugar de luz branca e fogo dourado.

Queimando, procurando, seduzindo, a boca dele deslizou por ela abaixo até a pele dela derreter. Com uma força apenas recentemente descoberta, ela rebolou para cima dele para completar uma louca viagem numa dança de paixão. A luz já não era branca, mas vermelha; a chama do fogo era azul.

Ela ouviu o seu nome explodir dos lábios dele antes de estes esmagarem os seus. O desejo transformou-se em delírio quando ambos atingiram o clímax. Havia velocidade, força e desespero. Cada vez mais rápido, a boca dele cobria a dela, engolindo os seus suspiros, misturando-os com os seus.

Exausta, Jessica deixou-se ficar debaixo dele. Ele tinha a boca encostada ao pescoço dela e as mãos emaranhadas nos cabelos. A chuva batia contra as janelas, arremessada pelo vento. O corpo dele estava quente e húmido e pesava sobre o dela. Uma sensação de segurança apoderou-se dela, seguida por um cansaço que lhe chegou aos ossos. Slade ergueu a cabeça para ver os olhos dela vítreos de fadiga.

— Agora vais dormir. — Não era uma pergunta. Ele adoçou a ordem com um beijo.

— Ficas comigo? — As palavras foram ditas com dificuldade enquanto ela lutava contra o sono o tempo suficiente para ouvir a resposta dele.

— Vou acender a lareira. — Slade levantou-se, caminhou até à lareira branca e acrescentou papel às acendalhas. O fósforo comprido assobiou quando ele o acendeu. Agachado, ele observou as chamas aumentarem.

Passaram-se minutos, mas Slade manteve-se a olhar fixamente para o fogo sem o estar a ver. Ele sabia o que lhe estava a acontecer. Não, o que lhe tinha acontecido, corrigiu. Estava apaixonado por uma mulher em quem nunca deveria ter tocado. Uma mulher que ele não tinha nada que amar. Uma mulher cuja vida dependia dele, lembrou a si mesmo. Até ela estar fora de perigo, ele não podia dar-se ao luxo de pensar nos próprios sen-

timentos nem nas consequências dos mesmos. Para o bem dela, o polícia tinha de vir em primeiro lugar, o homem em segundo.

Endireitou-se e voltou-se para ela. O choque da manhã tinha finalmente resultado em exaustão. Ela estava deitada de barriga para baixo, uma mão fechada sobre a almofada. O cabelo, agora seco, estava espalhado em leque e o rosto pálido. A respiração era pesada. O fogo lançava uma luz bruxuleante para dentro do quarto que iluminava a pele dela.

Ela era demasiado pequena, demasiado delicada, para lidar com o que tinha acontecido, para lidar com a ameaça do que podia acontecer, pensou ele. E o que é que ele podia fazer por ela? – perguntou a si próprio enquanto a observava. O amor toldava-lhe o raciocínio, afrouxava-lhe os reflexos. Se naquela manhã ele tivesse sido um instante mais lento... Abanando a cabeça, Slade começou a vestir-se. Não podia acontecer de novo. Ia mantê-la dentro de casa nem que tivesse de a acorrentar. Ia mantê-la segura até tudo estar terminado e depois...

Depois sairia da vida dela, prometeu a si mesmo. E tirá-la-ia da sua.

Tapou-a com o lençol e acariciou-lhe por breves instantes os cabelos antes de sair do quarto.

Ao final da manhã, enquanto Jessica dormia, Slade pôs-se à janela da biblioteca que dava para o jardim. Os raios de Sol trespassavam as nuvens e caíam sobre os arbustos e relva molhada. As roseiras estavam nuas e espinhosas. As flores de Outono pendiam molhadas, as suas pétalas dispersas. A tempestade tinha arrancado as folhas aos ramos das árvores, e estas encontravam-se encharcadas e baças no chão. O vento tinha parado.

Alguém tinha deixado Ulisses sair. O cão deambulava pelo chão molhado, farejando aqui e acolá sem qualquer interesse aparente. Ao encontrar um ramo, agarrou-o com os dentes e correu até à praia. Que belo cão de guarda, pensou Slade. Mas também, quem podia censurar o cão por ele não ladrar a alguém que conhecia – alguém que já via na casa há anos?

Esfregando a cara com as mãos, Slade afastou-se da janela. A espera estava a consumi-lo – mais um sinal de que estava a perder a objectividade. Por direito, ele devia tratar daquela parte da missão à sua maneira. Desde que Jessica fizesse o que lhe dissessem, não havia teoricamente forma nenhuma de alguém de fora chegar a ela. O homem que tinha estado na sala na noite anterior estava assustado e por isso não arriscaria a sorte durante o dia numa casa cheia de empregados. Se corresse tudo de acordo com o plano, seria simplesmente uma questão de aguardar até o FBI entrar em acção. Se corresse tudo de acordo com o plano, pensou Slade. Os planos tinham uma grande habilidade para saírem furados quando o elemento humano estava envolvido.

Olhou para o relógio e viu que Jessica estava a dormir há meia hora. Com sorte, dormiria o dia todo. Enquanto dormia estava em segurança – e cada hora passada em segurança aproximava-os cada vez mais do desfecho.

Ociosamente, tirou um livro de uma pilha que tinha começado a organizar. Ela ia ter de arranjar alguém para tratar daquela confusão quando a vida dela acalmasse, pensou. Assim que a vida dela acalmasse, repetiu ele em silêncio, e ele estivesse de novo em Nova Iorque, longe dela. Praguejando, pôs o livro de lado. Iria conseguir alguma vez afastar-se dela? – indagou-se, sentindo algo desconfortavelmente próximo de medo. Oh, ele podia de facto ir para longe dela – ficar a quilómetros de distância. Só precisava de se meter no carro e dirigi-lo na direcção certa. Mas quanto tempo demoraria a tirá-la da cabeça? Isso vê-se depois, disse para si mes-

mo, sentindo-se subitamente muito cansado. Ele não gostava de se preocupar antes do tempo.

— Slade?

Slade virou-se e viu Jessica à porta. Irritou-o o facto de ela estar ali e enfureceu-o o facto de a cara dela ainda estar pálida e os olhos ainda terem olheiras. — O que é que estás a fazer levantada? — perguntou. — Estás com péssimo aspecto.

Jessica conseguiu fazer um ténue sorriso. — Obrigada. Sabe bem como levantar o moral de uma mulher, sargento.

— Devias estar a descansar — lembrou-lhe ele.

— Não conseguia dormir.

— Toma um comprimido.

— Eu nunca tomo comprimidos. — Como tinha as mãos suadas, Jessica entrelaçou-as. Não ia falar-lhe sobre o pesadelo que a tinha acordado – do medo que a obrigara a reprimir um grito quando tentava acordar. Nem lhe diria que tinha ido logo à procura dele. — Estás a trabalhar?

Slade franziu o sobrolho, depois seguiu o olhar dela até à pilha de livros que estava ao lado dele. — Já agora podia arrumar isto um bocado — disse ele, encolhendo os ombros. — Agora tenho muito tempo.

— Eu podia ajudar. — Desconfortavelmente ciente de que estava a tremelicar, Jessica entrou mais na biblioteca. — E não faças nenhum daqueles comentários sarcásticos — continuou ela apressadamente. — Eu sei que a biblioteca está uma desgraça e que a culpa é minha, mas tenho realmente muito jeito para organizar quando me aplico. No mínimo posso ajudar-te a arrumar os livros até...

Ele interrompeu-lhe a enxurrada de palavras apressadas colocando a mão sobre a dela quando ela ia pegar num livro. A pele dela estava gelada. Ele apertou-lhe instintivamente a mão, desejando aquecê-la. — Jess, volta para a cama. Vê se dormes um bocado. Depois peço à Betsy que te leve alguma coisa para comer.

— Eu não estou doente! — As palavras explodiram e ela soltou-se da mão dele.

— Mas vais ficar — retorquiu Slade calmamente, — se não cuidares de ti.

— Pára de me tratar como uma criança — ordenou ela, enunciando cuidadosamente cada palavra. — Não preciso de ama-seca.

— Ai, não? — Ele deu uma rápida gargalhada, lembrando-se da ideia que fizera inicialmente da sua missão. — Então, diz-me: quanto é que dormiste nos últimos dois dias? Quando é que comeste pela última vez?

— Jantei ontem à noite — começou ela.

— Ontem à noite andaste a empurrar a comida de um lado para o outro — corrigiu ele. — Continua assim. Vais acabar por desmaiar e assim facilita-me o trabalho.

— Eu não vou desmaiar — disse ela em voz baixa. Os olhos tinham escurecido, ficando ainda mais contrastantes com a pele.

Como estava prestes a gritar com ela, Slade recuou. — Eu não me fiaria, mas faz como quiseres — disse ele descontraidamente. — Na verdade não interessa se estás consciente ou inconsciente. — Voltou-se para a pilha de livros.

— Desculpa eu não estar tão habituada a este tipo de coisa como tu — começou Jessica num tom calmo que se tornou cada vez mais agitado. — Não é todos os dias que sou investigada pelo FBI e atacada por um atirador profissional. Da próxima vez tenho a certeza de que serei capaz de desfrutar de um banquete depois de ver um cadáver na minha propriedade. Para ti é apenas um dia normal de trabalho, não é, Slade?

Um nó alojou-se no estômago dele, outro no peito. Casualmente, Slade sacou de um cigarro e acendeu-o.

Com a respiração ofegante devido à emoção das palavras, Jessica observou-o. — Não sentes *nada*? — perguntou.

Ele deu uma longa passa no cigarro e obrigou-se a falar calmamente. — O que queres que sintas? Se eu tivesse sido mais lento, estaria morto a esta hora.

Tensa, ela virou costas e depois encostou a testa ao vidro da janela. As poucas gotas de chuva que ainda restavam desfocaram e pareceram multiplicar-se até ela fechar os olhos. *E tu também*, lembrou a si mesma. *O que ele fez, fê-lo por ti*. — Desculpa — murmurou. — Desculpa.

— Porquê? — A voz dele estava tão fria como o vidro a que estava encostada. E igualmente dura. — Acertaste na mosca outra vez.

Respirando fundo, Jessica virou-se de frente para ele. Sim, ele estava de novo na defensiva, mas agora ela já o conhecia melhor. O que ele fizera naquela manhã não tinha sido feito friamente. — Tu detestas que te lembrem que és tão humano como os outros, não é? Enfurece-te ser assombrado por sentimentos, emoções, carências. — Aproximou-se lentamente dele. — Pergunto-me se será essa a razão porque não ficas comigo depois de fazermos amor. Estás com medo de descobrir alguma fraqueza, Slade? Uma pequena fenda que eu talvez consiga alargar?

— Não abuses — avisou ele suavemente. — Não vais gostar da resposta.

— Tu odeias desejar-me, não é?

Num movimento deliberadamente controlado, Slade esmagou o cigarro. — Sim.

Quando ela abriu a boca para falar de novo, a porta da biblioteca abriu-se. Jessica e Slade viraram-se e viram David entrar de rompante. Ele olhou intensamente para Jessica e depois ajeitou os óculos sobre o nariz.

— Estás com péssimo aspecto! Porque é que não estás deitada?

— David. — Jessica não conseguiu controlar o tremor na voz nem a vontade súbita de correr para ele e abraçá-lo com força. David olhou surpreendido para Slade por cima do ombro de Jessica enquanto lhe dava umas palmadinhas nas costas.

— O que se passa? Estás com febre? Então, Jessie?

Ele não, pensou ela desesperadamente. *Por favor, meu Deus, o David não*. Graças a uma enorme força de vontade, Jessica controlou as lágrimas que lhe ardiam nos olhos.

Em silêncio, Slade observou a conversa. Jessica agarrou-se ao corpo magro de David como se este fosse uma âncora enquanto ele parecia estupefacto, preocupado e envergonhado. Especulando, Slade enfiou as mãos nos bolsos.

— Eh, o que é que se passa? Ela está a delirar? — David atirou a pergunta a Slade, mas conseguiu empurrar suficientemente Jessica para lhe olhar para a cara. — Pareces prestes a cair para o lado — afirmou ele, verificando-lhe a temperatura da testa com a palma da mão. — A mãe ligou-me para a loja a dar-me uma descasca por te ter pegado a gripe. — Afastando-a, sorriu ao lembrar-se. — Foi o que conseguiste por teres entrado no meu quarto e me teres enfiado a canja de galinha goela abaixo.

— Eu estou bem — conseguiu ela dizer. — Estou só um pouco cansada.

— Claro, diz isso a alguém que não tenha passado uma semana inteira deitado a gemer.

Jessica queria agarrar-se novamente a ele e desabafar tudo o que lhe ia na alma. Em vez disso, recuou um passo, sorriu e detestou-se por isso. — Vou ficar boa. Vou só descansar alguns dias.

— Chamaste o médico?

— David...

A irritação no tom dela agradou-lhe. — É óptimo ter a situação invertida — disse ele a Slade. — Ela não parou de me chatear durante quinze dias. Não foi? — perguntou ele a Jessica.

— Quando eu precisar de médico, chamo. Porque é que não estás na loja?

— Não te preocupes, já estou de volta. — David lançou-lhe um sorriso, aliviado com a pergunta e o tom ríspido. Assim já parecia mais Jessica. — Depois da mãe me ligar e me ter lido o sermão, quis ver como estavas. As encomendas saíram ontem sem qualquer problema. Tem havido pouco movimento, mas já vendi o suficiente para ganhar o meu sustento. — Deu

um puxão rápido aos cabelos dela. — Não te quero na loja antes da próxima semana, querida. O Michael e eu conseguimos dar conta do recado. Na verdade, tens cara de quem precisa de umas férias.

— Se voltares a dizer-me que estou horrível, não vais ter aquele aumento que tanto tens sugerido.

— É isso que acontece quando se trabalha para uma mulher — disse David a Slade. Depois dirigiu-se à porta. — A mãe disse para virem os dois almoçar. Desta vez és tu que vais comer a canja de galinha. — Com um sorriso de satisfação, saiu da biblioteca.

Assim que a porta se fechou, Jessica levou as mãos à boca. O que sentia não era dor, mas um tipo de angústia que a deixava dormente nas áreas vitais do coração e mente. Não se mexeu nem disse nada. Por um momento sentiu que deixara simplesmente de existir.

— O David não. — As próprias palavras sussurradas assustaram-na. Com elas veio uma torrente de emoção. — O David não! — repetiu, virando-se para Slade. — Recuso-me a acreditar. Nada que possas dizer me convencerá que ele me faria alguma coisa de mal. Ele não é capaz, assim como o Michael.

— Daqui a poucos dias tudo estará terminado. — Slade manteve um tom neutro. — Nessa altura ficarás a saber.

— Eu já sei! — Deu meia volta e correu para a porta. A mão de Slade prendeu a dela sobre a maçaneta.

— Não vais atrás dele — disse ele calmamente. Quando ela tentou libertar-se, ele segurou-a pelos ombros com mais suavidade do que estava a sentir. Ele odiava vê-la assim, atormentada, desesperada — detestava saber que era contra si que ela se voltaria. Mas não tinha escolha. — Não vais atrás dele — disse ele de novo, espacejando bem as palavras. — Se não me deres a tua palavra, algemo-te à cama e tranco-te no quarto. — Semicerrou os olhos enquanto a mão dela se debatia debaixo da sua. — Estou a falar a sério, Jess.

Ela não se voltou contra ele, mas para ele. E Slade descobriu que isso era ainda pior. — O David não — murmurou ela, desmoronando nos braços dele. — Slade, não consigo suportar isso. Acho que conseguia suportar qualquer coisa que não fosse saber do envolvimento dos dois com o que... com o que se passou esta manhã.

Ela parecia tão frágil. Slade estava quase com receio que se quebrasse toda à mínima pressão. *O que é que eu faço agora com ela?* — indagou-se, encostando a face ao cabelo dela. Ele sabia como lidar com ela quando estava furiosa. Conseguia até lidar com ela quando ela chorava convulsivamente. Mas o que deveria fazer quando ela estava simplesmente sem forças e totalmente dependente dele? Ela estava a pedir-lhe garantias que ele não podia dar, emoções que tinha pavor de oferecer.

— Jess, não faças isto a ti mesma. Tenta esquecer o assunto durante alguns dias. — Puxou-lhe o queixo para cima até poder olhá-la nos olhos. Viu confiança e súplica. — Deixa-me tratar de ti — ouviu-se dizer. — Quero tomar conta de ti. — Slade não se apercebeu de que estava a mexer-se até os lábios dele encontrarem os dela. A vulnerabilidade dela assolou-o. O seu único propósito parecia agora ser protegê-la do mal. — Pensa em mim — murmurou ele, verbalizando inconscientemente os pensamentos que lhe passavam pela cabeça. — Pensa só em mim. — Slade apertou-a com mais força, mudando de ângulo para mais beijos ternos. — Diz-me que me queres. Quero ouvir-te dizer.

— Sim, quero-te. — Ofegante e maleável, ela deixou-o dar e receber enquanto permanecia passiva. Naquele momento Jessica não tinha forças para oferecer nada senão rendição, mas era o suficiente para ambos. Nos braços dele ela quase conseguia esquecer o pesadelo e a realidade.

Slade pegou nas mãos dela e mergulhou os lábios na palma de uma, e depois na da outra. O gesto surpreendeu-a o bastante para a acalmar em vez de excitar. Slade não era homem de carinhos nem dos típicos gestos românticos. Quando sentiu o arrepio subir-lhe pelos braços, ocorreu a Jessica que a sua fraqueza, o seu desespero, só tornavam impossível o trabalho dele, que de si já era difícil. Slade tinha sido mais sábio do que pensava ao pedir-lhe que pensasse apenas nele. Recorrendo às reservas de força, Jessica endireitou os ombros e sorriu para ele.

— A Betsy fica muito mal humorada quando deixamos as refeições à espera.

Satisfeito, ele respondeu ao sorriso. — Estás com fome?

— Sim — mentiu ela.

...

Jessica conseguiu comer um pouco, embora a comida ameaçasse colar-se-lhe à garganta. Sabendo que Slade a estava a observar, esforçou-se por parecer que estava a gostar da refeição. Conversou sobre tudo menos o que mais a atormentava. Demasiados tópicos de conversa podiam levar de novo à loja, a David, a Michael. Ao homem no meio do arvoredo. Jessica deu por si a lutar contra a tendência de olhar pela janela. Olhar lá para fora só a fazia lembrar-se que estava presa dentro da própria casa.

— Fala-me da tua família — pediu ela, quase desesperadamente.

Decidindo que seria melhor alinhar com a simulação dela do que insistir para que comesse ou descansasse, Slade passou-lhe natas para o café que ela estava a deixar arrefecer. — A minha mãe é uma mulher discreta... o tipo de pessoa que só fala quando tem realmente alguma coisa para dizer.

Ela gosta de pequenos objectos como a figura que comprei na tua loja. Toca piano; voltou a ter aulas no ano passado. A única coisa que ela fazia questão era que eu e a Janice aprendêssemos a tocar.

— Aprendeste?

Slade escutou a surpresa na voz dela e franziu-lhe o sobrolho. — Muito mal — admitiu. — Ela acabou por desistir de mim.

— O que é que ela acha... — Jessica hesitou e depois pegou na colher para mexer o café. — Daquilo que fazes?

— Não diz. — Slade viu-a girar a colher até formar um minúsculo redemoinho dentro da chávena. — Não me parece que seja mais fácil ser mãe do que mulher de um polícia. Mas ela consegue aguentar. Sempre conseguiu.

Anuindo com a cabeça, Jessica pôs a chávena de café de lado. — E a tua irmã, Janice... disseste que ela estava na faculdade.

— Ela quer ser química. — Slade deu uma gargalhada. — Foi o que ela disse depois da primeira aula de química no liceu. Devias vê-la a misturar aquelas poções todas. Uma miúda magrinha e alta com olhos meigos e mãos lindas... nada o que se esperaria de uma cientista maluca. Ela explodiu a nossa casa de banho quando tinha dezasseis anos.

Jessica riu-se — talvez a primeira gargalhada genuína nas últimas vinte e quatro horas. — Ai, sim?

— Uma explosão pequena. — disse Slade, agradado por ouvir a gargalhada que até ao dia anterior fora uma constante. — O senhorio não ficou muito satisfeito com a explicação dela acerca de compostos instáveis.

— Pode-se perceber — meditou Jessica. — Onde é que ela anda?

— Em Princeton. Ganhou uma bolsa de estudo parcial.

E, *mesmo assim, os custos das propinas devem arrasar com o salário dele*, reflectiu Jessica. *Quanto ganhará um polícia?* — indagou-se. *Não o suficiente*, pensou imediatamente. Nada que compense o risco. A escrita dele fica em segundo plano; a prioridade é a educação da irmã. Jessica examinou o café frio dentro da chávena e interrogou-se se Janice Sladerman se aperceberia o quanto o irmão estava disposto a sacrificar por ela.

— Deves amá-la muito — murmurou ela. — E à tua mãe também.

Slade ergueu uma sobrancelha. Não era algo em que pensasse, era simplesmente. — Sim, amo. As coisas não têm sido fáceis para nenhuma das duas. Elas nunca se queixam, nunca esperam nada.

— E tu? — Jessica levantou os olhos e observou-o atentamente. — Como é que tens conseguido esconder-lhes os que realmente queres? — Vendo o recuo imediato da parte dele, ela pegou-lhe na mão. — Tu detestas realmente que as pessoas saibam que és boa pessoa, não detestas, Slade? Não combina com a imagem de polícia duro. — Sorriu, agradada ao ver

que o tinha envergonhado. — Podes sempre dizer-me como é que consegues arrancar confissões dos suspeitos.

— Andas a ver muitos filmes antigos. — Entrelaçando os dedos com os dela, Slade ajudou-a a levantar-se.

— São um dos meus vícios — confessou ela. — Não te sei dizer quantas vezes já vi *The Big Sleep*.

— Esse é sobre um detective privado, e não um polícia — salientou ele enquanto a conduzia de volta à biblioteca.

— Qual é a diferença?

Ele olhou para ela. — Quanto tempo tens?

— Bem. — Ela reflectiu, satisfeita por esquecer o mundo exterior por uns momentos. — Talvez fosse interessante saber porque é que se chama chui à polícia.

Ele parou, voltando-se para ela com uma expressão meio divertida, meio exasperada. — Filmes muito antigos — concluiu ele.

— Clássicos — corrigiu ela. — Só os vejo pelo seu valor cultural.

Slade ergueu simplesmente uma sobrancelha. Era um gesto que Jessica já sabia que ele utilizava em vês de dezenas de palavras. — Como queres ajudar, podes começar a catalogar. — Apontou para a pilha de livros que estava em cima da mesa. — A tua caligrafia é certamente melhor que a minha.

— Está bem. — Grata por ter algo para fazer, Jessica pegou num dos maços de fichas de índice. — Desconfio que queiras cruzar referências.

— Sim.

— Slade. — Ela pousou um cartão antes de se voltar para ele. — Tu preferias estar a trabalhar no teu livro do que estar a fazer isto. Porque não tiras algumas horas para ti?

Ele pensou no romance, quase terminado, à espera na escrivaninha do quarto. Depois pensou no aspecto de Jessica, uma hora antes, quando entrara na biblioteca.

— Esta confusão dá comigo em doido — disse-lhe ele. — Já que estou aqui, posso muito bem orientar-te. Quantos livros tens aqui? — perguntou antes que ela pudesse colocar alguma objecção.

Momentaneamente distraída, Jessica olhou em volta. — Não faço a mínima ideia. A maioria era do meu pai. Ele adorava ler. — Um sorriso tocou-lhe os lábios e depois os olhos. — Ele tinha um gosto eclético, mas eu acho que ele preferia livros policiais. — A ideia surgiu-lhe repentinamente: — O teu livro é sobre o quê? É um romance policial?

— Aquele em que estou a trabalhar agora? — Ele sorriu. — Não.

— Então? — Ela apoiou uma anca na mesa. — É sobre o quê?

Ele começou a limpar a mesa para ela poder trabalhar. — É sobre uma

família, começando no pós-guerra dos anos quarenta até aos dias de hoje. Alterações, adaptações, desilusões, vitórias.

— Deixa-me ler — pediu ela num impulso. As palavras dele revelariam com certeza muito do seu íntimo.

— Ainda não está terminado.

— Eu leio o que já está.

Slade começou à procura de um lápis para empatar. Ele queria que lessem a sua escrita. Era um sonho que tinha há demasiados anos. Mas Jessica era diferente; não era o público anónimo e sem rosto. A opinião dela, fosse boa ou má, tinha demasiado peso. — Talvez — disse por entre dentes. — Se queres ajudar, é melhor sentares-te.

— Slade. — Jessica abraçou-o pela cintura e encostou a cara às costas dele. — Vou chatear-te até tu me dizeres que sim. É um talento que eu tenho.

Algo no modo descontraído e íntimo como ela o abraçou afectou-o de um modo inimaginável. Os seios dela comprimiram-se suavemente contra as costas dele; as mãos pousaram na cintura. Naquele momento ele rendeu-se por completo ao amor que sentia por ela. Era mais profundo do que atracção, mais intenso do que desejo.

Ela não via que não havia nada que ele conseguisse recusar-lhe? – pensou Slade, baixando as mãos para cobrir as dela. Ela não via que se tinha tornado mulher, sonho e vulnerabilidade no espaço de apenas alguns dias? Se tinham de fingir – para o bem dela – que não havia qualquer ameaça para lá daquelas paredes, talvez pudessem fingir – para o dele – que ela lhe pertencia.

— Chateia-me — convidou ele, virando-se para poder acolhê-la nos braços. — Mas aviso-te já, não sou nenhum trouxa.

Com uma gargalhada baixa, Jessica pôs-se em bicos de pés até roçar os lábios nos dele. — Só espero dar conta do trabalho. — Aprofundando o beijo, deslizou as mãos por debaixo da camisa dele e subiu-as, ao longo dos músculos, até às omoplatas.

— Isso pode valer-te algumas páginas — murmurou ele. — Queres tentar um capítulo?

Ela passou suavemente a língua pelos lábios dele, dando-lhes depois uma mordiscadela enquanto deslizava um dedo pela coluna dele. Jessica sentiu a resposta dele, assim como a sua relutância em exteriorizá-la. Deu-lhe um beijo lento, recuando quando o sentiu aumentar a pressão. — Quantos capítulos tem este livro?

Slade fechou os olhos para melhor desfrutar da sensação de ser seduzido quando não era necessária qualquer sedução. — Cerca de vinte e cinco.

— Humm. — Slade sentiu os lábios dela esboçarem um sorriso quando tocaram de novo nos dele. — Isto pode levar o dia todo.

— Podes crer. — Inesperadamente, ele afastou-a e depois emoldurou-lhe o rosto com as mãos. — Podemos iniciar negociações depois de avançarmos com o trabalho aqui.

— Oh. — Prendendo a língua entre os dentes, Jessica olhou em volta para os livros desarrumados. — Depois?

— Depois — disse ele com firmeza, empurrando-a para uma cadeira. — Começa a escrever.

Jessica nem deu conta do passar das horas – uma, depois duas, depois três. Ele trabalhava em silêncio, metodicamente, e com uma paciência que ela não tinha. Slade conhecia muito melhor os livros que ela. Jessica guardava a leitura para as raras ocasiões em que a energia física estava abaixo da energia mental. Ela gostava de livros. Ele adorava-os. Ela apercebeu-se que, com aquela pequena descoberta, o estava a conhecer cada vez melhor.

No sossego da biblioteca era mais fácil fazê-lo falar. *Leste isto? Sim. O que é que achaste?* E ele dizia-lhe, fácil e exaustivamente, sem nunca parar de trabalhar. Como o pai teria gostado dele, pensou Jessica. Teria admirado a mente de Slade, a sua força, as súbitas saídas bem-humoradas. Teria visto a bondade que Slade tanto fazia questão em esconder.

Jessica duvidava que Slade se apercebesse que, ao deixá-la trabalhar junto a ele, estava a revelar o seu outro lado. O sonhador. Talvez ela sempre tivesse sabido que existia, mesmo quando vira o lado agressivo e prático. Slade era um homem complexo que podia andar armado e discutir o *Don Juan* de Byron com igual facilidade. Naquela tarde ela precisava do sonhador. Talvez ele soubesse isso.

A luz começou a fraquejar para um cinza-suave. Sombras juntavam-se nos cantos da sala. Jessica tinha esquecido a tensão e tinha-se envolvido com a tarefa de copiar títulos e nomes para cartões. Quando o telefone tocou, ela deixou cair cerca de duas dúzias no chão. Começou rapidamente a apanhá-los.

— Assustei-me — disse ela quando Slade se manteve em silêncio. Jessica amaldiçoou as mãos trémulas enquanto reunia os cartões. — É que tem estado tudo tão silencioso. — Furiosa consigo própria, deixou os cartões caírem de novo. — Raios! Não fiques aí a olhar assim para mim! Preferia que ralhasses comigo!

Ele levantou-se, aproximou-se e agachou-se em frente dela. — Fizeste uma grande trapalhada — murmurou ele. — Se não consegues fazer melhor, vou ter de arranjar uma assistente nova.

Com um som que era parcialmente suspiro, parcialmente gargalhada,

ela encostou a testa à dele. — Dá-me um desconto, é o meu primeiro dia de trabalho.

Betsy abriu a porta e depois ergueu as sobrancelhas e contraiu os lábios. Bem, ela sempre achara que onde havia fumo havia fogo, e tinha-lhe cheirado a fumo assim que aqueles dois tinham olhado um para o outro. Pigarreou e viu Jessica saltar como se tivesse apanhado um escaldão.

— O Sr. Adams ao telefone — disse Betsy de modo imponente, fechando em seguida a porta.

Slade fechou a mão sobre a de Jessica. — Chama-a outra vez — disse ele em voz baixa. — Manda dizer que estás a descansar.

— Não. — Abanando rapidamente a cabeça, Jessica levantou-se. — Não peças que continue a fugir, Slade, porque eu posso fazê-lo. Depois ia odiar-me por isso. — Virou-se e atendeu o telefone. — Está, Michael.

Slade endireitou-se lentamente, enfiou as mãos nos bolsos e observou-a.

— Não, não é nada de especial, apenas uma gripezita. — Jessica falava calmamente enquanto enrolava o fio do telefone nos dedos. — O David só está a sentir-se culpado porque acha que foi ele quem ma pegou. Ele não devia ter-te preocupado. Estou a tratar de mim. — Fechou os olhos com força por breves instantes, mas a voz permaneceu descontraída e firme. — Não, não vou amanhã. — O fio do telefone começou a enterrar-se nos dedos. Jessica desenrolou-o cuidadosamente. — Não é necessário, Michael... Não, a sério. Prometo... não te preocupes. Vou ter. Daqui a alguns dias já estou em forma. Sim... Adeus.

Depois de desligar o telefone, Jessica ficou por uns instantes a olhar fixamente para as mãos vazias. — Ele estava preocupado — murmurou. — Eu nunca fico doente. Ele queria vir cá para me ver, mas eu consegui dissuadi-lo.

— Ainda bem. — Naquele momento a solidariedade não a iria ajudar em nada, decidiu Slade. — Já trabalhamos o suficiente por hoje. Vamos para cima? — Dirigiu-se à porta como se ela já tivesse concordado. Abriu-a e depois parou e olhou para trás. Ela ainda não se tinha mexido. — Anda, Jess.

Ela aproximou-se dele mas parou à porta. — O Michael nunca me faria mal — disse ela sem olhar para ele. — Só quero que percebas isso.

— Desde que tu percebas que tenho de encarar todos como potenciais ameaças — respondeu ele com calma. — Não deves encontrar-te com nenhum deles, nem com qualquer outra pessoa, a não ser que eu esteja contigo. — Vendo o desafio nos olhos dela, continuou: — Se ele ou o David forem inocentes, os próximos dias não lhes farão qualquer mal. Se acreditas realmente nisso — prosseguiu ele, fazendo pouco caso do olhar furioso que ela lhe lançou, — deves ser capaz de aguentar isto tudo.

Ele não ia ceder um milímetro, concluiu Jessica enquanto lutava contra lágrimas e raiva. Talvez fosse melhor assim. Inspirou profundamente. — Tens razão. E eu vou aguentar. Vais agora trabalhar no teu livro?

Slade não deu sinal de a mudança de assunto lhe fazer qualquer diferença. — Estava a pensar nisso.

Jessica estava decidida a ser tão prática como ele – pelo menos à superfície. — Ok. Então sobe que eu vou buscar café para nós. Podes confiar em mim — continuou ela antes que ele pudesse objectar. — Vou fazer exactamente o que me disseres para fazer para provar que estás errado. Eu vou provar que estás errado, Slade — disse-lhe ela com firme determinação.

— Tudo bem, desde que cumpras as regras.

Sentindo-se mais à vontade com um objectivo em mente, Jessica sorriu. — Então vou buscar o café. Enquanto leio o teu livro, tu podes concentrar-te em acabá-lo. É uma forma segura de me manter ocupada o resto do dia.

Ele beliscou-lhe o lobo da orelha. — Isso é um suborno?

— Se não sabes reconhecer um, — retorquiu ela, — deves ser um péssimo polícia.

O café de Jessica ficou novamente frio. Ela estava sentada na cama de Slade, encostada à cabeceira, com uma pilha de folhas do manuscrito de cada lado. O monte de páginas que ela tinha lido estava rapidamente a ficar maior do que o de páginas que ainda lhe faltavam ler. Absorta, ela tinha conseguido ignorar as reclamações de Betsy quando a governanta lhe levou um tabuleiro de sopa e sanduíches. Jessica prometera-lhe distraidamente comer, coisa que esquecera assim que a porta do quarto se fechara. E também se esquecera, embora ele tivesse anotações feitas nas margens, que estava a ler o trabalho de Slade. A história, as pessoas, tinham-na dominado por completo.

Ela viajava com uma família comum através dos anos quarenta do pós-guerra, das simplicidades e complexidades dos anos cinquenta, entrando nos anos sessenta com toda a turbulência e comportamentos inconstantes. As crianças cresciam e os valores alteravam-se. Havia morte e nascimento, a realização de alguns sonhos e a destruição de outros. Ao longo da narrativa, no momento em que uma nova geração lidava com as pressões dos anos setenta, Jessica ficou a conhecê-los. Eram pessoas que ela poderia ter conhecido – inegavelmente pessoas de quem teria gostado.

As palavras fluíam, por vezes suavemente, outras com uma crueza que lhe provocava um nó no estômago. Não era uma história fácil – as personagens eram demasiado genuínas para isso. Ele mostrava-lhe coisas que nem sempre ela queria que lhe fossem mostradas, mas ela nunca considerou pôr as folhas de lado.

Quando chegou ao final de um capítulo, Jessica tentou pegar logo na folha seguinte. Confusa, olhou para baixo e viu que não havia mais. Irritada com a interrupção, apercebeu-se então de que já tinha lido tudo o que ele lhe tinha dado. Pela primeira vez em quase três horas, o som da máquina de escrever de Slade penetrou na sua concentração.

A Lua estava cheia. Também isso a atingiu abruptamente. A luz fluía para dentro do quarto para competir com o foco do candeeiro da mesa-de-cabeceira. O fogo que Slade tinha ateado quando tinham chegado lá acima tinha-se apagado e só restavam brasas incandescentes. Jessica alongou os músculos doridos, querendo um momento de pausa antes de se dirigir a Slade.

Na altura em que insistira em ler o trabalho dele, Jessica não tinha a certeza do que acharia nem o que lhe diria quando terminasse. Sabendo

que era facilmente influenciada pelas emoções, ela estava certa de que encontraria algum valor na escrita dele. Naquele momento queria tempo para decidir o quanto os seus sentimentos por Slade teriam a ver com o que sentia sobre a história que acabara de ler.

Nada, concluiu. Antes de terminar o primeiro capítulo Jessica já se tinha esquecido da razão pela qual o estava a ler, muito embora o principal objectivo tivesse sido atingido. Agora conhecia melhor Slade.

Ele tinha uma profundidade de percepção que ela apenas pressentira, uma compreensão das pessoas que ela tanto invejava como admirava. Tanto na sua escrita como no seu discurso, Slade era frugal com as palavras – mas na escrita os pensamentos mais profundos vinham à tona. Ele podia ser escasso com as próprias emoções mas as suas personagens tinham uma gama delas que tinham origem no seu criador.

E, reflectiu Jessica, ela estivera errada quando lhe dissera certa vez que ele não conhecia as mulheres. Ele conhecia-as – quase demasiado bem, pensou ela enquanto passava os dedos pelo topo de uma página. Quando olhava para ela, quanto veria ele das coisas que ela sempre achara ter tão bem guardadas? Quando lhe tocava, quanto compreenderia ele das coisas que ela sempre tivera a certeza de ter bem escondidas?

Saberia ele que ela o amava? Instintivamente, Jessica olhou para a porta que separava o quarto e a salinha de estar. Slade continuava a escrever à máquina. Não, ela tinha a certeza que ele não fazia ideia da profundidade do que sentia por ele. Nem, pensou ela com um pequeno sorriso, que ela estava determinada a não o deixar sair da sua vida quando as coisas estivessem resolvidas. Se ele soubesse, afastar-se-ia imediatamente dela, reflectiu Jessica. Slade era um homem muito cauteloso e que se achava talhado para a vida solitária. Jessica decidiu que ele ainda ia ter muitas surpresas. Quando ela se sentisse de novo dona e senhora da sua vida, ia fazer-lhe algumas.

Levantou-se e dirigiu-se à porta. Ele estava de costas para ela, a luz caía sobre as suas mãos enquanto estas se moviam sobre as teclas. Pelo modo como ele tinha os ombros, e o ângulo da cabeça, ela conseguiu perceber que estava bastante concentrado. Não querendo perturbá-lo, esperou encostada à ombreira da porta. O cinzeiro perto do cotovelo dele estava meio cheio, com um cigarro aceso esquecido. A chávena de café estava vazia, mas o tabuleiro do jantar não tinha sido tocado. Ela sentiu uma vontade tipo Betsy de lhe fazer cara feia por ele se ter esquecido de comer.

Era assim que podiam ser as coisas, apercebeu-se ela abruptamente, quando o pesadelo passasse. Ele poderia trabalhar ali, e ela escutaria o som da máquina de escrever quando chegasse a casa. Haveria alturas em que ele se levantaria a meio da noite e fecharia a porta para o barulho não a acordar. Passeariam pela praia nas manhãs de domingo... sentar-se-iam frente à la-

reira em tardes chuvosas. *Um dia*, pensou ela, fechando os olhos. Poderia acontecer um dia.

Com um suspiro exasperado, Slade parou de escrever. Levantou uma mão para massajar o pescoço rígido. O ímpeto que o levava a escrever sem parar durante três horas tinha-se esgotado subitamente e ele não estava preparado. Pegou automaticamente na chávena de café e viu que estava vazia. Talvez se fosse buscar mais a inspiração regressasse. Quando considerava a hipótese, Jessica aproximou-se dele.

Abraçando-o pelo pescoço, encostou a face no topo da cabeça dele. O amor estava a fluir rapidamente por ela, demasiado rápido. Apertou-o com força, reprimindo as palavras que tinha receio de ele não estar preparado para ouvir. Havia outras que queria dizer primeiro.

— Slade, não pares nunca de fazer aquilo para que nasceste.

Sem perceber muito bem o que é que ela queria dizer, ele franziu o sobrolho às palavras que tinha acabado de escrever. — Quanto é que leste?

— Tudo o que me deste... não o suficiente. Quando é que acabas? Oh, Slade, é maravilhoso! — continuou Jessica antes de ele conseguir falar. — É um trabalho maravilhoso. Tudo: as palavras, o sentimento, as pessoas.

Slade voltou-se de frente para ela. Não queria banalidades da parte dela. Os olhos de Jessica brilhavam com entusiasmo enquanto os dele permaneciam frios e reservados. — Porquê?

— Porque contaste uma história, com profundidade, sobre pessoas que todos nós já conhecemos ou fomos. — Abriu os dedos, em busca de palavras que o satisfizessem. — Porque me fez chorar, arrepiar e rir. Houve partes – aquela cena no estacionamento no sétimo capítulo – que eu não queria ler. Era cruel, selvagem. Mas tive de ler mesmo quando magoava. Slade, ninguém que leia aquilo vai ficar indiferente. — Voltou a colocar as mãos nos ombros dele. — E não é por isso que um escritor escreve?

Os olhos dele nunca deixaram os dela. Slade aguardou, pesando o significado das palavras dela. — Sabes — disse ele lentamente, — acho que só agora me dei conta do risco que corri ao deixar-te lê-lo.

— Risco — repetiu ela. — Porquê?

— Se tivesses ficado indiferente, acho que não conseguiria já terminá-lo.

Nada do que ele pudesse ter dito teria significado mais. Jessica acariciou-lhe a face, indagando-se se ele se aperceberia do quanto dissera numa única frase. — Eu fiquei comovida, Slade — disse ela em voz baixa. — Quando for publicado, e eu o ler, vou lembrar-me que parte dele foi escrita aqui.

— Vais erigir um monumento? — perguntou ele com um sorriso.

— Só uma placa discreta. — Jessica inclinou-se e beijou-o. — Não que-

ro que isto te suba à cabeça. Que tal um agente? — perguntou ela subitamente. — Tens algum?

Rindo, ele puxou-a para o colo. — Sim, tenho. Até agora não tem servido de muito, mas ele conseguiu a publicação de alguns pequenos contos e está a fazer o que fazem os agentes para vender o meu outro romance.

— O outro. — Jessica afastou-se quando Slade começou a morder-lhe a orelha. — Então esse está concluído?

— Sim. Anda cá — ordenou ele, querendo saborear a curva suave e sensível do ombro dela.

— É sobre o quê? — perguntou ela, distraíndo-o. — Quando é que posso lê-lo? É tão bom como este?

— Já alguém te disse que fazes perguntas a mais? — A mão dele deslizou por debaixo da camisola dela e agarrou no seio. Com o polegar, acariciou lentamente o mamilo, sentindo-o endurecer enquanto o coração dela começou a bater descompassadamente. — Eu gosto disso — murmurou ele, beliscando-lhe o pescoço. — Consigo sentir a tua pulsação disparar sempre que te toco. — Com um gesto determinado, desceu a mão até à cintura. — Estás a perder peso — disse ele, franzindo o sobrolho. — Já és demasiado magra. Comeste alguma coisa ao jantar?

— Já alguém te disse que falas demasiado? — perguntou Jessica antes de premir os lábios contra os dele.

A resposta dele foi um discreto som de prazer. Ela sentiu calor – mais pungente que doce – quando levou a ponta da língua à dele para o tentar, recuando em seguida para o provocar. Ele achou que a tinha ouvido rir, antes de a agarrar pela parte de trás do pescoço e mergulhar fundo. O cheiro e o sabor dela eram os mesmos e ele sentiu-se envolvido por ela. Antes que Slade pudesse levantar-se para a levar para a cama, Jessica empurrou-o para o chão.

Havia uma urgência súbita nela, um fogo descontrolado. A energia habitual que estivera em falta durante todo o dia tinha ressurgido repentinamente numa torrente de paixão. Ela desabotoou-lhe rapidamente a camisa, impaciente de ter de novo a pele dele contra a sua, enquanto a boca já percorria loucamente a cara e pescoço de Slade. A agressividade dela desequilibrou-o e excitou-o. Porque ele compreendia que parte vinha da necessidade que ela tinha em bloquear os medos, Slade deixou-a comandar. O ritmo era o dela – e era frenético.

Em poucos momentos ele estava demasiado envolvido nela para conseguir pensar de todo. Ela estava a despi-lo rapidamente, os lábios seguindo o caminho das mãos atarefadas até a mente dele estar completamente focada nela. Pensamentos trémulos, sabores rápidos, toques enlouquecedores – ela não lhe dava tempo para se concentrar apenas num, mas insistia em que ele sentisse tudo num turbilhão de sensações.

A vulnerabilidade era algo novo para Slade, mas ele viu-se preso num mundo ardente e viscoso onde não havia carapaças nem defesas. Ela estava a levá-lo à loucura, mas ele continuava a não ter força de vontade para a parar e assumir o comando. Desta vez só havia resposta da parte dele, aumentando a força dela e esgotando a dele.

Quando a boca dela regressou à dele, Slade despiu-lhe a camisola. Ele, cujas mãos eram sempre firmes, encontrou-as húmidas e trémulas quando conseguiu finalmente tocar-lhe. Embora a pele dela estivesse tão quente como a dele, Jessica não o deixou demorar-se em parte nenhuma, movendo-se sobre ele com uma velocidade e agilidade que deixaram as mãos dele frustradas e o corpo a latejar. Pele deslizava sobre pele, a boca dela sôfrega e húmida e devastadora, as mãos suaves e ávidas.

Saber que ele nada podia fazer, excitava-a. Aquele homem forte e duro estava completamente impotente sob o feitiço dela. Mas Jessica não tinha feitiços, só desejo. E amor. Ela apercebeu-se de que o amava mais depois de descobrir que ele podia ser fraco. O corpo dele era firme e musculado, mas naquele momento estremecia – por ela.

A luz do candeeiro da secretária iluminava o rosto dele e ela conseguiu ver-lhe os olhos, opacos de paixão, a observá-la. A boca dele era tentadora, e ela beijou-o, saboreando todos os sabores quentes e desnorteantes resultantes do desejo. A respiração dele era quente e irregular quando entrou na boca dela. Com súbita nitidez, ela sentiu o odor a limão e a cera de abelhas da secretária. Nalgum lugar são da sua mente, Jessica sabia que o odor regressaria sempre que ela recordasse a primeira vez que ele se entregara completamente a si. Porque agora ele era todo dela – mente, emoção e corpo. Mesmo quando tudo acabasse, ela teria aquele momento em que ele se entregara totalmente.

Então ela entregou-se a ele, conduzindo-o para dentro dela num gesto rápido de prazer intenso. A força dela disparou, conduzindo ambos rápida e violentamente até ao clímax. Quando a força se extinguiu, ela deitou-se sobre ele e entrelaçou-se.

Slade esforçava-se por clarear a mente, mas percebeu que ela a preenchia e consumia. O poder dela tinha-se extinguido, o corpo leve estava sobre o seu, mas ele descobriu que ela ainda o dominava. Ele queria afastar-se, talvez para provar a ambos que ele conseguia, que tinha escolha. Mas as mãos enterraram-se ainda mais nos cabelos dela até ele encontrar o pescoço suave e esguio. Embora ela estivesse passiva e mal respirasse, ele sentia o coração dela bater com força contra o seu. Nenhuma força de vontade conseguiria acalmá-lo embora a necessidade física já estivesse satisfeita. Ele queria-a – mas queria apenas tê-la perto dele.

— Jess. — Slade levantou a cara dela sem fazer ideia do que iria dizer.

Os olhos dela estavam enormes e pesados. O rosto estava suave, com o brilho da paixão e com cansaço. Ele não tinha o direito de a ter deixado esgotar todas as suas reservas de energia e força para satisfazer as suas necessidades, pensou Slade.

— Não, pára. — Jessica apercebeu-se da alteração na expressão dele. Ele já estava a retirar o que lhe dera por tão breves momentos, pensou ela. — Não te afastes de mim — disse ela em voz baixa. — Não me ponhas de parte tão depressa.

Sem se dar conta de que o estava a fazer, delineou os lábios dela com o polegar. — Dorme comigo esta noite — foi tudo o que ele disse.

...

Slade esperou até ter a certeza de que ela estava a dormir antes de se levantar da cama. Observando Jessica, vestiu-se em silêncio. O ténue luar iluminava o rosto dela e os ombros descobertos. Com alguma sorte, ele calculava poder examinar cuidadosamente o primeiro piso, vigiar a sala de estar durante algumas horas e depois regressar sem ela se aperceber de que ele não tinha estado lá. Olhando para ela uma última vez, saiu do quarto.

Com a silenciosa eficiência resultante de anos de experiência, Slade testou o sem-número de portas e janelas. Reparou, insatisfeito, nas fechaduras simples que só protegiam contra os mais reles amadores.

A casa está cheia de pratos e de pequenos objectos de valor, reflectiu. O paraíso de qualquer ladrão – e ela tranca-a com fechaduras que não valem um chavo. Um cartão de crédito e um gancho de cabelo, decidiu Slade ao examinar a porta das traseiras da cozinha. Teria de garantir que Jessica instalasse algo mais sólido antes de se ir embora.

Num monte de pêlo branco, Ulisses dormia no frio chão de tijoleira, ressonando ligeiramente. O cão nem se mexeu quando Slade passou por cima dele. Testando, Slade sacudiu a maçaneta da porta das traseiras. O ritmo de Ulisses nem se alterou.

— Acorda, rafeiro imprestável.

Ao comando, o cão abriu um olho sonolento, abanou a cauda duas vezes e depois voltou a adormecer.

Massajando o pescoço, Slade lembrou a si mesmo que um reles ladrão não era naquele momento o problema mais premente. Passou de novo por cima do cão e deixou-o a ressonar.

Cuidadosamente, atravessou a ala dos empregados. Havia uma luz ténue debaixo de uma porta e o riso abafado de um talk-show tardio. De resto havia apenas silêncio. Olhando para o relógio, viu que passava pouco da meia-noite. Slade regressou à sala de estar.

Sentou-se numa poltrona, perdida nas sombras. Observar e aguardar. Havia pouco mais que pudesse fazer. E ele estava desejoso de fazer alguma coisa – qualquer coisa que fizesse avançar a investigação. Talvez afinal o comissário tivesse escolhido o homem errado, reflectiu. Desta vez Slade queria meter-se em sarilhos. Quem quer que tivesse contratado o homem para matar Jessica ia ter de pagar, disse ele não tinha dúvidas. Mas ele queria tratar disso pessoalmente.

A mulher que estava a dormir lá em cima na cama dele era só o que lhe interessava. Os diamantes eram um incidente – afinal, não passavam de pedras com valor no mercado. Jessica tinha um valor inestimável. Com uma gargalhada muda, esticou as pernas. Dodson nunca poderia ter adivinhado que o guarda-costas se apaixonaria pela cliente. Slade conhecia a própria reputação: meticuloso, preciso e frio.

Bem, pensou, tinha perdido a frieza quase desde o instante em que vira o pequeno furacão louro com as maçãs-do-rostro marcadas. Ele não estava a pensar como um polícia, mas como um homem – um homem que queria vingança. E isso era perigoso. Enquanto permanecesse na polícia, tinha de seguir as regras. A primeira era não haver envolvimento pessoal.

Slade quase riu alto ao pensar isso. Regra número um pelo cano abaixo, decidiu ele passando uma mão pelo cabelo. Como é que era possível estar mais envolvido pessoalmente? Já estava apaixonado por ela, já a amava. Para ser mais pessoal, só faltava serem casados e terem filhos.

A ideia petrificou-o. Não podia permitir que os pensamentos corressem nessa direcção. Ele não era homem para ela. Iriam separar-se assim que a investigação chegasse ao fim. Naturalmente, era isso que queria, disse para si mesmo, mas o sobrolho permaneceu franzido. Ele já tinha de lidar com a própria vida – as exigências da profissão, as responsabilidades, a escrita. Mesmo que houvesse espaço na sua vida para uma mulher, os seus caminhos seguiam em direcções opostas. E não iam tornar a cruzar-se. Fora o acaso que os juntara daquela vez, circunstâncias que haviam criado uma intimidade que tinha conduzido a uma ligação emocional. Ele ia conseguir esquecê-la. Beliscou a cana do nariz entre o polegar e o indicador. Ia, sim.

Um homem não tinha direito a alguns sonhos? – interrogou-se quando estava sentado numa sala escura que cheirava a cera de limão e flores outonais. Não teria ele o direito de imaginar algum tipo de futuro quando tinha uma mulher na sua cama? Ele tinha direito a algum egoísmo básico, não tinha? Com um meio suspiro, Slade recostou-se na poltrona. Talvez o homem tivesse, mas o polícia não. E, lembrou a si mesmo, Jessica precisava mais do polícia, quer acreditasse nisso ou não.

Afastando esses pensamentos, Slade esperou no escuro quase três horas. O instinto dizia-lhe que estava a perder tempo. Algum sono era essen-

cial se queria estar suficientemente alerta para a manter segura e ocupada durante o dia. Tenso de estar sentado, massageou distraidamente os nós enquanto se dirigia às escadas. Mais um dia, pensou, dois no máximo – se o agente Brewster estivesse tão perto como fizera crer a Slade.

A fadiga dominou-o assim que se permitiu relaxar. Quatro horas de sono iriam recarregar-lhe as baterias – já o tinha conseguido em menos tempo. Sem fazer barulho, rodou a maçaneta da porta do quarto.

Jessica estava a meio da cama, enrolada numa bola. Respirava profunda e agitada como se estivesse com falta de ar. Estava a tremer.

— Jess?

Ela abafou um grito. Quando levantou a cabeça, Slade viu o brilho de medo nos olhos dela antes de ela o focar. Jessica conseguiu conter o choro mordendo o lábio, mas os tremores continuaram. Slade aproximou-se rapidamente dela. A pele dela estava pegajosa quando a agarrou pelos ombros; a cara húmida com uma mistura de lágrimas e transpiração. Passou-lhe pela cabeça que alguém tivesse entrado sem ele se aperceber e que lhe tivesse feito mal, mas afastou rapidamente a ideia.

— O que é? — perguntou. — O que se passa?

— Nada. — Ela lutava desesperadamente para controlar os tremores. O pesadelo tinha regressado, terrivelmente real, para lhe atacar todos os sentidos. Vento frio, odor a mar, barulho das ondas – e os passos pesados de alguém a correr atrás dela, sombras inconstantes à medida que as nuvens tapavam o Sol, o sabor férreo do próprio terror. E, pior, muito pior, ela tivera medo de se virar, medo de ver o rosto de alguém que amava no homem que a perseguia.

— Acordei — consegui dizer. — Acho que entrei em pânico por não estares aqui. — Era parcialmente verdade e já bastante difícil de confessar. Ela não conseguia admitir que estava aterrorizada com um sonho.

— Eu estava só lá em baixo. — Slade afastou-lhe cabelo húmido das faces. — Queria certificar-me de que estava tudo trancado.

— Um hábito profissional? — Ela quase conseguiu esboçar um sorriso antes de deitar a cabeça no ombro dele.

— Sim. — Ele apertou-a e ela continuava a tremer. Não era o momento para lhe dar um sermão sobre fechaduras reais e correntes fracas, decidiu ele. — Vou lá abaixo buscar-te um brandy.

— Não! — Ela mordeu de novo o lábio quando a palavra saiu com demasiada força. — Não, por favor, já me sinto uma idiota.

— Tens direito a assustares-te, Jess. — Suavemente, deu-lhe um beijo na cabeça.

Ela queria agarrar-se a ele, suplicar-lhe que não a deixasse sozinha nem por um instante. Queria confessar todos os medos, fantasias e receios.

Mas não conseguia, e a negação era tanto para o próprio bem como para o bem dele. — Com um polícia em casa? — ripostou ela. Inclinando a cabeça para trás, olhou para ele. Um rosto forte, pensou. Braços fortes e olhar sério. — Vem para a cama; deves estar cansado. — Esforçando-se, afastou o nervosismo e deu-lhe um sorriso. — Como é que um homem consegue lidar com duas carreiras, sargento?

Ele encolheu os ombros enquanto massajava os dela. — Consigo aguentar-me. Como é que uma mulher pode ser tão linda às três da manhã?

— A minha mãe diz que é a estrutura óssea. — O sorriso dela aqueceu um pouco e ela obrigou-se a relaxar sob as mãos dele. — Prefiro pensar que é algo menos científico... como ter nascido durante um eclipse lunar.

Encostando o nariz ao pescoço dela, ele riu-se. — E nasceste?

— Sim. O meu pai disse que é por isso que tenho olhos de gato; para me ajudar a ver no escuro.

Slade beijou-a ao de leve antes de a afastar dele e se levantar. — Se não dormires vão ficar todos inflamados.

— Que coisa tão galanteadora de se dizer. — Jessica franziu o sobrolho enquanto ele se despia. — E tu?

— Eu consigo sobreviver com três ou quatro horas quando é preciso.

Ela bufou. — O teu machismo está a vir à tona, Slade.

Quando ele virou a cabeça, o luar iluminou-lhe o rosto e o sorriso. Jessica sentiu o coração saltar-lhe até à boca. Não deveria já estar acostuada a ele? — indagou-se. O humor inconstante, os laivos de bom humor pueril no homem, por vezes, demasiado sério? O corpo dele era bonito e ágil, musculado como a de um boxeur peso leve. A cara espelhava as duas profissões — a inteligência e a acção.

Ele vai tomar conta de ti, consolou-a a mente dela. *Podes confiar*. Mas havia linhas de fadiga e tensão que o luar também acentuava. *E tu tomas conta dele*, acrescentaram os seus pensamentos. Sorrindo, estendeu-lhe os braços.

— Vem para a cama — ordenou ela.

Slade deitou-se ao lado dela e abraçou-a. Não havia nenhum desejo urgente em possuí-la. Ele sentia apenas uma simples serenidade, tão mais preciosa pela sua raridade. Durante as horas que se seguiram seriam como qualquer homem e mulher partilhando a intimidade do sono. Ela enroscou-se nele, tanto para confortar como para ser confortada. Não houve mais palavras.

Jessica deixou-se ficar quieta, fazendo uma respiração profunda e regular até o sentir adormecer. Com os olhos abertos e o medo ameaçando-a, observou o luar dançando sobre o ombro dele. Já era quase manhã quando ela adormeceu.

...

Quando o telefone tocou, ele acordou sobressaltado de um sono agitado. Gotículas de suor formaram-se-lhe na testa. Com medo de atender, e ainda mais de não o fazer, levantou o auscultador. — Está?

— O teu tempo terminou.

— Preciso de mais — disse ele rapidamente. Sabendo que fraqueza não seria tolerada, engoliu o tremor na voz. — Apenas alguns dias... Não é fácil tirá-los com a casa cheia de gente.

— Tenho de te lembrar que não és pago para fazer apenas o que é fácil?

— Tentei sacá-los ontem à noite... Quase fui apanhado.

— Então foste desleixado. Não gosto disso.

Ainda menos do que de fraqueza, pensou ele rapidamente, e humedeceu os lábios. — A Jessica... a Jessica não está bem. — Pegou num cigarro para acalmar os nervos. Tinha de pensar rápida e calmamente se queria manter-se vivo. — Ela não está a fazer planos de ir à loja. Daqui a poucos dias conseguirei convencê-la a tirar um fim-de-semana prolongado. Ela vai dar-me ouvidos. — Deu uma passa no cigarro, rezando para que fosse verdade. — Com ela fora de casa, posso recuperar os diamantes sem correr qualquer risco. — O suor começou a escorrer para cima do lábio superior e ele limpou-o com as costas da mão. — Tê-los-á este fim-de-semana. Uns dias não farão diferença.

Seguiu-se um suspiro que o fez arrepiar. — Estás errado de novo; são demasiados erros, meu jovem amigo. Lembras-te do meu sócio em Paris? Ele também cometeu erros.

O telefone deslizou molhado na mão dele. Ele lembrou-se do homem encontrado a boiar no Sena. — Esta noite — disse ele desesperadamente. — Vou buscá-los esta noite.

— Às dez horas na loja. — Fez uma pausa para garantir que a arma do medo cumprira o seu propósito. A respiração superficial e irregular agradou-o. — Se falhares desta vez, eu não serei tão... compreensivo. Tens-te saído muito bem desde que começaste a trabalhar para mim. De-testaria perder-te.

— Eu levo-os. Depois... depois quero sair.

— Depois vemos isso. Às dez. — Com um suave clique, a ligação foi cortada.

A mente e corpo de Slade acordaram no mesmo instante. O luxo de acordar lentamente era algo que perdera há anos. Slade tinha tido de aperfeiçoar a capacidade de dormir rápida e levemente e de acordar igualmente de forma rápida e pronto a funcionar. Era um hábito que ele desejava poder quebrar sem acreditar realmente que alguma vez o pudesse fazer.

Viu pela inclinação do Sol que ainda era cedo, mas mesmo assim olhou para o relógio sobre a lareira. Passava pouco das sete. As quatro horas de descanso tinham cumprido o seu objectivo.

Virou a cabeça e olhou para Jessica. As leves manchas azuladas sob os olhos fizeram-no franzir o sobrolho. Embora, pelos seus cálculos, ela tivesse dormido quase oito horas, as olheiras estavam mais profundas do que no dia anterior. Hoje ele ia garantir que ela descansasse mais – nem que tivesse de enfiar um sedativo no café dela. E que comesse alguma coisa – nem que tivesse de lhe dar à boca. Ela estava a emagrecer a olhos vistos.

Embora mal tenha estremecido o colchão quando se afastou dela, a mão dela agarrou-lhe o braço. Jessica abriu os olhos. — Dorme mais um bocado — ordenou ele, beijando-a levemente nos lábios.

— Que horas são? — A voz dela era rouca e espessa, mas a mão manteve-se firme no braço dele.

— Cedo.

Jessica relaxou, músculo a músculo, mas não o largou. — Quão cedo?

— Demasiado cedo. — Ele dobrou-se para lhe dar mais um beijo rápido antes de se levantar, mas ela puxou-o.

— Demasiado cedo para quê?

Ela sentiu-o esboçar um sorriso. — Nem sequer estás ainda bem acordada.

— Queres apostar? — Deslizando uma mão, passou os dedos pela barriga dele. O beijo sonolento ardia com paixão. — Talvez afinal não consigas sobreviver com três ou quatro horas de sono.

Erguendo uma sobrancelha, ele levantou a cabeça. — Queres apostar?

A gargalhada que ela deu em resposta foi abafada pelos lábios dele.

Nunca tinha sido assim para Jessica. Cada vez que faziam amor, era uma descoberta, um encanto, era avassalador. Nos braços dele, com as mãos e lábios dele percorrendo livremente o corpo dela, Jessica podia soltar-se. E como necessitava de se soltar.

Ele percebera desde o primeiro instante como lidar com ela. Cada vez que atingiam o clímax ele descobria novas variações, não dando a Jessica qualquer oportunidade de se familiarizar com um toque ou de prever uma exigência. Ele conseguia dominá-la tão facilmente, fazendo-a mergulhar no mundo que era pura emoção e sensação.

Tudo era magnético; desde o simples toque de um dedo até aos beijos violentos. Jessica quase conseguia sentir os fios do lençol contra as costas nuas. O suave tiquetaque do relógio parecia trovoadas. A ténue luz do Sol dançava, cinzenta e fantasmagórica. Ela viu-a cair sobre o cabelo dele, acentuando o emaranhado escuro, enquanto embrenhava as mãos nos cabelos.

Ele segredou-lhe ao ouvido algo poético e tolo acerca da textura da pele dela. Embora o tom fosse quase reverente, as mãos dele eram agressivas – excitando e drogando. Murmurando, ela dizia-lhe o que queria. Movendo-se, oferecia o que ele precisava.

Quando a possuiu, possuiu-a lentamente, observando os sinais de prazer e paixão no rosto dela à suave luz da madrugada. Saboreando as sensações que o invadiam quando ela se movia, ele mordiscou-lhe os lábios. Saboreou-a, e a si mesmo, antes de passar às pálpebras. Frágil, pensou ele; a pele dela era tão frágil. Contudo, as ancas dela incitavam-no continuamente a possui-la, a possui-la rapidamente. Com um controlo férreo, ele manteve o ritmo suave, prolongando o prazer supremo.

— Jess. — Ele mal conseguiu formar o nome dela entre fôlegos. — Abre os olhos, Jess. Quero ver os teus olhos. — As pálpebras tremelicaram, como se as pestanas douradas lhes pesassem. — Abre os olhos, amor, e olha para mim.

Ele não era homem de ternuras. Mesmo através da confusão de carências e sensações, Jessica reconhecia isso. Sentiu-se encher de um novo conforto – emoção pura – que fez duplicar o êxtase físico. Abriu os olhos.

As íris estavam opacas, o âmbar coberto com uma película de paixão. Quando ele se moveu dentro dela, as pestanas estremeceram, ameaçando baixar de novo. — Não, olha para mim. — A voz dele tinha diminuído para um sussurro rouco. Os lábios deles estavam tão próximos que as respirações se misturavam. Jessica viu que os olhos dele estavam escuros, cinzentos-escuros e intensos, como se ele conseguisse ler-lhe os pensamentos. — Diz-me que precisas de mim — pediu ele. — Preciso de te ouvir dizer isso, só uma vez.

Jessica tentou formar palavras enquanto se aproximava cada vez mais do delírio. — Preciso de ti, Slade... tu és o único.

Os lábios dele esmagaram os de Jessica para abafar o grito dela no momento em que ela atingiu o orgasmo. O último pensamento racional de Slade foi quase uma oração – que as palavras que pedira fossem o suficiente.

Estranho que o seu corpo se sentisse mais repousado, mais relaxado agora do que quando ele acordara. Slade deslizou para baixo para beijar o vale entre os seios dela antes de sair de cima dela. — Agora dorme mais um pouco — ordenou ele, mas antes que se conseguisse levantar, Jessica prendeu-lhe o pescoço com os braços.

— Nunca estive tão acordada na minha vida. O que é que vais fazer hoje comigo, Slade? Vais obrigar-me a preencher mais cartões ridículos daqueles?

— Aqueles cartões ridículos — disse ele pondo uma mão debaixo dos joelhos dela, — são uma parte necessária de qualquer biblioteca organizada.

— São chatos — disse ela provocadoramente quando ele a levantou.

— Mimada — decidiu ele, levando-a até à casa de banho.

— Não sou nada! — Enrugou o sobrolho enquanto ele ligava o chuveiro.

— És, sim — corrigiu ele. — Mas não faz mal, acho que gosto de ti assim,

— Bem, muito obrigada.

Ele sorriu, beijou-a e depois pousou-a no polibã. Jessica deu um grito. — Slade! Está gelada!

— É a melhor forma de activar a circulação sanguínea de manhã. — Entrou para o pé dela, tapando parcialmente o spray. — Bem, a segunda melhor — emendou ele, interrompendo em seguida um chorrilho de palavras com os lábios.

— Liga já a água quente! — ordenou ela quando ele a deixou respirar de novo. — Estou a ficar azul.

Ele pegou-lhe num braço e beliscou-o ao de leve. — Não, ainda não — discordou. — Queres o sabonete?

— Vou tomar o meu próprio duche, obrigada. — Irritada, tentou sair mas ele prendeu-a debaixo do spray gelado. — Larga-me! Isto é violência policial. — Ela levantou a cara para olhar para ele e foi atingida em cheio pela chuva de agulhas geladas. — Slade! — Jessica pestanejou para limpar os olhos. O corpo dela estava pressionado contra o dele, gelado e arrepiado. — Vais pagar por isto, juro que vais.

Cega pela água e pelo próprio cabelo molhado, tentou libertar-se. Prendendo-a com um braço, Slade ensaboou-a com a mão livre.

— Pára! — Furiosa e excitada, Jessica debatia-se. Quando a mão dele passou intimamente pelo traseiro dela, ela ficou ainda mais desesperada. Então ouviu-o rir. A fúria fê-la levantar a cabeça, embora a água lhe turvasse a visão.

— Escuta — começou ela. Dedos ensaboados passaram-lhe sobre o mamilo. — Slade, pára. — Com um gemido, ela tentou afastar-se. A palma dele deslizou por entre as coxas dela. — Não.

Mas a boca dela procurava desesperadamente a dele. Jessica já não sentia o frio.

Quando ela saiu do duche, estava a brilhar. Já tinha recuperado alguma cor nas faces. Slade reparou nisso com um misto de alívio e prazer embora Jessica tivesse feito os possíveis por parecer indignada.

— Vou vestir-me — informou-o ela enquanto embrulhava o cabelo molhado numa toalha. Como ela ainda estava nua, Slade não conseguiu ficar ofendido com o tom arrogante. Revigorado, prendeu uma toalha em volta da cintura.

— Ok, encontramos-nos lá em baixo para o pequeno-almoço daqui a dez minutos.

— Estarei lá — disse-lhe ela de modo imponente enquanto se baixava para apanhar a camisa dele, — quando chegar.

Sorrindo, ele viu-a vestir a camisa e abotoá-la. — Acho que conseguia habituar-me a ver-te vestida assim — comentou ele. Quando ela lhe ergueu uma sobrancelha, o sorriso dele aumentou ainda mais. — Molhada e meio nua — explicou ele.

— Outra vez aquele machismo — resmungou Jessica, reprimindo um sorriso. Virou-se e dirigiu-se à porta.

— Dez minutos — lembrou-lhe ele.

Jessica lançou-lhe um olhar fulminante por cima do ombro e depois bateu com a porta. O sorriso escapou rapidamente e depois desapareceu quase tão depressa. David estava à porta do quarto dela de mão erguida para bater. Tinha virado a cabeça quando ouvira o barulho, mas não se mexera. Passou os olhos por ela, reparando na camisa de Slade, na pele luzidia e molhada e nos olhos sonolentos.

— Bem. — O tom, como os olhos, estava frio. — Acho que já te levante.

Jessica sentiu-se ruborizar. Por mais próximos que ela e David fossem, vivendo na mesma casa, nunca se tinham cruzado em circunstâncias semelhantes. Ambos tinham sempre sido extremamente reservados sobre essa área das suas vidas.

Somos os dois adultos, lembrou Jessica a si mesma enquanto se aproximava dele – mas tinham crescido juntos.

— Sim, já estou levantada. Querias falar comigo? — Parte dela queria correr para ele como tinha feito no dia anterior; outra parte já não confiava tão incondicionalmente. A culpa fê-la ficar mais reservada em relação a ele. Pressentindo isso, ele ficou apenas mais distante e descontente.

— Pensei ver como estavas antes de ir para a loja, só isso. — Lançou-lhe outro olhar breve e significativo. — Como estás ocupada...

— Não estou ocupada, David. Entra. — Friamente educada, Jessica

abriu a porta do quarto e fez-lhe sinal para que entrasse. Nunca lhe ocorreu que estava a infringir uma das regras ao falar sozinha com David. Mesmo que tivesse ocorrido, ela não teria agido de forma diferente. — Houve algum problema ontem?

— Não... — O olhar dele pousou na cama, que não estava desmanchada. A voz ficou mais tensa. — Nada de mais. Obviamente tens tido muito com que te ocupar.

— Não seas sarcástico, David. Não te fica bem. — Retirou a toalha do cabelo e pô-la de lado. — Se tens alguma coisa para me dizer, desembucha. — Pegou num pente e começou a passá-lo pelos cabelos.

— Sabes o que andas a fazer? — explodiu ele.

A mão de Jessica estacou. Ela baixou lentamente o pente e voltou a colocá-lo no toucador. Viu-se de relance – pálida, com olheiras, molhada – e cobriu-se desajeitadamente com a camisa amarrotada de Slade. — Sê mais específico.

— Andas a dormir com o escritor. — Ajeitando os óculos, avançou um passo em direcção a ela.

— E se andar? — ripostou ela tensamente. — Porque é que tu objectarias?

— O que é que sabes sobre ele? — perguntou David com uma fúria tão súbita que ela ficou sem fala. — Ele aparece aqui do nada, provavelmente sem um chavo no bolso. Aqui é tudo muito agradável: casa grande, refeições à borla, uma mulher disponível.

— Cuidado, David. — Ela empertigou-se quando a fúria nos seus olhos se cruzou com a dele.

— Como é que sabes que ele não passa de um interesseiro? Alguns milhões de dólares são um alvo jeitoso.

A cor da raiva empalideceu com a dor. — E, é claro, em que mais poderia ele estar interessado a não ser no meu dinheiro?

Quando ela se preparou para virar costas, ele agarrou-a pelos ombros. — Vá lá, Jessie. — O olhar por detrás dos óculos suavizou. — Sabes bem que não era isso que eu queria dizer. Mas ele é um estranho e tu... bem, tu confias demasiado.

— Ai, sim, David? — Ela engoliu a súbita enchente de lágrimas enquanto estudava o rosto tão familiar. — E cometi algum erro ao ser assim?

— Não quero que te magoes. — Apertou-lhe os ombros antes de retirar as mãos. — Sabes que te amo. — A admissão pareceu pô-lo desconfortável. Encolhendo os ombros, enfiou as mãos nos bolsos. — Bolas, Jessica, deves saber que o Michael é doido por ti! Ele está apaixonado por ti há anos.

— Mas eu não estou apaixonada por ele — disse ela calmamente. — Estou apaixonada pelo Slade.

— Apaixonada por ele? Céus, tu mal o conheces!
A utilização da tola exclamação provocou nela uma rápida gargalhada.
— Oh, David, conheço-o melhor do que pensas.
— Olha, deixa-me investigá-lo um pouco, talvez descubra...
— Não! — Rapidamente, Jessica interrompeu-o. — Não, David, não vou permitir isso. O Slade é assunto meu.
— Também era aquele patife da Madison Avenue que te cobrou dez mil a mais — resmungou ele.
Jessica virou a cara e cobriu-a com as mãos. Era engraçado, pensou. Era até capaz de se rir. Duas das pessoas mais importantes da sua vida alertavam-na em relação à outra.
— Eh, Jessica, desculpa. — Sentindo-se constrangido, David deu-lhe umas palmadinhas no cabelo molhado. — Foi uma coisa estúpida de se dizer. Vou bazar, mas... bem, tem cuidado, ok? — David indagou-se por que motivo estaria ela subitamente tão emotiva. — Não vais chorar, pois não?
— Não. — Isso fê-la realmente dar uma pequena gargalhada. Ele parecia tão desconfiado como quando tinha doze anos e ela chegara a casa depois de ter brigado com o namorado. A lealdade estava acima de tudo. — David... — Virando-se, Jessica pousou as mãos nos ombros dele e olhou fundo nos olhos dele. — Se estivesses metido em sarilhos... se tivesses feito alguma loucura e cometido um erro, um erro grave... contavas-me?
Ele semicerrou ligeiramente os olhos mas ela não conseguiu perceber se de curiosidade ou culpa. — Não sei. Acho que dependeria.
— Independentemente do que tivesses feito, David, eu ficaria sempre do teu lado.
O tom era demasiado sério. Desconfortável, ele encolheu os ombros franzinos e tentou desconstrair o ambiente. — Vou lembrar-te disso na próxima vez que me deres um raspanete por me ter enganado na contabilidade. Jessie, tu não estás mesmo nada com bom aspecto. Devias pensar em sair para descansar por uns dias.
— Vou ficar bem. — Pressentindo uma discussão, ela continuou. — Mas vou pensar no assunto.
— Acho bem. Tenho de ir, disse ao Michael que abria hoje. — Deu-lhe um beijo rápido na face. — Desculpa se fui um pouco brusco. Ainda acho... — Hesitando, encolheu de novo os ombros. — Bem, todos temos de fazer as coisas à nossa maneira.
— Sim — murmurou ela enquanto ele se dirigia à porta. — Pois temos. David... se tu ou o Michael precisarem de dinheiro...
— Vamos ter um aumento? — perguntou ele com um sorriso rápido enquanto girava a maçaneta.

Forçando um sorriso, Jessica pegou novamente no pente. — Vemos isso quando eu regressar ao trabalho.

— Despacha-te — disse ele, deixando-a sozinha.

Jessica olhou fixamente para a porta fechada e depois para o pente que tinha na mão. Num súbito ataque de raiva, atirou-o contra a parede. O que é que tinha estado a fazer?! A sondá-lo, na esperança de que ele confessasse para ela conseguir ver um fim ao tormento. E não seria capaz de evitar fazer o mesmo com Michael. A sua falta de confiança assustou-a.

Sentou-se no banco do toucador e olhou para o próprio reflexo. Não estava certo sentir-se daquela maneira... afastada das duas pessoas que lhe eram mais chegadas. À procura de sinais, esperando que cometessem algum erro. Pior, pensou, pior: querendo que cometessem algum para ela poder parar com a espera.

Olhou longa e severamente para si própria. O cabelo estava molhado e emaranhado em redor de um rosto pálido. A palidez só acentuava as olheiras sob os olhos. Ela tinha um aspecto frágil, já meio desgastada. A isso ela podia pôr um ponto final com algumas praticabilidades básicas. Endireitando a coluna, Jessica começou a aplicar maquilhagem nas olheiras. Se uma ilusão de força era tudo o que lhe restava, ia fazê-la o melhor possível.

Quando o telefone tocou do outro lado do quarto, ela deu um salto, derrubando uma pequena jarra de porcelana no chão. Impotente, olhou para os fragmentos que nunca mais poderiam ser reunidos.

Betsy atendeu o telefone no momento em que Slade chegava ao fundo das escadas. — Sim, ele está. Posso saber quem fala? — Parou Slade com um olhar desconfiado enquanto lhe estendia o auscultador. — É a *Sra. Sladerman* — disse ela com afectação.

Franzindo o sobrolho, Slade pegou no auscultador. — Mãe? — Betsy fungou e afastou-se. — Porque é que estás a ligar-me para aqui? Sabes que estou a trabalhar. Passa-se alguma coisa? — perguntou ele quando a irritação deu lugar à preocupação. — A Janice está bem?

— Não se passa nada e a Janice está ótima — disse a mãe assim que ele a deixou falar. — E como é que tu estás?

A irritação regressou imediatamente. — Mãe, sabes bem que não deves telefonar quando eu estou a trabalhar a não ser que seja importante. Se o cano furou de novo, chama o supervisor.

— Acho que conseguia chegar a essa conclusão sozinha — considerou a *Sra. Sladerman*.

— Olha, eu devo regressar daqui a poucos dias. Adia o que quer que seja até eu chegar aí.

— Está bem — disse ela calmamente. — Mas tu disseste-me para te

avisar se soubesse alguma coisa do teu agente. Falamos sobre isso quando chegares. Adeus, Slade.

— Espera! — Soltando um suspiro de impaciência, Slade mudou o auscultador de mão. — Não me ias telefonar para me informares de mais uma rejeição.

— Pois não — concordou ela. — Mas achei que devia telefonar com uma aceitação.

Ele começou a falar mas depois deteve-se. A expectativa só levava à decepção. — Do novo conto para o *Mirror*?

— Bem, ele também disse qualquer coisa acerca disso... — Ela deixou a frase morrer até Slade estar prestes a gritar-lhe. — Mas ele estava tão entusiasmado por ter vendido o romance que eu não consegui assimilar tudo.

Slade sentiu o coração bater-lhe nos ouvidos. — Que romance?

— O teu, idiota — disse ela com uma gargalhada. — *Segunda Oportunidade* de James Sladerman, a ser publicado em breve pela Fullbright and Company.

A emoção avassalou-o demasiado depressa. Encostando a testa ao auscultador, Slade fechou os olhos. Tinha esperado toda a vida por aquele momento; agora nada parecia pronto a funcionar. Tentou falar, mas tinha um nó na garganta. Pigarreou.

— Tens a certeza?

— Sim — disse ela por entre dentes. — Slade, achas que eu não percebo inglês, mesmo que seja conversa de agente? Ele disse que estão a elaborar um contrato e que depois entra em contacto com os pormenores. Coisas a ver com direitos para filme, direitos para série e cláusulas com valores. Claro — acrescentou ela quando o filho permaneceu calado, — que a decisão é tua. Se não *quiseres* o adiantamento de cinquenta mil dólares... — Esperou e depois deu um suspiro maternal. — Sempre foste muito calado, Slade, mas isto é ridículo. Um homem não tem nada a dizer quando consegue finalmente aquilo que sempre quis?

Sempre quis, pensou ele, meio dormente. Claro que ela sempre soubera. Como é que ele conseguira iludir-se pensando que tinha conseguido esconder-lhe isso? Ele ainda não estava a pensar no dinheiro. Ainda estava a ouvir a palavra mágica *publicado*. — Não consigo pensar — disse finalmente.

— Bem, quando conseguires, traz aquele em que estás a trabalhar agora. Eles querem vê-lo. Parece que acham que apanharam um tigre pela cauda. Slade... estava a pensar se te terei dito vezes suficientes que tenho orgulho de ti.

— Sim. — Ele exalou longamente. — Disseste. Obrigado.

O riso dela foi consolador ao ouvido dele. — Assim mesmo, querido, poupa as palavras para as tuas histórias. Agora tenho mais uma data de telefonemas para fazer; adoro gabar-me. Parabéns.

— Obrigado — disse ele novamente. — Mãe...

— Sim?

— Compra um piano novo.

Ela riu-se. — Adeus, Slade.

Ele ficou a ouvir o sinal de linha durante quase um minuto.

— Desculpe, Sr. Sladerman, deseja tomar agora o pequeno-almoço?

Confuso, Slade virou-se e deparou-se com Betsy. Ela estava atrás dele — pequenos olhos negros, pele enrugada e cabelo grisalho. Ela cheirava vagamente a produto de limpar pratos e saché de lavanda. O sorriso que Slade lhe deu fê-la recuar um passo. Parecia um pouco louco.

— És linda.

Ela recuou mais um passo. — Desculpe?

— Totalmente linda. — Pegando nela ao colo, fê-la girar num círculo rápido e depois beijou-a em cheio na boca. Betsy conseguiu emitir um grito abafado. Os lábios vibravam pela primeira vez em dez anos.

— Ponha-me já no chão e comporte-se — ordenou ela, agarrando-se à sua dignidade.

— Betsy, sou louco por ti.

— Louco, ponto final — corrigiu ela, recusando-se a encantar-se com o brilho nos olhos dele. — É mesmo típico de escritor andar a bebericar brandy antes do pequeno-almoço. Ponha-me no chão que eu vou preparar-lhe um café bem forte.

— Eu sou um escritor — disse-lhe ele com algo próximo de admiração na voz.

— Sim, de facto — disse ela. — Ponha-me no chão como um bom menino.

Jessica parou a meio das escadas para observar o que se passava. Era mesmo Slade que estava a sorrir como um louco e a segurar a governanta ao colo? Ficou boquiaberta quando ele plantou outro beijo nos lábios de Betsy.

— Slade?

Ele voltou-se com Betsy ao colo. Passou pela cabeça de Jessica que se tratava da primeira vez que o via completamente feliz. — A seguir és tu — anunciou ele ao colocar Betsy no chão.

— Doido — disse Betsy a Jessica com um aceno de cabeça. — Antes do pequeno-almoço.

— Publicado — corrigiu Slade ao pegar em Jessica. — Antes do pequeno-almoço. — A boca dele esmagou a dela antes de ela conseguir

falar. Jessica sentiu a emoção irradiar dele; uma emoção pura e forte. A alegria passou para ela e fê-la desatar às gargalhadas assim que ficou com a boca livre.

— Publicado? O teu romance? Quando? Como?

— Sim. Sim. — Ele beijou-a de novo antes de continuar a responder-lhe. — Acabei de receber um telefonema. A Fullbright and Company aceitou o meu manuscrito e quer ver aquele em que estou a trabalhar agora. — Algo se alterou nos olhos dele quando a puxou para ele. Ela só o viu fugazmente. Não era uma perda de felicidade, mas uma completa tomada de consciência. — Sou dono da minha vida — murmurou ele. — É finalmente minha.

— Oh, Slade. — Jessica agarrou-se a ele, sentindo a necessidade de partilhar o momento. — Estou tão feliz por ti. — Levantando a cara, emoldurou a dele com as mãos. — É apenas o começo. Agora nada te irá deter, eu sei. Betsy, precisamos de champanhe — disse ela enquanto se abraçava de novo ao pescoço de Slade.

— Às nove da manhã? — A frase saiu tremida com o choque.

— Precisamos de champanhe às nove *desta* manhã — disse-lhe Jessica. — Na sala de estar. Vamos comemorar.

Fazendo estalidos rápidos com a língua, Betsy desceu o corredor. Os escritores não eram melhores que os artistas, lembrou a si mesma. E toda a gente sabia o tipo de vida que levavam. Ainda assim, ele era um demónio charmoso. Permitiu-se dar uma risadinha pouco digna antes de entrar na cozinha para relatar os acontecimentos à cozinheira.

— Entra — ordenou Jessica. — Conta-me tudo.

— É tudo — disse-lhe Slade quando ela o empurrou para dentro da sala. — Eles querem o livro, é isso que interessa. Vou ter de ver os detalhes com o meu agente. — Lembrou-se finalmente do número cinquenta mil. — Vou receber um adiantamento — acrescentou com uma meia gargalhada. — O suficiente para eu me manter até vender o segundo.

— Isso não vai demorar muito... eu li-o, lembras-te? — Numa súbita explosão de energia, ela agarrou-lhe na mão. — Que filme daria! Pensa bem, Slade, tu podias escrever o guião. Tens de ter cuidado com os direitos do filme, certificar-te que não assinas algo que não devas. Ou uma mini-série — decidiu ela. — Sim, isso é melhor, assim podias...

— Já pensaste alguma vez desistir das antiguidades e abrir uma agência? — perguntou ele suavemente.

— Negociar é negociar — retrucou ela, sorrindo em seguida. — E eu sou uma artista.

Com uma expressão de discordância, Betsy entrou com uma bandeja. — Mais alguma coisa, menina Winslow?

Quando Betsy se dirigia assim de modo tão formal, Jessica sabia que ela estava furiosa. — Não, nada. Obrigada, Betsy. — Jessica esperou até a governanta desaparecer antes de lançar a Slade um olhar fulminante. — A culpa é tua — informou-o. — Agora vai ser educada e sofrer o dia todo porque a molestaste e eu te fiz companhia na depravação do champanhe antes do pequeno-almoço.

— Podíamos oferecer-lhe um copo — sugeriu ele enquanto abria a garrafa.

— Tu queres realmente que eu me meta em sarilhos. — Jessica ergueu os dois copos quando a rolha saltou. — Um brinde a escrever James Sladerman num daqueles cartões necessários da minha biblioteca — disse ela quando os copos estavam cheios.

Rindo, ele bateu com o copo no dela. — O primeiro exemplar é para ti — prometeu ele, esvaziando o copo em seguida.

— Como te sentes, Slade? — Bebericando com maior cuidado, Jessica viu-o voltar a encher o copo. — Como é que te sentes realmente?

Ele examinou as bolhinhas do vinho como se estivesse à procura da palavra. — Livre — disse em voz baixa. — Sinto-me livre. — Abanando a cabeça, começou a deambular pela sala. — Após estes anos todos a fazer o que faço, vou ter a oportunidade de fazer o que quero. O dinheiro significa apenas que não morrerei de fome a fazê-lo mesmo depois de pagar as propinas deste último ano. Mas agora a porta está aberta. Está aberta — repetiu ele, — e eu posso atravessá-la.

Jessica humedeceu os lábios e engoliu em seco. — Vais deixar a polícia?

— Pretendia fazê-lo no próximo ano. — Pôs-se a brincar com o pavio de uma vela sobre o piano. Uma agitação intrometeu-se nos outros sentimentos — uma agitação que ele se recusara a reconhecer antes. — Isto significa que pode ser mais cedo. Muito mais cedo. Vou voltar a ser um civil.

Ela pensou na arma que ele escondia algures no quarto. Sentiu um grande alívio seguido de imediato por ansiedade. — Acho que te vai custar um bocado a habituares-te.

— Eu consigo.

— Vais... demitir-te já?

— Não há por que esperar — considerou ele. — Tenho dinheiro suficiente para me sustentar até o contrato estar assinado. Vou precisar de tempo se eles quiserem alterações. Depois também tenho este romance para terminar e outro que já comecei. Pergunto-me qual será a sensação de escrever a tempo inteiro em vez de o fazer aos bochechos.

— Foi para isso que nasceste — murmurou ela.

— Assim que tudo isto terminar, vou descobrir.

— Terminar? — Jessica fixou os olhos nos dele, mas ele não estava a olhar para ela. — Vais ficar?

— O quê? — Distraído, ele olhou de novo para ela. A expressão no rosto dela fê-lo franzir a testa. — O que é que disseste?

— Pensei que ias passar a missão para outra pessoa. — Jessica pegou na garrafa para acrescentar champanhe a um copo que já estava cheio. — Deves querer regressar já para Nova Iorque.

Com um cuidado deliberado, Slade pousou o copo. — Não deixo as coisas por acabar.

— Não. — Ela voltou a pousar a garrafa. — Não, claro que não.

— Achavas que eu me ia embora e te deixava aqui?

A fúria na voz dele fê-la beber um gole rápido de champanhe. — Achei — disse ela lentamente, — que quando alguém está prestes a ter o que sempre sonhou e ansiou, não deveria correr riscos.

Ele aproximou-se dela e tirou-lhe o copo da mão. Depois pousou-o ao lado da garrafa meio cheia. — Acho que devias era calar-te. — Quando ela começou a falar, ele agarrou-lhe na cara com uma mão forte. — Estou a falar a sério, Jess.

— És um tolo em ficar quando tens escolha — explodiu ela.

Ele semicerrou os olhos, furioso, antes de a beijar com violência. — E tu és uma tola em pensar que eu tenho alguma.

— Mas tens — corrigiu Jessica mais calmamente. — Já te disse uma vez que temos sempre escolha.

— Está bem. — Slade anuiu com a cabeça sem nunca desviar os olhos dos dela. — Diz a palavra e eu volto hoje para Nova Iorque... se fores comigo — acrescentou quando ela começou a falar. A resposta dela foi um rápido e provocador aceno de cabeça. — Então estamos nisto juntos até ao fim.

Jessica abraçou-se a ele com força. Precisava tanto que ele ficasse como desejava que se fosse embora. Por enquanto, ela iria apenas pensar em amanhã. — Mas lembra-te, eu dei-te a tua escolha. Não vais ter outra. — Inclinando a cabeça para trás, sorriu para ele. — Um dia vou lembrar-te disso. Estamos nisto juntos.

Slade anuiu novamente com a cabeça, não reparando que ela tinha usado a sua frase. — Ok, vamos comer alguma coisa a acompanhar este champanhe antes que a Betsy te expulse daqui.

Para Jessica o dia arrastava-se. A reclusão sozinha teria sido tortura para ela. Jessica odiava ver o sol entrar pelas janelas e não poder sair de casa. Até a praia era zona proibida, por isso estava impedida de saber se podia voltar a passear lá sem ter de olhar por cima do ombro.

Pensar na loja só lhe provocava dores de cabeça. A única coisa que tinha concebido e construído sozinha tinha-lhe sido tirada das mãos. Talvez nunca mais voltasse a sentir o mesmo orgulho e dedicação em fazer o melhor que era capaz. Pior, a exaustão estava a levá-la ao ponto de nem sequer se ralar mais.

Jessica odiava estar doente. A defesa habitual contra uma fraqueza física era ignorá-la e continuar. Era algo que ela não podia – ou não queria – mudar. Contudo, naquele momento ela não tinha saída. A biblioteca silenciosa e as tarefas monótonas que Slade lhe dava já lhe estavam a complicar com os nervos. Por fim, atirou com a caneta para cima da mesa e levantou-se de um salto.

— Não aguento mais isto! — Gesticulou amplamente para abarcar toda a biblioteca. — Slade, se tiver de escrever mais uma palavra, dou em doida. Não há nada que possamos fazer? Nada? Esta espera é insuportável.

Slade recostou-se na cadeira, escutando calmamente as queixas dela. Tinha-a visto impaciente a manhã toda, a lutar contra o tédio, a tensão e a exaustão. A única coisa que o surpreendera fora o facto de ela ter conseguido aguentar tanto tempo sem explodir. Ficar quieta não era o forte de Jess Winslow, pensou ele. Desviou uma pilha de livros.

— Gin — afirmou ele calmamente.

Jessica enfiou as mãos nos bolsos das calças. — Raios, Slade! Não quero beber. Preciso de fazer alguma coisa!

— Rummy — terminou ele ao levantar-se.

— Rummy? — Jessica ficou confusa por um momento e depois deu um suspiro irascível. — Cartas?! Estou quase a bater com a cabeça contra as paredes e tu queres jogar às cartas?

— Sim. Tens algumas?

— Acho que sim. — Jessica passou uma mão pelo cabelo, afastando-o da cara por um instante antes de baixar o braço. — É o melhor que consegues arranjar?

— Não. — Slade aproximou-se para passar o polegar ao longo das olheiras dela. — Mas acho que por hoje já provocámos choques suficientes à Betsy.

Após alguma hesitação, Jessica acabou por ceder. — Está bem. Cartas. — Dirigiu-se a uma mesa e abriu uma gaveta. — O que é que vamos apostar? — perguntou ela enquanto vasculhava a gaveta.

— Tens mais dinheiro que eu — disse Slade secamente. — Meio péni por ponto.

— Ok, mãos-largas. — Jessica encontrou um baralho de cartas e baralhou-as. — Prepara-te para perder.

E ele perdeu – retumbantemente. Por sugestão de Slade, tinham ido jogar para a sala de estar. A ideia dele tinha sido a de que um sofá e uma lareira acolhedora a relaxariam, e um jogo calmo e maçador podia pô-la a dormir. Ele já tinha chegado à conclusão de que dormir era a única forma de Jessica conseguir esperar sem dar em doida.

Ele não previra que ela soubesse jogar tão bem e que lhe daria uma tarefa.

— Gin — anunciou Jessica de novo.

Ele olhou irritado para as cartas dela. — Nunca vi ninguém com tanta sorte.

— Perícia — corrigiu ela, reunindo as cartas para as baralhar.

A opinião dele foi uma breve palavra de cinco letras. — Trabalhei no departamento de tráfico de estupefacientes — disse-lhe ele quando ela dava as cartas. — Sei reconhecer uma trifulhice.

— Tráfico de estupefacientes? — Jessica enfiou a língua na bochecha. — Tenho a certeza de que era muito interessante.

— Tinha os seus momentos — disse ele por entre dentes, franzindo o sobrolho às cartas que tinha na mão.

— Em que departamento estás agora?

— Homicídio.

— Ah. — Ela engoliu em seco, mas conseguiu manter um tom de voz descontraído. — E esse também deve ter os seus momentos.

Ele deu-lhe um grunhido que podia ter sido de concordância enquanto punha uma carta na mesa. Jessica apanhou-a. Quando Slade semicerrou os olhos, ela sorriu apenas.

— Deves ter conhecido muita gente no teu trabalho. — Ela examinou a mão e depois rejeitou uma carta. — É por isso que os teus personagens têm tanta profundidade.

Ele pensou brevemente nas pessoas da rua; traficantes e prostitutas, ladrões e vítimas. Contudo, ela tinha uma certa razão. Quando chegara à casa dos trinta, Slade achara que já tinha visto tudo o que havia para ver. Mas estava constantemente a descobrir que havia mais.

— Sim, conheço muita gente. — Ele voltou a rejeitar uma carta, e Jessica apanhou-a. — Prendi alguns ases das cartas.

Jessica olhou para ele com ar inocente. — A sério?

— Um era uma ruiva bastante atraente — improvisou ele. — Jogava nalguns dos melhores hotéis de Nova Iorque. Ligeiro sotaque sulista, mãos brancas e baralho marcado. — Slade levantou uma carta em direcção à luz antes de a rejeitar. — Foi condenada a três anos.

— Ai, sim? — Jessica abanou a cabeça enquanto pegava na carta. — Gin.

— Então, Jess, não pode ser...

Ela espalhou as cartas. — Parece que sim.

Depois de uma rápida vista de olhos pelas cartas dela, ele praguejou. — Ok, chega. — Slade atirou as cartas para cima da mesa. — Faz as contas ao meu prejuízo. Não jogo mais.

— Bem, vejamos. — Jessica mastigou a ponta de um lápis enquanto examinava o bloco de notas salpicado de algarismos. — Pelos meus cálculos, deves-me oito dólares e cinquenta e sete e meio. — Pousando o bloco, sorriu para ele. — Arredondemos para oito dólares e cinquenta e sete.

— És muito generosa, Jess.

— Paga e cala. — Estendeu uma mão com a palma voltada para cima. — A não ser que queiras apostar tudo ou nada.

— Nem pensar. — Slade meteu a mão no bolso e retirou a carteira. Atirou uma nota de dez para cima da mesa. — Não tenho trocado. Deves-me um dólar e quarenta e três.

Com um sorriso pretensioso, Jessica levantou-se para ir buscar a carteira ao armário do corredor. — Um dólar — disse ela, vasculhando a carteira enquanto regressava à sala. — E... vinte e cinco, trinta, quarenta e três. — Largou o troco na mão dele e depois sorriu maliciosamente. — Estamos pagos.

— Nem pensar. — Slade agarrou-a e deu-lhe um beijo longo e intenso. — Já que vais depenar-me — murmurou ele, agarrando-lhe nos cabelos com uma mão, — o mínimo que podes fazer é recompensar-me de alguma forma.

— Parece-me razoável — concordou ela, oferecendo-lhe de novo os lábios.

Céus, como ele a queria! Não só por um momento, um dia ou um ano, pensou enquanto se perdia no sabor dela. Para sempre. Eternamente. Ele nunca se permitira pensar nesses termos. Havia uma barreira entre eles – a fina barreira do status que ele esquecia quando a tinha nos braços. Ele não tinha nada que sentir o que sentia nem que perguntar o que queria perguntar. Mas ela era quente e macia, e os lábios moviam-se avidamente sob os dele.

— Jess...

— Não fales. — Ela abraçou-o com mais força. — Beija-me outra vez.

— A boca dela colou-se à dele, abafando as palavras que suplicavam por sair. E quanto mais longo era o beijo, mais fina ficava a barreira entre eles. Slade quase conseguia senti-la rachar.

— Jess — murmurou ele de novo, enterrando a cara nos cabelos dela.

— Eu quero...

Ela deu um pulo e Slade praguejou quando a campainha da porta tocou.

— Eu atendo — disse ela.

— Não, deixa a Betsy atender. — Ele segurou-a por mais um minuto, sentindo o coração dela martelar contra o peito.

Jessica anuiu com a cabeça. Quando Slade a largou, ela sentou-se numa cadeira. — É tolice — começou ela, depois Michael entrou na sala.

— Jessica. — Ignorando Slade, Michael dirigiu-se a ela e pegou-lhe na mão. — Estás tão pálida... devias estar na cama.

Ela sorriu, mas não conseguiu evitar ficar tensa. — Sabes bem que dava em doida se ficasse na cama. Eu disse-te para não te preocupares, Michael.

— Como posso evitar? — Levantou-lhe a mão para roçar os lábios pelos nós dos dedos. — Especialmente com o David a resmungar toda a tarde sobre tu não saberes como te cuidar.

— Isso foi... — Ela calou-se de repente, olhando rapidamente para Slade. — Isso foi apenas um pequeno desentendimento que tivemos. Estou bem, a sério.

— Não me pareces nada bem, pareces exausta. — Franzindo o sobrolho, Michael seguiu a direcção do olhar dela até chegar também a Slade. A compreensão foi substituída por raiva, ressentimento e depois por resignação. — Ela devia estar na cama — disse ele secamente a Slade, — e não a entreter convidados.

Slade encolheu os ombros e sentou-se numa cadeira. — Não é minha função dizer à Jess como viver a vida dela.

— E qual é exactamente a sua função?

— Michael, por favor. — Jessica interrompeu a resposta de Slade e levantou-se rapidamente. — Vou deitar-me daqui a pouco. Estou cansada. — Voltou-se para Slade com um pedido silencioso. — Já atrapalhei demasiado o teu trabalho. Não escreveste nada o dia todo.

— Não tem problema. — Ele sacou de um cigarro. — Compenso esta noite.

Michael estava entre os dois, não querendo ir embora — e sabendo que não servia de nada ficar. — Eu vou agora — disse ele finalmente, — se me prometeres que te vais deitar.

— Sim, vou. Michael... — Jessica abraçou-o, sentindo a constituição física familiar e cheirando o aroma fresco a maresia do aftershave. — Tu e o David significam tanto para mim.

— O David e eu — disse ele em voz baixa, passando uma mão pelos cabelos dela. — Sim, eu sei. — Olhou uma última vez para Slade antes de a afastar. — Boa noite, Jessica.

— Boa noite, Michael.

Slade esperou até ouvir a porta da rua fechar-se. — Que tipo de desentendimento tiveste tu com o David?

— Não teve nada a ver com isto... foi pessoal.

— Neste momento nada é pessoal.

— Isto foi. — Virando-se, fixou-o com olhos cansados, mas ele viu surgir a linha de teimosia entre as sobrancelhas. — Tenho direito a alguma privacidade, Slade.

— Eu disse-te que não estivesses com nenhum dos dois a sós — lembrou-lhe ele.

— Prende-me — disse ela bruscamente.

— Não me tentes. — Olhou-a directamente nos olhos. — E não voltes a fazer isso.

— Sim, sargento. — Jessica bufou de irritação e passou uma mão pelo cabelo. — Desculpe.

— Não peças desculpa — disse-lhe ele curtamente. — Faz apenas aquilo que te dizem.

— Acho que vou subir. Estou cansada — acrescentou ela sem olhar para Slade.

— Ótimo. — Ele não se levantou nem desviou os olhos dela. — Vê se dormes.

— Sim, sim. Boa noite, Slade.

Ele ouviu-a subir as escadas e depois atirou o cigarro para a lareira e praguejou.

No piso superior, Jessica encheu a banheira. Era disso que precisava, pensou — uma aspirina para a dor de cabeça, um banho quente para a tensão. Depois iria conseguir dormir. Tinha de dormir — o corpo gritava por descanso. Pela primeira vez na vida, Jessica sentia-se completamente esgotada. Esperou até a casa de banho estar cheia de vapor e depois entrou na banheira.

Ela sabia que não tinha enganado Slade. Jessica não era tola a ponto de acreditar que ele tinha aceite a desculpa do cansaço. Ele sabia tão bem como ela o que se passava dentro da sua cabeça. A visita de Michael tinha sido a última gota num dia cheio de medos não revelados e nervos em franja.

Não tinha acontecido nada, pensou ela com frustração enquanto deixava a água submergi-la. Quanto tempo mais teria de esperar? Um dia? Uma semana? Duas semanas? Suspirou profundamente e fechou os olhos. Jessica conhecia demasiado bem a própria personalidade. Seria uma sorte conseguir aguentar uma noite, quanto mais uma semana de espera e incerteza.

Uma hora de cada vez, pensou. Eram sete horas. Ia concentrar-se em chegar às oito.

...

Às oito e vinte, Slade passava revista ao rés-do-chão, verificando as fechaduras. Esperara, ao longo de um dia insuportavelmente longo, pelo telefonema que lhe diria que a missão estava terminada. Amaldiçoou silenciosamente a Interpol, o FBI e Dodson. Para ele eram todos igualmente culpados. Jessica não seria capaz de suportar muito mais – isso tinha ficado bastante claro durante a visita de Michael.

Havia outra coisa que também tinha ficado bastante clara. Slade tinha estado muito perto de transpor a última barreira. Se a campainha da porta não tivesse tocado, ele teria dito coisas que mais valia não dizer, perguntado coisas que não tinha o direito de perguntar a uma mulher vulnerável.

Ela podia ter dito sim. Teria dito sim, corrigiu ele ao passar por cima de Ulisses que estava a ressonar. E ter-se-ia arrependido quando a situação se alterasse e a vida dela regressasse ao normal, reflectiu. E se a tivesse pedido e se casassem antes de ela ter tempo para se reajustar? *Uma boa forma de estragar duas vidas*, Slade, disse para si mesmo. Era melhor fazer agora a ruptura e recuar até serem novamente polícia e missão.

Pelo menos ela estava no quarto a descansar, e não ao lado dele a tentá-lo a passar de novo aquela linha. Quando ele não podia vê-la nem tocá-la, era mais fácil ver as coisas de forma objectiva.

Os empregados estavam a descansar na sua ala. Ele conseguia ouvir o murmúrio de uma televisão. Quando acabasse de verificar as fechaduras, iria para o quarto escrever. Slade massajou a parte de trás do pescoço onde se concentrava a tensão. Depois iria dormir na própria cama, sozinho.

Quando se dirigia à porta da cozinha, Slade viu a maçaneta ligeiramente rodada. Músculos tensos, recuou para a escuridão e aguardou.

...

Oito e meia. Jessica olhou novamente para o relógio enquanto deambulava pelo quarto. Nem o banho nem a aspirina a tinham relaxado

o suficiente para a fazer adormecer. *Se o Slade viesse*, pensou ela, abanando depois a cabeça. Estava a ficar demasiado dependente e isso não fazia nada o seu estilo. Contudo, ela sentia que os nervos acalmariam um pouco se ao menos ouvisse o som da máquina de escrever.

Uma hora de cada vez, lembrou a si mesma, olhando de novo para o relógio. Bem, tinha conseguido aguentar das sete às oito, mas não ia conseguir chegar às nove. Desistindo, Jessica começou a descer as escadas.

Se ele estivesse irritado, ela teria de tirar o melhor partido da situação, pensou. Estar fechada dentro de casa já era suficientemente mau sem estar confinada ao quarto. Ela até estava quase disposta a preencher mais daqueles cartões ridículos – qualquer coisa para se manter ocupada até...

Os pensamentos foram interrompidos quando ela chegou ao fundo das escadas. As portas da sala de estar estavam de novo fechadas. Jessica sentiu um arrepio na coluna e teve uma vontade súbita de voltar para trás, entrar no quarto e fingir que nunca tinha saído de lá. Já tinha recuado um passo quando parou.

Não tinha dito a Slade para não lhe dizer para fugir? Aquela era a casa dela, lembrou a si mesma enquanto avançava. O que acontecia lá dentro era sua responsabilidade. Respirando fundo, abriu as portas da sala e acendeu a luz.

...

Slade esperou enquanto a porta das traseiras se abria silenciosamente. Primeiro só viu uma sombra, mas a constituição física era familiar. Relaxando, avançou para a claridade da Lua. Assustado, David virou-se e praguejou.

— Pregaste-me um susto de morte — queixou-se David enquanto deixava a porta fechar-se atrás dele. — O que é que estás a fazer aqui no escuro?

— A verificar as fechaduras — disse Slade com descontração.

— Acabei de chegar — resmungou David. Depois de ligar as luzes, dirigiu-se ao fogão. — Queres café? — perguntou rabugento.

— Obrigado. — Slade puxou uma cadeira e esperou que David falasse.

O último relatório que recebera de Brewster tinha ilibado David. O nome, rosto e impressões digitais tinham passado pelos computadores mais sofisticados. Todos os seus movimentos tinham sido seguidos durante um mês. David Ryce era exactamente aquilo que aparentava – um jovem ligeiramente rebelde que tinha queda para os números e gosto por antiguidades. Estava também a ter o que considerava ser um romance discreto com uma estudante de medicina. Slade recordou a diversão quase paternal de Brewster com a paixão de David.

Embora tivesse sentido uma ponta inicial de culpa por esconder de Jessica aquela informação, Slade tinha decidido que ela já estava a ter bastante trabalho para se manter controlada. Era melhor que ela desconfiasse dos dois homens do que ter a certeza de que Michael Adams estava enterado até ao pescoço na operação de contrabando.

...

— Michael. — Jessica olhava fixamente, encarando a verdade e não querendo acreditar.

— Jessica. — Ele tinha pedaços da escrivanhina na mão e procurava freneticamente uma desculpa plausível para a sua presença e atitude. — Não queria incomodar-te. Estava com esperança que estivesses a dormir.

— Sim, tenho a certeza que estavas. — Com um suspiro de resignação silencioso, Jessica fechou as portas atrás dela.

— Houve um problema com esta peça — começou Michael. — Que queria...

— Pára, por favor. — Jessica atravessou a sala, serviu-se de dois dedos de brandy e bebeu. — Eu sei sobre o contrabando, Michael — disse-lhe ela numa voz despida de emoção. — Sei que tens estado a usar a loja.

— Contrabando? Ora, Jessica...

— Eu disse para parares! — Virou-se de repente, impelida por raiva e desespero. — Eu sei, Michael. Bem como a polícia.

— Oh, céus! — Michael empalideceu e começou a olhar freneticamente em volta. Haveria para onde fugir?

— Quero saber porquê. — A voz dela era baixa e calma. — Deves-me isso.

— Fui enganado. — Deixou os pedaços da escrivanhina caírem no chão e sacou de um cigarro. — Jessica, fui enganado. Ele prometeu-me que tu não serias envolvida... que nunca terias de saber. Tens de acreditar que eu nunca te teria envolvido nisto se tivesse tido escolha.

— Escolha — murmurou ela, pensando em Slade. — Todos nós temos as nossas escolhas, Michael. Qual foi a tua?

— Há alguns anos, na Europa... — Deu uma passa no cigarro. — Perdi algum dinheiro... muito dinheiro. Mais do que tinha para perder, e para a pessoa errada. — Olhou implorativamente para ela. — Ele mandou dar-me uma sova... deves lembrar-te quando fiquei duas semanas extra em Roma. — Inspirou e expeliu fumo rapidamente. — Eram profissionais... Foram precisos dias para eu conseguir voltar a andar. Quando ele me deu uma alternativa a inutilizar-me definitivamente, eu aceitei-a.

Passando uma mão pelo cabelo, Michael aproximou-se do bar. Serviu-se de bourbon e emborcou tudo de uma vez. — Claro que ele sabia quem eu era, conhecia a minha família, a minha ligação à tua loja... a tua reputação irrepreensível. — A bebida deu-lhe uma força temporária. A voz ficou mais firme. — Para ele funcionava maravilhosamente. Não foi pelo dinheiro, Jessica. Só quis sobreviver. E depois... já estava demasiado envolvido.

Jessica sentiu algo amolecer dentro dela e afastou imediatamente o sentimento. *Nada de pena*, ordenou a si própria. Ele não ia conseguir arrancar compaixão dela. — Quem é *ele*, Michael?

— Não. — Abanando a cabeça, virou-se de frente para ela. — Não vou dizer-te isso. Se ele descobrisse que sabias, nunca mais estarias segura.

— Segura? — Ela deu uma gargalhada. — Se estivesses preocupado com a minha segurança, talvez me tivesses dito para não ir à praia quando estava lá alguém à espera para me matar.

— M-matar... meu Deus, Jessica! Eu não pensei que ele... Ele ameaçou, mas eu nunca acreditei que ele fosse capaz disso. Eu teria feito alguma coisa. — A mão começou a tremer-lhe, fazendo cair cinza para a tapete. Com um movimento brusco do braço, Michael atirou o cigarro para a lareira. — Eu pedi-lhe para não te envolver, jurei que faria o que ele quisesse para ele te deixar fora disto. Eu amo-te, Jessica.

— Não me venhas falar de amor. — Com maior controlo do que estava a sentir, Jessica baixou-se para apanhar um dos pedaços que ele deixara cair. Era uma parte do revestimento interior. — O que é que há na escrivania, Michael?

— Diamantes — disse ele, engolindo em seco. — Duzentos e cinquenta mil dólares. Se não lhos levar esta noite...

— Onde? — interrompeu ela.

— À loja, às dez horas.

— Deixa-me vê-los.

Jessica viu-o separar uma das partes de um cubículo onde estivera uma gaveta. Levantando um fino pedaço de madeira, Michael revelou um fundo falso. Retirou um pequeno pacote almofadado. — É a última vez — começou ele, fechando o pacote na mão. — Já lhe disse que não quero continuar. Assim que lhe entregar isto, vou sair do país.

— É a última vez — concordou Jessica, estendendo depois a mão. — Mas tu não vais entregar nada. Eu vou ficar com os diamantes, Michael. Vão ser devolvidos à proveniência e tu vais ter com a polícia.

— Mais valia apontares-me uma arma à cabeça! — Passou uma mão trémula pela boca. — Ele vai matar-me, Jessica. Se ele descobrir que eu fui à polícia, nem numa cela estarei seguro. Ele vai matar-me, e se ele souber o que tu fizeste também te mata a ti.

— Não sejas tolo. — Olhos cintilando, Jessica tirou-lhe o pacote da mão. — Ele ia matar-te e matar-me de qualquer forma. Achas que ele é estúpido para não saber que a polícia está a apertar o cerco? — perguntou ela. — Será estúpido a ponto de te deixar vivo e de seres uma preocupação? Pensa! — ordenou ela impacientemente. — A tua única hipótese é com a polícia, Michael.

As palavras dela libertaram um medo que ele tinha enterrado. Bem no fundo da sua mente, Michael sempre soubera que o envolvimento na operação só podia terminar de uma forma. Esse medo, muito mais do que o dinheiro, tinha-o mantido leal. — A polícia, não. — Uma vez mais, olhou desesperadamente em volta. — Tenho de fugir. Não percebes? Para algum lugar onde ele não consiga encontrar-me! Dá-me os diamantes, posso usá-los.

— Não. — Jessica apertou o pacote. — Usaste-me e já chega.

— Por amor de Deus, Jessica, queres ver-me morto? — A respiração dele era irregular. — Não tenho tempo para levantar o dinheiro de que preciso. Se sair agora, posso recomeçar.

Jessica olhou fixamente para ele. Michael tinha o rosto coberto por uma fina camada de suor que formava gotículas sobre os lábios trémulos. Os olhos estavam opacos de pavor. Ele tinha-a usado, mas isso não tinha acabado com o que ela sentia por ele. Se ele estava decidido a fugir, ela dar-lhe-ia o que ele queria. Jessica aproximou-se de um quadro de uma paisagem francesa e tirou-o da parede, revelando um cofre. Introduziu rapidamente o código e abriu-o.

— Toma. — Ofereceu a Michael um maço de notas. — Não tem o mesmo valor dos diamantes, mas dinheiro vivo é mais seguro. Não vai dar para ires muito longe, Michael — disse ela calmamente quando ele pegou no dinheiro. — Mas tens de tomar a tua decisão.

— Só posso tomar uma. — Enfiou as notas no casaco e olhou-a finalmente nos olhos. — Desculpa, Jessica.

Anuindo com a cabeça, ela afastou-se. Ouviu os passos dele em direcção às portas. — Michael, o David estava envolvido nisto?

— Não, o David só cumpria ordens de rotina. — Michael viu que tudo o que sempre quisera, tudo o que mais amava, escapar-lhe por entre os dedos. — Jessica...

— Vai, Michael. Quando se foge, tem de se fugir depressa.

Jessica esperou as portas fecharem antes de abrir o pacote almofadado. Uma chuva fria e brilhante de diamantes caiu-lhe para a palma da mão. — Então é isto que vale a minha vida — murmurou ela. Cuidadosamente, voltou a guardá-los e depois olhou para o que restava da escrivanhinha Queen Anne. — Tudo por um capricho — sussurrou ela. Se não tivesse tido aquele impulso de levar a escrivanhinha para casa...

Abanando firmemente a cabeça, Jessica interrompeu o pensamento. Não havia ses. Ela precisava de falar com Slade, mas primeiro precisava de um momento para si. Suspirando, sentou-se numa cadeira e pousou o pacote de diamantes no colo.

...

— **A**cho que a Jessica te contou o que se passou hoje de manhã. — Enquanto o café aquecia ao lume, David foi buscar chávenas.

Slade ergueu uma sobrancelha. Do que estaria ele a falar? — indagou-se. — E não deveria? — ripostou.

— Olha, não tenho nada contra ti... nem sequer te conheço. — David virou-se, sacudindo para trás o cabelo que lhe caía sobre a testa. — Mas a Jessie é importante para mim. Quando a vi sair esta manhã do teu quarto, não gostei. — David avaliou o homem que estava à sua frente e percebeu que estava em desvantagem. — E continuo a não gostar.

Slade observava os olhos por detrás das lentes. Então tinha sido essa a discussão privada de Jessica. Ali tinha ela a lealdade que tanto apregoava, pensou. — Eu diria que tu não tens de gostar — disse Slade lentamente, — mas a Jess não acharia o mesmo.

Desconfortável por estar a ser atentamente observado, David disse: — Não quero que ela sofra.

— Nem eu.

David franziu o sobrolho. Algo na forma como Slade tinha falado fê-lo acreditar que era verdade. — Ela deixa-se enganar com facilidade.

A fúria chegou tão rapidamente aos olhos cinzentos que David quase recuou. Quando Slade falou, as palavras foram suaves e totalmente controladas. — Não estou interessado no dinheiro dela.

— Ok. Desculpa. — Relaxando um pouco, David encolheu os ombros. — É que ela já sofreu antes. Ela confia em toda a gente. Ela é muito inteligente, sabes... para uma despistada que se esquece do que está a fazer porque quer fazer vinte coisas ao mesmo tempo. Mas, no que toca a pessoas, a Jessica usa venda. — O café começou a ferver atrás dele. David virou-se e desligou o fogão. — Olha, esquece o que eu disse. Ela disse-me esta manhã que não era nada da minha conta, e não é. Só que... bem, eu adoro-a — balbuciou ele. — Como é que ela se está a sentir?

— Em breve estará melhor.

— Espero bem que sim — disse ele fervorosamente enquanto levava o café para a mesa. — Eu não queria que ela me ouvisse dizer isto, mas dava-me jeito que ela voltasse para a loja. Entre verificar o stock novo e

aguentar a má disposição do Michael... — David fez uma careta e acrescentou leite ao café.

— Michael? — perguntou Slade descontraidamente.

— Sim, eu acho que toda a gente tem direito a ataques de má disposição. O Michael até parece que nunca se chateia. — Sorriu para Slade. — A Jessica diria que é da educação.

— Talvez ele tenha alguma coisa a preocupá-lo.

David encolheu os ombros antes de beber o café. — Mas não o via assim tão desorientado desde a confusão com o armário Chippendale no ano passado.

— Como?

— A culpa foi minha — continuou David, — mas eu não sabia que ele o tinha comprado para um cliente específico. Às vezes fazemos isso, mas ele avisa-me sempre ou a Jessie. Era uma maravilha — recordou David. — Madeira escura, muito bem ornamentado. A Sra. Leeman comprou-o assim que foi descarregado. Ela estava na loja quando chegou o carregamento, olhou para o armário e passou um cheque. O Michael regressou da Europa no dia em que o estávamos a empacotar para a entrega e teve um ataque de nervos. Disse que o armário já tinha sido vendido e que ele tinha recebido um adiantamento. — David bebeu um gole rápido de café, percebeu que estava amargo e bebeu de novo resignadamente.

— Acho que a papelada se tinha extraviado — continuou ele. — Isso é estranho porque a Jessie faz questão de manter as facturas em ordem. A Sra. Leeman também não gostou muito da confusão — recordou ele com um sorriso. — A Jessie vendeu-lhe uma mesinha de apoio pelo mesmo preço para a acalmar.

— Quem é que o comprou? — perguntou Slade.

— O quê? O armário? — David ajeitou os óculos. — Não sei. Acho que o Michael nunca me disse e, com a disposição com que ele estava, eu não quis perguntar.

— Tens o recibo?

— Claro. — Confuso, David olhou novamente para Slade. — Na loja. Porquê?

— Tenho de sair. — Slade levantou-se rapidamente e dirigiu-se às escadas das traseiras. — Não saias de casa até eu regressar.

— O que é que... — David calou-se quando Slade desapareceu pelas escadas. Talvez afinal ele fosse doido, reflectiu David enquanto franzia o sobrolho à cadeira vazia de Slade. Estava uma pessoa a ter uma conversa descontraída com um tipo e de repente ele...

— E vê se a Jessica fica quieta — ordenou Slade quando desceu de novo. Já tinha o blusão fechado por cima do revólver.

— Fica quieta?

— Não deixes entrar ninguém na casa. — Slade parou tempo suficiente para olhar directa e intensamente para os olhos de David. — Ninguém entra, entendido?

Algo no olhar fez David anuir com a cabeça sem questionar.

Slade agarrou num guardanapo e escreveu um número. — Se eu não regressar dentro de uma hora, liga para este número. Conta ao homem que atender a história do armário. Ele vai compreender.

— Do armário? — David olhou fixamente para o guardanapo que Slade lhe enfiou na mão. — Mas eu não compreendo!

— Não precisas. Faz apenas o que eu te digo. — A porta das traseiras fechou com força atrás dele.

— Pois, claro — resmungou David. — Porque é que eu havia de compreender alguma coisa? — Um maluquinho, decidiu ele enfiando o guardanapo no bolso. Talvez fosse suposto os escritores serem maluquinhos. A Jessica sabia realmente escolhê-los. Olhou para as horas e decidiu ver como é que ela estava. Talvez o escritor não tivesse os parafusos todos, mas tinha conseguido desassossegá-lo. Quando David ia a meio do corredor, as portas da sala de estar abriram-se.

— David! — Jessica correu e lançou-se nos braços dele.

— Eh, o que é isso? — Ele conseguiu desembaraçar-se dos braços dela e agarrou-a pelos ombros. — Anda por aí alguma variedade de gripe que afecta o cérebro?

— Amo-te, David. — Quase a chorar, Jessica emoldurou o rosto dele com as mãos.

Ele ruborizou. — Pois, eu também te amo. Olha, desculpa esta manhã...

— Falamos disso mais tarde. Tenho muito para te contar, mas primeiro tenho de falar com o Slade.

— Ele saiu.

— Saiu? — Jessica fincou os dedos nos braços finos de David. — Onde?

— Não sei. — Examinou intensamente o rosto dela. — Jessie, estás mesmo doente. Deixa-me levar-te para cima.

— Não, David, é importante. — A voz dela passou de frenética a severa; aquela a que ele sempre obedecia. — Deves ter alguma ideia de onde ele terá ido.

— Não — respondeu ele um pouco indignado. — Estávamos aqui a conversar e de repente ele levantou-se e saiu.

— Sobre o quê? — Impaciente, Jessica sacudiu-o. — Estavam a conversar sobre o quê?

— Nada de especial. Mencionei-lhe o facto de o Michael ter andado

irritado... como quando houve aquela confusão com o armário Chippendale no ano passado.

— O Chippendale... — Jessica levou as mãos às faces. — Claro!

— O Slade disse-me para eu não deixar ninguém entrar em casa e para ligar para um número se ele não regressasse dentro de uma hora. Eh, onde vais?

Jessica tinha agarrado na mala que estava no corredor e estava a vasculhar o interior. — Ele foi à loja. À loja e são quase dez horas! Onde estão as minhas chaves? Liga... liga para a loja e vê se ele atende. — Num movimento rápido, Jessica despejou o conteúdo da mala no chão. — Liga! — repetiu ela quando David ficou simplesmente a olhar boquiaberto.

— Ok, tem calma.

Enquanto Jessica remexia freneticamente nos objectos caídos, David marcou o número. — Não consigo encontrá-las. Não consigo... estão no casaco! — lembrou-se ela correndo para o armário do hall.

— Ele não responde — disse-lhe David. — Provavelmente ainda não teve tempo de lá chegar, se foi para lá que ele foi realmente. O que não faz qualquer sentido porque a loja está fechada e... Jessie, onde vais? Ele disse que tu não podias sair. Raios, esqueceste-te do casaco! Espera!

Mas ela já estava a correr em direcção ao carro.

Slade demorou apenas alguns instantes para conseguir abrir a fechadura da porta da loja e decidiu que se havia uma coisa que ia garantir antes de se ir embora era que Jessica pusesse fechaduras de jeito nas portas. Era um milagre ela ainda não ter sido assaltada, pensou enquanto se dirigia à sala dos fundos. Pura sorte, concluiu Slade, atirando em seguida o casaco para cima de uma cadeira. Deslocando-se na escuridão, atravessou a cozinha e entrou na assoalhada que servia de escritório.

Havia uma enorme secretária de mogno com pilhas ordenadas de papéis, um mata-borrão com nomes e números anotados e um candeeiro Tiffany. Slade ligou-o e viu a frase «O ULISSES PRECISA DE COMIDA» no mata-borrão logo abaixo de «nova esfregona – Betsy irritada». Com um meio sorriso, Slade abanou a cabeça. Nunca iria compreender a ideia que Jessica tinha de organização. Virou-se e dirigiu-se ao arquivo que se encontrava no canto atrás dele.

A gaveta de cima parecia conter as coisas pessoais dela. Encontrou um recibo de uma blusa que ela tinha comprado dois anos antes numa pasta intitulada APÓLICES DE SEGURO – LOJA. Entre outras duas pastas estava uma lista de compras amarrotada. Bufando de irritação, abriu a segunda gaveta.

Era uma coisa completamente diferente. As pastas estavam arrumadas, legíveis e em perfeita ordem. Numa primeira passagem Slade verificou que se tratavam de recibos do ano corrente, arrumados por ordem cronológica, notas de entrega, também actuais e cronológicas, e correspondência da loja. Cada secção era um modelo de organização. Slade pensou na primeira gaveta e abanou a cabeça.

Na terceira gaveta encontrou o que estava à procura – recibos do ano anterior. Slade retirou a primeira pasta e levou-a até à secretária. Metodicamente, revistou cada uma, começando pela de Janeiro. Pela análise do primeiro quarto dos recibos ficou a saber que Jessica tinha um negócio próspero.

Slade voltou a guardar a primeira pasta e retirou a segunda. O tempo passava enquanto ele examinava cada papel. Pegou num cigarro e analisou pacientemente cada mês. Encontrou-o em Junho. *Um armário Chippendale – madeira nobre com decoração marchetaria*. Ergueu uma sobancelha ao ver o preço.

— Nada mau negócio, imagino — murmurou. Ao reparar no nome do comprador, sorriu. — Todos fazem um lucro limpo. — Depois de guardar o recibo no bolso, pegou no telefone. Brewster iria achar a história de David muito interessante. Antes de marcar os dois primeiros números, Slade ouviu o barulho de um carro a estacionar lá fora. Apagou rapidamente a luz. Afastou-se da secretária e sacou da arma.

...

Jessica acelerava ao longo da sinuosa estrada secundária que conduzia à loja. Se tivesse um pingão de juízo, teria dito a David para ligar para o número que Slade lhe tinha dado, repreendeu-se. Porque é que não lhe dissera ao menos para continuar a ligar para a loja até conseguir falar com Slade?

Nervosa, olhou para o relógio. *Dez horas*. Oh, céus, se ao menos o homem que ia encontrar-se com Michael chegasse atrasado! Slade deveria estar na sala dos fundos a revistar recibos antigos. O que faria o homem quando chegasse à loja e desse de caras com Slade em vez de Michael? Jessica carregou mais no acelerador e fez uma curva a voar baixinho.

As luzes de um outro carro que se aproximava encandearam-na. Assustada, Jessica desviou-se e derrapou para fora da estrada. De coração na garganta, fez um peão sobre a gravilha e depois regressou à estrada.

Isso, pensou ela com o coração aos pulos. *Dá cabo do carro. Vai ajudar imenso*. Amaldiçoando-se, Jessica secou uma palma húmida às calças. *Não penses*, ordenou a si mesma. *Conduz apenas – já falta menos de um quilómetro*. No momento em que o dizia, o motor deu um estalo e engasgou-se. Frustrada, Jessica carregou ainda mais no acelerador mas o Audi acabou por parar e ir abaixo.

— Não! — Furiosa, bateu com as mãos no volante. O ponteiro do indicador da gasolina permaneceu teimosamente no vazio. *Quantas vezes?* – perguntou-se. *Quantas vezes pensara que tinha de parar para encher o depósito?* Sabendo que não era altura para sermões, saiu disparada do carro, deixando-o no meio da estrada, luzes acesas. Começou a correr.

...

Slade estava escondido atrás da porta da sala dos fundos. Ouviu o ruído discreto da maçaneta e em seguida a porta a abrir. Aguardou, atento aos passos e à respiração suave. Seguiu-se um suspiro paciente.

— Não seas infantil, Michael. Não vale a pena esconderes-te quando deixas o carro lá fora à vista de todos. E já devias saber, — acrescentou ele suavemente, — que não consegues esconder-te de mim.

Slade acendeu as luzes do tecto no momento em que o homem entrou na sala. — Chambers, não é? — disse ele calmamente. — Com um fetiche por caixas de rapé. — Apontou a arma. — Estamos fechados.

Sem alterar a expressão, Chambers tirou o chapéu. — Você é o rapaz do armazém, não é? — Deu uma pequena gargalhada. — Que tolice a do Michael em tê-lo mandado. Mas também, ele não tem estômago para violências.

— Eu não tenho esse problema. O Rippeon está na morgue. — Quando Chambers olhou para ele de um modo perplexo, Slade continuou: — Ou não sabe os nomes dos profissionais que contrata?

— A morte é um perigo ocupacional — disse Chambers com um elegante encolhimento de ombros. Nunca se deu ao trabalho de olhar para a arma que tinha apontada ao peito. Ele sabia que a arma verdadeira era o homem, por isso observava os olhos de Slade. — O que foi que o Michael lhe prometeu, Sr. . .

— Sargento Sladerman, — corrigiu Slade — departamento de polícia de Nova Iorque, temporariamente em colaboração com o FBI. — Slade reparou no brilho ténue nos olhos de Chambers. — O único acordo que tenho com o Adams é uma tranquila. . . conversa futura envolvendo Jessica Winslow. Acabou-se o jogo, Chambers. Já vigiamos o Adams há algum tempo, bem como alguns outros membros da sua equipa. Só faltava você.

— Um pequeno erro da minha parte — murmurou Chambers enquanto olhava em redor. — Normalmente não me envolvo directamente com nenhum transporte. Mas também, a menina Winslow tem uma loja tão encantadora que eu não consegui resistir. Uma pena. — Olhou novamente para Slade. — Você não me parece do tipo que aceita subornos. . . mesmo que muito lucrativos.

— Você parece-me ser um bom juiz de carácter. — Mantendo a arma firme, Slade pegou no telefone que estava em cima do balcão.

Ofegante, Jessica correu os últimos metros que faltavam até à loja. Estava a ver as luzes acesas por detrás dos estores corridos. Com os pensamentos centrados apenas em Slade, entrou de rompante na loja.

Com uma velocidade inesperada num homem com aquela corpulência, Chambers agarrou-a assim que ela entrou e envolveu-lhe o pescoço com um braço. Antes que conseguisse aperceber-se do que se estava a passar, Jessica sentiu aço frio contra a têmpora. Slade estacou de imediato.

— Largue a arma, sargento. Parece que afinal o jogo ainda não terminou. — Quando Slade hesitou, Chambers sorriu apenas. — Garanto-lhe que, embora a arma seja pequena, funciona lindamente. E a esta distância. . .

Lançando um olhar furioso para os olhos estupefactos de Jessica, Slade largou a arma. — Ok. — Levantou as mãos vazias. — Solte-a.

Chambers dirigiu-lhe um sorriso brando. — Oh, não me parece. Parece que estou a precisar de uma apólice de seguro... momentânea.

— Sr. Chambers. — Jessica agarrou no braço que lhe estava a apertar o pescoço.

— O sargento não gostou do seu *timing*, menina Winslow — disse ele de maneira agradável. — Contudo, eu gostei bastante. Isto veio dar uma nova perspectiva às coisas.

Slade olhou rapidamente para o relógio à sua direita. Pelos seus cálculos, David devia estar quase a telefonar para o número que lhe dera. — Não vai precisar de enfiar uma bala nela, se continuar a asfixiá-la — comentou.

— Oh, peço desculpa. — Chambers diminuiu um pouco a força no braço. A arma permaneceu apontada à têtпора. Ávida por ar, Jessica inspirou sofregamente. — Uma criatura linda, não é? — perguntou ele a Slade. — Desejei muitas vezes ser vinte anos mais jovem. Uma mulher assim fica melhor nos braços de um homem, não acha?

— Sr. Chambers, o que é que está a fazer aqui a esta hora da noite? — Era um estratagema fraco, mas o melhor de que Jessica conseguiu lembrar-se. — Baixe essa coisa.

— Oh, minha querida, todos sabemos que eu não posso fazer isso. Gostaria, pelo seu bem — continuou ele quando também Jessica olhou para o relógio. *Quanto tempo teremos?* — indagou-se ela freneticamente.

— Ela podia ser-lhe útil — comentou Slade. — Vai precisar de um escudo para sair desta situação.

— Tenho os meus caminhos de fuga planeados, sargento. — Sorriu. — Deixo sempre uma porta aberta.

— Não pode achar que vai conseguir safar-se, Sr. Chambers. — Jessica cruzou o olhar com o de Slade e depois dirigiu-o significativamente para o relógio. — O Slade deve ter-lhe dito que a polícia já está a par de tudo.

— Ele mencionou isso. — Mantendo o braço firme, deu-lhe umas pancaditas no ombro. — A menina tornou-se uma pequena fraqueza minha. Gostei muito daquelas conversas que tivemos, dos chás que tomámos juntos. Senti-me mal por este ser o meu último carregamento. Ah, sim — disse ele a Slade, — eu estava ciente de que as autoridades estavam a aproximar-se, embora confesse que avaliei mal o quanto. E embora possa parecer que fiquei sem os diamantes, eu vou acabar por encontrar o Michael.

— Ele não os tem — disse rapidamente Jessica, agarrando-se ao braço de Chambers quando ele lhe cortou novamente a respiração.

— Não? — A palavra foi suave e sedosa. Quando Slade considerava avançar, Chambers lançou-lhe um olhar de aviso. — Onde é que estão?

Jessica engoliu em seco, esforçando-se por ouvir o som de sirenes. *Porque é que nunca mais chegam?!* — Eu mostro-lhe. — Talvez ela pudesse

fazer uma troca pela vida de Slade. Se conseguisse mantê-lo vivo e depois fazer Chambers sair da loja, nem que fosse por um pouco enquanto...

— Ah, não. Assim não pode ser. — Apertou-lhe de novo o pescoço. — Diga-me onde estão.

— Não. — Jessica conseguiu sussurrar a palavra. — Eu levo-o.

Sem dizer nada, Chambers afastou a arma da têmpora dela e apon-tou-a a Slade.

— Não, pare! Tenho-os em casa — disse ela desesperadamente. — Te-nho-os no cofre da sala de estar. Não lhe faça mal, por favor. Eu dou-lhe a combinação. Trinta e cinco para a direita, doze para a esquerda, cinco para a direita e vinte e três para a esquerda. Estão todos lá. Não deixei o Michael levá-los.

— Honesta — comentou Chambers. — E crédula. Gosto muito de si, minha querida, por isso sugiro que feche os olhos. Quando chegar a sua vez, prometo fazê-lo da forma mais indolor possível.

No momento em que Slade avançou, Jessica gritou em protesto. — *Não!* — Usando todo o peso e a adrenalina do terror, atirou-se para o braço que segurava a arma. Ouviu o tiro ecoar no momento em que foi brusca-mente empurrada.

Jessica sentiu uma forte dor no ombro, quando este embateu no chão, e sentiu o gosto férreo a sangue ou medo na boca quando se levantava. Quando desviou o cabelo dos olhos, viu o punho de Slade voar em direcção à cara de Chambers. O homem corpulento pareceu desmoronar, camada a camada, sobre o chão.

Tão rapidamente, pensou ela, meio atordoada. Tinha tudo terminado tão rapidamente. Num instante estavam ambos em perigo de vida, e no seguinte estava tudo acabado. Ela nunca mais daria a sua vida como garantida – nem por um segundo. Fraca, encostou-se a uma cómoda alta.

— Slade...

— Vai buscar corda à sala dos fundos, idiota.

Jessica pressionou os dedos entre as sobrancelhas e reprimiu uma gargalhada histérica. *Já não há finais românticos*, pensou ela enquanto se dirigia aos tropeções para o armazém. Pestanejando para tentar afastar a neblina que lhe turvava a vista, Jessica encontrou alguma corda. Olhou fixa-mente por uns instantes, sem perceber para que é que precisava dela.

— Despacha-te! — gritou-lhe Slade.

Reagindo automaticamente, ela levou-lha. *Dez e um quarto*, pensou ela ao passar pelo relógio. Como é que podiam ser apenas dez e um quarto? Seria possível as pessoas chegarem tão perto da morte e escapar apenas em dez minutos? Slade arrancou-lhe a corda da mão sem olhar para ela.

— Raios, Jess! Que coisa mais estúpida de se fazer! O que é que estavas

a pensar quando entraste aqui assim de rompante? Sabes que não devias sair de casa. — Atando o desacordado Chambers, Slade despejou um chorrião de palavras.

— O Michael disse-me dez horas — murmurou ela. — E eu pensei...

— Se tivesses pensado terias ficado quieta como te disseram. O que é que achavas que podias fazer ao entrar aqui desta maneira? Raios, eu já o tinha sob controlo antes de tu entrares disparada! — Slade apertou o nó e depois passou por ela a caminho do telefone. — E depois atiras-te à arma! — Agarrou no auscultador e começou a marcar o número. — Podias ter levado um tiro.

— Sim. — Atordoada, Jessica olhou para a mancha que tinha no braço da camisola. — Acho que levei.

— O quê?! — Irritado, Slade virou-se para ela e deixou cair o telefone. — Oh, meu Deus! — Em duas passadas largas, chegou ao lado dela e arrancou-lhe o braço da camisola pela costura. — Jess, foste atingida!

De sobrolho franzido em concentração, ela fitava a ferida. — Sim, fui — disse ela na voz deliberadamente calma de um bêbedo. — Não sinto nada. Devia doer? Vejo muito sangue.

— Cala-te, raios! Cala-te! — Slade examinou rapidamente o ferimento e verificou que a bala tinha atravessado a carne. *A carne da Jess*, pensou ele. Sentiu o estômago embrulhar-se. Despiu a camisa e rasgou-a para fazer um torniquete. — Tola estúpida! Tens sorte não ter sido na cabeça. — As mãos tremiam-lhe, fazendo-o atrapalhar-se com o nó e disparatar ainda mais com ela.

— Era uma arma pequenina — conseguiu ela dizer.

Ele lançou-lhe um olhar cheio de emoções conflituosas, mas a visão dela estava turva. — Uma bala é uma bala — resmungou ele. Ao sentir o calor do sangue dela nas mãos, Slade engoliu em seco. Uma linha de suor escorreu-lhe pelas costas nuas. — Raios, Jess! O que é que estavas a tentar fazer ao saltares daquela maneira? Eu sabia o que estava a fazer.

— Peço imensas desculpas. — A cabeça tombou ligeiramente quando ela a inclinou para trás e tentou focá-lo. — Que grosseiro da minha parte interceptar uma bala destinada a ti.

— Não te armes em engraçadinha — disse ele por entre dentes. — Se não estivesse a sangrar, juro que te dava uma sova. — Ele queria agarrá-la mas estava cheio de medo que ela se desfizesse nos seus braços. Slade tinha a garganta seca devido à respiração arquejante enquanto tentava tratar do braço dela como se fosse um objecto e não parte dela. Quando terminou de envolver a ferida, apoiou-a com uma mão. — Provavelmente visto fazer isso num daqueles estúpidos filmes antigos. Foi por isso que te atiraste à arma?

— Não. — Ela sentia como se estivesse a flutuar quando ele começou a conduzi-la até uma cadeira. — Na verdade, sargento, foi porque achei que ele ia matar-te. Como estou apaixonada por ti, não podia permitir isso.

Ele estacou e olhou para ela. Quando abriu a boca para falar, percebeu que não conseguia formar um som, quanto mais uma palavra. Largou o braço ferido.

— Desculpa — disse Jessica numa voz rouca. — Mas acho que vou desmaiar.

A última coisa que ela ouviu, para além do apito na cabeça, foi uma quantidade de palavrões.

...

Quando recobrou os sentidos, Jessica sentia como se o seu corpo estivesse a pairar, separado da mente. Até o latejar constante no ombro parecia não fazer parte dela. Via tudo branco, e quando conseguiu focar a visão apercebeu-se, perplexa, de que estava a olhar para uma parede.

Com um interesse diminuído pela medicação, desviou o olhar. Havia estores horizontais na janela que deixavam vislumbrar a noite por entre as lâminas. Os estores também eram brancos, assim como a ligadura à volta do braço que não parecia fazer parte dela. Lembrou-se então.

Com um suspiro, focou a vista num jarro de plástico azul e num copo de plástico transparente. *Hospital*, pensou ela com uma ligeira careta. Ela odiava hospitais. Um rosto aproximou-se do dela, tapando-lhe a linha de visão. Olhos âmbar examinaram azuis-claros. Eram uns olhos bastante simpáticos, decidiu, numa cara redonda com uma pequena papada. Viu a bata branca e o estetoscópio.

— Doutor — disse ela num sussurro.

— Menina Winslow, como se sente?

Ela pensou seriamente no assunto por um momento. — Como se tivesse levado um tiro.

Ele deu uma pequena gargalhada e mediu-lhe a pulsação. — Uma resposta sensata — concluiu ele. — Vai sobreviver.

— Há quanto tempo... — Ela humedeceu os lábios secos e tentou de novo. — Há quanto tempo estou aqui?

— Pouco mais de uma hora. — Pegando num lanterna fininha, apontou o feixe ao olho direito dela e depois ao esquerdo.

— Parecem-me dias.

— A medicação torna-nos moles. Alguma dor?

— Só um latejar... não me parece o meu braço.

Ele sorriu e deu-lhe umas pancadinhas na mão. — Mas é.

— Slade. Onde está o Slade?

Ele franziu a testa. — O sargento? Passou a maior parte do tempo a andar de um lado para o outro nos corredores como um doido. Não quis ficar na sala de espera como eu lhe disse para fazer.

— Ele é melhor a dar ordens. — Jessica levantou a cabeça da almofada, baixando-a de novo quando começou a ver tudo a andar à roda.

— Não se mexa — disse-lhe ele com firmeza. — Vai passar um tempinho aqui connosco.

Foi a vez dela franzir a testa. — Não gosto de hospitais.

Ele deu-lhe mais umas pancadinhas na mão. — É uma pena.

— Deixe-me ver o Slade — pediu ela na melhor voz de autoridade que conseguiu fazer. As pálpebras ameaçavam baixar e ela obrigou-as a levantar. — Por favor — acrescentou.

— Acho que a menina não aceita as ordens melhor do que ele.

— Pois não. — Jessica conseguiu esboçar um sorriso. — Não aceito.

— Vou deixá-lo entrar, mas só por alguns minutos. — *Depois*, pensou ele enquanto examinava os olhos dela, *vais dormir durante as próximas vinte e quatro horas*.

— Obrigada.

Acenando afirmativamente com a cabeça, o médico murmurou algo à enfermeira que tinha entrado.

...

Slade andava de um lado para o outro no corredor do hospital. Dezenas de pensamentos, dezenas de receios, atravessavam-lhe a mente. Uma dor de cabeça pulsava atrás da têmpora direita. Ela estava tão pálida – não, era apenas o choque, ela ia ficar boa. Tinha estado inconsciente durante todo a viagem de ambulância. Era melhor assim – de outra forma poderia sentir dores. Céus, onde estava o médico? Se lhe acontecesse alguma coisa... O estômago teve um novo espasmo. Engolindo, Slade obrigou os músculos a relaxar e transformou o medo em fúria. A dor de cabeça alastrou-se à base do pescoço. Se não o deixassem vê-la em breve, ele ia...

— Sargento?

Virando-se, Slade agarrou o médico pela lapela da bata. — A Jess? Como é que ela está? Quero vê-la agora. Posso levá-la para casa?

Bem versado em lidar com cônjuges, pais e namorados frenéticos, o médico falou calmamente sem se dar ao trabalho de se soltar. — Ela já acordou — disse simplesmente. — Não quer sentar-se?

Os dedos de Slade apertaram com mais força. — Porquê?

— Porque estou a pé desde as oito da manhã. — Com um suspiro, o médico decidiu que era melhor tratar daquele em pé. — A menina Winslow está tão bem quanto seria de esperar.

— O que diabos quer dizer com isso?

— Exactamente o que disse — respondeu calmamente o médico. — O senhor fez um bom trabalho de primeiros socorros. Quanto à segunda pergunta, poderá vê-la dentro de momentos, e não, não pode levá-la para casa. Ela tem família?

Slade sentiu a cor esvaír-se da cara. — Família? O que quer dizer com família? O ferimento não foi assim tão mau, a bala não ficou lá dentro. Eu consegui trazê-la em meia hora.

— E fez muito bem — disse-lhe o médico. — Eu só quero mantê-la aqui alguns dias sob observação e preciso de saber quem devo avisar.

— Observação? — Visões aterradoras percorreram-lhe a mente. — O que é que se passa com ela?

— Exaustão e choque. Gostaria de saber os termos médicos mais complicados?

Abanando a cabeça, Slade soltou-o e virou costas. — Não. — Esfregou as mãos pelo rosto. — Então é só isso? Ela vai ficar bem?

— Com repouso e cuidados. Então, a família?

— Não há ninguém. — Por falta do que fazer com as mãos, Slade enfiou-as nos bolsos. Uma sensação de completa impotência apoderou-se dele, abalando a força que a tensão e a raiva lhe tinham dado. — Eu assumo a responsabilidade.

— Eu sei que isto é um assunto policial, sargento, mas qual é exactamente a sua relação com a menina Winslow?

Slade deu uma gargalhada curta. — Ama-seca — resmungou. — Eu assumo a responsabilidade — repetiu já com mais força. — Ligue ao comissário Dodson, departamento de polícia de Nova Iorque. Ele confirmar-lhe-á. — Virando-se de novo para o médico, fitou-o com um olhar firme. — Quero vê-la. Agora.

...

Jessica estava a olhar para a porta quando Slade a abriu. Os lábios curvaram num sorriso. — Eu sabia que havias de conseguir arranjar forma de passar pelos guardas. Consegues ajudar-me a fugir daqui?

Mantendo as mãos nos bolsos, Slade aproximou-se dela. Jessica estava tão branca como os lençóis da cama. Só os olhos é que lhe conferiam alguma cor. Slade recordou o primeiro dia que a vira – vibrante, impetuosa. Uma sensação de completa impotência avassalou-o e ele cerrou as mãos em punhos.

— Como te sentes?

— Eu disse ao médico que sentia como se tivesse levado um tiro.

— Alegrementemente, tocou no braço ligado. — Na verdade, sinto como se tivesse bebido meia dúzia de martinis e tivesse caído de um penhasco.

— Jessica suspirou, fechando brevemente os olhos. — Não vais tirar-me daqui, pois não?

— Não.

— Bem me pareceu. — Resignada, abriu de novo os olhos para fitar o jarro de plástico azul. — Slade, eu menti acerca dos diamantes. Escondi-os debaixo do banco do meu carro. O carro está no meio da estrada a caminho da loja. Esqueci-me de meter gasolina. — Olhou então para ele. — Nem sequer está trancado. E... — Jessica humedeceu os lábios quando ele permaneceu calado. — Dei dinheiro ao Michael para ele fugir. Isso é cumplicidade, não é? Acho que devo estar metida em sarilhos.

— Eu trato disso.

Apesar de estar meio adormecida, ela ficou surpreendida. — Não vais gritar comigo?

— Não.

Lutando por manter os olhos abertos, Jessica riu-se. — Tenho de levar tiros mais vezes. — Estendeu uma mão, não reparando na hesitação dele em agarrá-la. — O David não estava envolvido. O Michael contou-me tudo. O David não fazia ideia do que estava a acontecer.

— Eu sei.

— Parece que eu estava meio certa — murmurou.

— Jess... — A mão dela parecia tão frágil. — Desculpa.

— Porquê? — Jessica percebeu que era preciso um esforço extremamente grande para manter os olhos abertos. O mundo parecia suave e cinzento quando os fechou. Pareceu-lhe que ele tinha entrelaçado os dedos nos dela, mas não conseguiu ter a certeza. — Não fizeste nada.

— Não. — Slade olhou para a mão dela. Já estava mole; ele só tinha de soltá-la para esta cair sobre a cama. — É por isso que estou a pedir desculpas.

— Está tudo terminado, não está, Slade?

A respiração dela já era profunda e regular quando ele respondeu. — Está tudo terminado, Jess. — Dobrando-se, beijou-lhe os lábios e depois saiu.

Slade teve uma desagradável sensação de *dejà vu* enquanto esperava na Santessala do comissário. O sobrolho estava um pouco mais franzido do que da primeira vez que ele ali estivera. Tinham-se passado três semanas desde que deixara a cabeceira da cama de Jessica.

Quando saíra do hospital tinha ido directamente para casa dela. Lá, tinha lidado com um David perplexo, depois furioso e finalmente desesperado.

— Atingida? Atingida como?! — Slade ainda conseguia visualizar a expressão pálida e tensa no rosto de David, conseguia ainda ouvir as palavras furiosas e trémulas. — Se és polícia, porque é que não a protegeste?!

Ele não tinha tido resposta. Slade tinha subido para fazer as malas enquanto David ligava para o hospital. Depois conduziu até casa, percorrendo os quilómetros até Nova Iorque numa espécie de dormência.

Slade dissera a si mesmo para esquecer Jessica. Ela iria ter o cuidado e o repouso necessários. Quando estivesse pronta para regressar a casa, o pesadelo ficaria para trás. Assim como ele, pensou.

Depois a fadiga, a exaustão profunda que segue um longo e intenso período de tensão, encarregara-se do resto. Caíra na cama e dormira horas a fio. Mas quando acordara o primeiro pensamento fora para ela.

Tinha ligado diariamente para o hospital, tentando convencer-se de que estava apenas a finalizar a missão. A informação era sempre a mesma – repousando confortavelmente. Havia dias em que Slade tinha de lutar contra o ímpeto de entrar no carro e de voltar para o pé dela. Então ela teve alta. Ele dissera a si mesmo que tinha chegado o fim.

Slade tinha mergulhado de cabeça no trabalho. O romance tinha sido terminado numa maratona de dezasseis horas seguidas, com a porta trancada e o telefone desligado. Com o pedido de demissão entregue, restavam poucas visitas à esquadra para acertar alguns detalhes. Slade assinou o contrato e enviou ao agente uma cópia do segundo romance.

Os relatórios sobre o caso do contrabando trouxeram de volta Jessica. Slade preenchia a papelada e respondia a perguntas com uma brevidade que tocava a grosseria. Recebeu o elogio ao seu trabalho com um silêncio de pedra. Queria ver tudo terminado – concluído. Recordou a si mesmo que a era dono da sua vida pela primeira vez em trinta e três anos. Mas ela não o deixava em paz.

Estava presente de noite quando ele não conseguia adormecer. Estava presente de tarde quando ele tentava concentrar-se no romance seguinte. Estava presente, sempre presente, quer ele caminhasse sozinho pelas ruas ou se rodeasse de pessoas.

Slade conseguia vê-la na praia, rindo, o vento soprando-lhe os cabelos enquanto ela atirava pedacinhos de madeira para o cão apanhar. Conseguia vê-la na cozinha da loja, a fazer sanduíches enquanto o sol lhe corava a pele. Embora tentasse bloquear, conseguia ouvi-la murmurar o nome dele enquanto estava nos seus braços, suave, quente e ávida. Depois via-a branca e sem sentidos – e o sangue dela estava nas suas mãos.

A culpa tomava conta dele até ele se embrenhar de novo no trabalho, usando as personagens que desenvolvia para diluir a memória dela. Mas todas pareciam ter partes dela – um gesto, uma frase, uma expressão. Como é que ele podia fugir de alguém que parecia saber para onde ele fugia?

Naquele momento, sentado na antessala de Dodson, Slade disse para si mesmo que tudo ficaria finalmente resolvido. Ele sempre soubera que Dodson iria querer uma reunião. Assim que terminasse, não restariam mais pontas soltas.

— Sargento?

Ele olhou para a secretária, desta vez alheio ao sorriso lento e convidativo que ela lhe fez. Sem dizer nada, levantou-se e seguiu-a até ao gabinete de Dodson.

— Slade. — Dodson recostou-se na cadeira quando Slade entrou e depois anuiu brevemente com a cabeça à secretária. — Nada de telefonemas — ordenou. — Sente-se.

Silenciosamente, Slade obedeceu enquanto o comissário sugava agradavelmente num charuto. Dodson observou com aparente fascinação uma coluna de fumo erguer-se até ao tecto.

— Então, muitos parabéns! — Quando Slade continuou a fitá-lo em silêncio, Dodson continuou. — Pelo livro — disse. — Temos pena que se vá embora. — Sem dizer nada, Slade esperou que acabassem os elogios. — De qualquer modo — Dodson inclinou-se para a frente para sacudir a cinza do charuto — o seu último caso já está concluído. Não duvido que consigamos uma condenação. Está ciente de que Michael Adams confessou tudo?

Olhou maliciosamente para Slade e não obteve resposta. — A teoria do dominó parece estar a funcionar muito bem neste caso; um nome conduz a outro. No que diz respeito ao Chambers, temos provas suficientes para que ele seja condenado. Conspiração para cometer assassinato, cumplicidade, tentativa de assassinato, já para não falar nos assaltos e contrabando. Não... — Dodson observou interessadamente a ponta do charuto. — Não me parece que tenhamos de nos preocupar com ele durante um bom tempo.

Esperou trinta segundos e depois continuou como se estivesse a dialogar. — Claro que você entregará as suas provas, quando chegar a altura, mas isso não deverá interferir demasiado com a sua nova carreira. — *Jovem tolo e teimoso*, pensou enquanto tirava baforadas do charuto. Decidiu testar o controlo férreo do jovem dizendo um nome. — A Jessica disse-me que entregou alguns milhares de dólares ao Michael para o ajudar na fuga.

Atento a uma reacção, viu um brilho fugaz nos olhos de Slade. Era só disso que precisava para confirmar a impressão com que tinha ficado quando estivera com a afilhada. — Ela achou que isso a tornaria cúmplice. Estranho o Michael nunca ter mencionado que ela lhe tinha dado dinheiro... e eu falei com ele pessoalmente. Corre um boato que o sargento também esteve com ele, logo após ele ter sido detido... — Dodson calou-se. Como Slade não mordeu o isco, Dodson continuou, não se dando por vencido. — Imagino que tenham bastado algumas palavras certas para calar o Michael, e, é claro, a Jessica pode bem dar-se ao luxo de perder alguns milhares. Contudo, talvez tenhamos alguns problemas em calá-la a ela. — Sorriu. — É aquela consciência dela, sabe como é.

— Como é que ela está? — As palavras saíram antes que Slade conseguisse evitar. Embora ele tivesse praguejado em voz baixa, Dodson não deu sinal de ter ouvido.

— Está com muito bom aspecto. — Baloçou suavemente a cadeira. — E digo-lhe que quando a fui visitar ao hospital fiquei bastante abalado. Nunca vi a Jessica doente e... bem, foi um grande choque. — Slade sacou de um cigarro e acendeu um fósforo com uma violência controlada. — Ela já está em plena forma — continuou o comissário, satisfeito com a reacção. — Deu com o médico em doido até ele a deixar sair e depois regressou imediatamente ao trabalho. Àquela loja dela. — Fez um sorriso rápido a Slade. — Acho que a notoriedade não irá prejudicar-lhe o negócio. — Reparando na tensão nos ombros de Slade, Dodson calou-se o suficiente para apagar o charuto. — Ela fala muito bem de si.

— A sério? — Slade expeliu uma longa coluna de fumo. — A minha missão era mantê-la em segurança... e não fui muito bem sucedido nisso.

— Ela está segura — corrigiu Dodson. — E tão teimosa como sempre. O David e eu tentámos convencê-la a ir para a Europa, a tirar umas férias para se recuperar. Ela não nos deu ouvidos. — Recostou-se na cadeira e esboçou um ligeiro sorriso. — Diz que vai ficar quieta.

Os olhos de Slade desviaram-se da janela para ir directamente ao encontro dos de Dodson. Uma série de emoções atravessaram-nos, mas rapidamente foram reprimidas. — Dificil de acreditar — conseguiu ele dizer. — Foi coisa que ela nunca fez.

— Foi o que ela me disse. — Dodson entrelaçou as mãos. — Ela fez-me um relatório completo. . . com muitos detalhes omitidos do seu. Aparentemente, — comentou Dodson quando Slade semicerrou os olhos, — não teve mãos a medir.

— Tive bastante trabalho.

Dodson contraiu os lábios; em especulação ou concordância, Slade não conseguiu perceber. — A Jessica parece achar que lidou mal com a situação.

— Ela lidou demasiado bem com a situação — discordou Slade. — Se ela tivesse desmoronado, eu podia tê-la tirado de lá.

— Sim, bem. . . diferentes pontos de vista, obviamente. — O olhar de Dodson caiu sobre uma moldura tripla com fotos da mulher e filhos. De vez em quando ele tinha tido uns. . . pontos de vista diferentes daquela senhora. Dodson recordou a expressão nos olhos de Jessica quando ela perguntara por Slade. — Claro que agora que tudo terminou — arriscou ele — não tenho a certeza absoluta de que ela não vá desmoronar. . . uma reacção tardia.

Slade reprimiu a vontade imediata de proteger e evitar. — Ela vai aguentar-se bem. Há muita gente naquela casa para cuidar dela.

Dodson riu-se. — Geralmente é ao contrário. Metade do tempo é a Jessica que ampara os empregados. Claro que a Betsy a vai atazanar por uns tempos até ela ter vontade de explodir. Mas é claro que ela não o vai fazer. A Betsy já está com ela há vinte anos. Depois há a cozinheira, que está lá há quase o mesmo tempo. Faz uns óptimos biscoitos. — Fez uma pausa. — Acho que foi há cerca de três anos que a Jessica lhe pagou todas as contas do médico quando ela teve um enfarte. Acho que conheceu o velho Joe, o jardineiro. . .

Slade resmungou e esmagou o cigarro. — Ele deve ter uns noventa anos.

— Noventa e dois, se a memória não me falha. Ela não tem coragem de o despedir, por isso contrata um rapazote durante o Verão para fazer o trabalho pesado. A empregada novinha, a Carol, é filha do motorista do pai dela. A Jessica acolheu-a quando o pai da rapariga morreu. A Jessica é assim. — Suspirou. — Leal. A lealdade dela é uma das suas características mais encantadoras e mais frustrantes. — Estava na hora de largar a bomba, concluiu Dodson. — Ela contratou um advogado para o Michael.

Desta vez a reacção foi rápida e furiosa. — Ela fez o quê?!

Enquanto erguia as mãos, palmas voltadas para cima, num gesto de impotência, Dodson lutou contra um sorriso. — Ela disse-me que sente que é responsabilidade dela.

— E como é que ela chegou a essa conclusão? — perguntou Slade. O controlo abandonou-o e ele levantou-se de um salto e começou a andar de um lado para o outro.

— Se ele não estivesse a trabalhar para ela, não se teria envolvido nesta confusão... — Dodson encolheu os ombros. — Sabe tão bem como eu como funciona a cabeça dela.

— Sim, quando funciona de todo. O Adams é que a envolveu a ela. Ele é responsável por tudo o que lhe aconteceu. Ela esteve quase a morrer por duas vezes porque ele não teve tomates para a proteger.

— Sim — concordou Dodson. — *Ele* é que é o responsável. — A ênfase no pronome foi ligeira mas cheia de significado. Slade virou-se. Dodson olhou-o nos olhos com uma expressão demasiado compreensiva ou demasiado sábia. Pensou que por um momento Slade parecia o pai – impulsivo, emocional, impetuoso. Mas Tom nunca teria sido capaz de lutar com sentimentos tão turbulentos, reflectiu Dodson. Slade virou-lhe costas de novo.

— Se ela quer contratar um advogado para ele — murmurou, — é problema dela. Não tenho nada a ver com isso.

— Não?

— Olhe, comissário. — Numa explosão de fúria, Slade virou-se. — Eu aceitei a missão e cumpri-a. Já escrevi o relatório e respondi às questões. E também entreguei a minha demissão. Já não tenho mais nada a ver com isto.

Vejamos quanto tempo consegues convencer-te disso, pensou Dodson. Sorrindo, estendeu a mão. — Sim, como eu disse, temos pena que se vá embora.

...

O ar cheirava a neve quando Slade saiu do carro. Olhou para o céu – nada de Lua, nada de estrelas. Estava um vento nocturno agreste que assobiava ao passar por entre as árvores nuas. Slade olhou para a casa. Havia algumas luzes acesas; na sala de estar, no quarto de Jessica. Enquanto observava, as luzes do primeiro piso apagaram-se.

Talvez ela tenha ido para a cama, pensou ele, encolhendo-se contra o frio. *Eu devia ir... nem sequer devia estar aqui*. Enquanto tinha estes pensamentos, subia a escadaria da frente. Disse para si mesmo que devia dar meia-volta, regressar para o carro e ir-se embora. Amaldiçoou o demónio que o instigara a fazer a viagem. Levantou a mão para bater.

Antes que o punho de Slade entrasse em contacto com a madeira, a porta abriu-se. Ouvia a gargalhada de Jessica, sentiu pêlo roçar-lhe pelas

pernas e depois agarrou-a quando ela saía em perseguição de Ulisses e esbarrou contra o peito dele.

Tudo, tudo o que tentara esquecer regressou naquele preciso instante – a sensação dela, o cheiro, o sabor da pele dela sob os lábios. Então Jessica inclinou a cabeça para trás e olhou-o de frente.

Os olhos estavam brilhantes e cheios de vida, a pele corada com o riso. Enquanto ele permanecia tenso, os lábios dela fizeram-lhe um sorriso que lhe enfraqueceu as pernas.

— Olá, Slade. Desculpa, quase te derrubámos.

As palavras dela eram mais verdadeiras do que ela pensava, pensou ele. Largou-a rapidamente e recuou um passo. — Vais sair?

— Vou só dar uma corridinha com o Ulisses. — Jessica olhou por cima do ombro dele. — E agora ele desapareceu. — Olhando de novo para Slade, Jessica estendeu a mão. — É um prazer rever-te. Entra e bebe alguma coisa.

Prudentemente, Slade entrou mas fugiu à mão estendida. Ela virou-se para pendurar o casaco no cabide da entrada e fechou momentaneamente os olhos com força enquanto estava de costas para ele. — Vamos para a sala de estar — disse ela alegremente quando se voltou de novo de frente para ele. — A lareira está muito agradável.

Sem esperar pela resposta dele, Jessica afastou-se rapidamente. Slade reparou que ela se deslocava à velocidade habitual. E as olheiras tinham desaparecido – desaparecido como se nunca tivessem existido. Ela estava como fora no início – uma mulher com uma energia inesgotável. Seguiu-a mais lentamente até à sala. Ela já estava a servir whisky num copo.

— Estou tão contente por teres vindo. A casa está demasiado silenciosa. — Jessica pegou num jarro de vermute sem fazer ideia do que estava lá dentro. Enquanto vertia a bebida continuava a falar. — Foi maravilhoso durante alguns dias, mas agora quase me arrependo de ter mandado todos embora. Claro que tive de mentir para os tirar daqui. — *Estás a falar muito depressa, demasiado depressa*, disse para si mesma, mas não conseguia parar. — Eu disse ao David e ao pessoal que ia para a Jamaica apanhar banhos de sol durante uma semana. Depois comprei bilhetes de avião para todos e pu-los fora de casa.

— Não devias estar sozinha. — Ele estava a franzir-lhe o sobrolho quando ela lhe entregou a bebida.

— Porque não? — Com uma gargalhada, Jessica sacudiu o cabelo para trás. — Não estava a aguentar ser tratada como uma inválida. Aguentei o bastante quando estava no hospital. — Bebericando a sua bebida, virou-se para a lareira. Não ia deixá-lo ver a mágoa. Cada dia que passara confinada naquele quarto branco estéril, esperara que ele lhe telefonasse ou que a fosse visitar. Nada. Ele tinha saído da sua vida quando ela estava demasiado

fraca para o evitar. Slade olhou para as costas esguias e direitas e indagou-se como poderia ir-se embora sem lhe tocar.

— Como estás? — A pergunta foi seca e directa.

Os dedos de Jessica apertaram o copo. *Isso interessa-te?* — indagou-se ela. Bebericou o vermute, obrigando-se a engolir as palavras. Virou-se e sorriu para ele. — Como é que te pareço?

Ele fitou-a até o desejo lhe formar uma bola no estômago. — Precisas de ganhar algum peso.

Ela riu-se um pouco. — Muito obrigada. — Necessitando de fazer alguma coisa, Jessica dirigiu-se ao piano e começou a brincar com as teclas. — Terminaste o livro?

— Sim.

— Então está a correr-te tudo bem?

— Está tudo uma maravilha. — Slade bebeu, desejando que o whisky amainasse o desejo.

— A tua mãe gostou da quantia?

Confuso, ele franziu o sobrolho. — Ah, sim. Sim, gostou.

Fez-se silêncio, acentuado pela madeira crepitante e as notas soltas. Havia demasiadas coisas a dizer, pensou Slade. E nada a dizer. Uma vez mais, amaldiçoou-se por não ser suficientemente forte para se manter afastado.

— Voltaste ao trabalho? — perguntou ele.

— Sim. Desde a publicidade temos tido uma enchente de clientes. Acho que eventualmente irá reduzir aos poucos. Demitiste-te da polícia?

— Sim.

Fez-se de novo silêncio, mais profundo. Jessica olhou para o teclado do piano como se estivesse prestes a compor uma sinfonia. — Precisas de atar as pontas soltas, não é? — murmurou ela. — Eu sou uma ponta solta, Slade?

— Algo do estilo — resmungou ele.

Ela ergueu a cabeça e fixou intensamente os olhos nos dele. Depois virou-se e dirigiu-se à janela. — Bem — sussurrou. Com um dedo, desenhou um labirinto no vidro. — Acho que já disse às autoridades competentes tudo o que tinha a dizer. Houve uma enchente de homens de fato escuro no meu quarto de hospital. — Baixou a mão. — Porque é que não foste visitar-me... nem me ligaste? — A voz dela estabilizou quando ela fitou o reflexo do candeeiro na janela. — Não deveria ter havido um interrogatório final para o teu relatório? Ou foi por isso que aqui vieste hoje?

— Não sei porque diabos vim — ripostou ele, pousando violentamente o copo vazio. — Não vim visitar-te porque não queria ver-te. Não telefonei porque não queria falar contigo.

— Bem, isso clarifica certamente as coisas.

Ele deu um passo em direção a ela, parou e depois enfiou as mãos nos bolsos. — Como está o teu braço?

— Está ótimo. — Alheada, tocou a ferida que tinha sarado enquanto pensava na que não tinha. — O médico disse que não vou sequer ficar com cicatriz.

— Ótimo. Isso é ótimo. — Slade pegou num maço de cigarros e depois atirou-o para cima de uma mesa.

— Gostei de saber — continuou Jessica calmamente. — Não gosto de cicatrizes.

— Estavas a falar a sério? — Slade disse-o sem pensar.

— Sobre a cicatriz?

— Não, não é sobre a maldita cicatriz. — Frustrado, passou uma mão pelo cabelo.

— Eu tento falar sempre a sério — murmurou ela. Jessica sentia o coração bater na garganta, por isso obrigou-se a proferir cuidadosamente cada palavra.

— Disseste que estavas apaixonada por mim. — Todos os músculos do corpo dele retesaram. — Estavas a falar a sério?

Respirando fundo, Jessica voltou-se para ele. A expressão estava composta, os olhos calmos. — Sim, estava.

— É o teu distorcido sentido de gratidão — disse-lhe ele. Depois caminhou até à lareira e voltou.

Algo dentro dela começou a aquecer. Jessica sentia sensações simultâneas de alívio e diversão. — Acho que ia conseguir perceber a diferença — considerou ela. — Às vezes fico muito grata ao talhante por ele me fornecer um bom pedaço de carne, mas não me apaixonei por ele... ainda.

— Ah, és muito engraçadinha. — Slade lançou-lhe um olhar furioso. — Não percebes que foi circunstancial, que foi apenas a situação?

— Foi? — Jessica sorriu enquanto se aproximava dele. Slade recuou.

— Não quero nada de ti — disse-lhe ele acaloradamente. — Quero que compreendas isso.

— Eu acho que compreendo. — Levou uma mão ao peito dele. — Acho que compreendo muito bem.

Slade agarrou-lhe o pulso, mas não conseguiu obrigar-se a desviá-lo. — Sabes o que é que eu senti quando te vi inconsciente... o teu sangue nas minhas mãos? Sabes o que é que me fez ver-te naquela cama de hospital? Já vi cadáveres com mais cor. — Jessica sentiu os dedos dele tremem ligeiramente antes de lhe largarem o pulso. — Raios, Jess! — disse ele antes de se virar para se servir de mais uma bebida.

— Slade. — Jessica abraçou-o pela cintura. Porque é que não tinha

pensado nisso? – indagou-se. Porque é que não tinha percebido que ele iria culpar-se? — Fui eu que cheguei ao lugar errado à hora errada.

— Pára. — Ele colocou as mãos sobre as dela, afastando-as com firmeza. — Não tenho nada para te oferecer, não compreendes? Nada. Lados opostos, Jess. Nós mal falamos a mesma língua.

Se ele tivesse olhado para ela teria visto formar-se uma linha entre as sobrancelhas. — Não sei de que raios estás a falar.

— Olha para esta casa! — Slade gesticulou em volta enquanto se virava para ela. — Onde vives, como vives. Não tem nada a ver comigo.

— Ah. — Contraindo os lábios, ela considerou. — Percebo, és um snob.

— Raios, não consegues perceber nada?! — Furioso, agarrou-a pelos ombros. — Eu não te quero.

— Tenta de novo — sugeriu ela.

Ele abriu a boca, mas aliviou a frustração sacudindo-a pelos ombros. — Não tens o direito... não tens o direito de entrar desta maneira na minha cabeça. Quero que saias. Quero que saias de uma vez por todas!

— Slade, — disse ela calmamente — porque não paras de odiar tanto a ideia e desistes? Eu não vou a lado nenhum.

Ele nem percebeu como é que as suas mãos foram parar aos cabelos dela. Mas estavam bem enterradas, e também ele. Debatendo-se, acabou por ceder. — Eu amo-te, raios! Gostava de te esganar por isso. — Os olhos dele ficaram escuros e violentos. — Tu enfeitiçaste-me — acusou ele quando ela olhou para ele, calma e composta. — Desde o início que me enfeitiçaste até eu não conseguir funcionar sem ti. Por amor de Deus, eu conseguia sentir o teu cheiro lá na esquadra!

Impelido tanto pela fúria como pelo desejo, Slade puxou-a para os braços. — pensei que ia enlouquecer se não te saboreasse de novo. — Os lábios dele cobriram violentamente os dela. Mas também, Jessica não estava à procura de meiguice. Ali estava o contacto firme e bruto que ela tanto ansiara voltar a sentir. A resposta dela surgiu numa explosão de coração, corpo e mente, igualando a dele de um modo fulminante. Mantiveram-se abraçados por um bom bocado e depois caíram para cima do tapete frente à lareira.

— Preciso de ti. — As palavras estremeceram dele enquanto dois pares de mãos se debatiam com as roupas. — Agora. — Slade encontrou o seio nu dela e murmurou. — Passou tanto tempo.

— Demasiado tempo.

Já não era possível falar. Ao lado deles, o fogo chiava e novas chamas lambiam a madeira. O vento fazia bater as janelas. Eles não ouviam nada, não sentiam nada, a não ser um ao outro. Lábios procuravam, depois de-

voravam; mãos exploravam, depois possuíam. Não havia tempo para um reconhecimento lento. Esfomeados, vieram-se rapidamente, deixando o prazer explosivo dissipar quaisquer dúvidas. Mantiveram-se unidos, corpo com corpo e boca com boca, até a necessidade dar lugar à satisfação.

Jessica manteve-o colado a ela quando ele tentou deitar-se ao seu lado.
— Não, não te mexas — murmurou ela.

— Estou a esmagar-te.

— Só um bocadinho.

Slade levantou a cabeça para sorrir para ela e deu por si perdido no âmbar turvo dos olhos dela. Lentamente, delineou a linha da face dela. — Amo-te, Jess.

— Ainda estás furioso com isso? — perguntou ela.

Antes de ele enterrar a cara no pescoço dela, Jessica viu o sorriso. — Resignado.

Ela deu-lhe um soco no ombro. — Resignado? Isso é muito lisonjeiro. Bem, deixa-me dizer-te que nunca me imaginei a apaixonar-me por um ex-polícia mal-humorado que está sempre a tentar dar-me ordens.

Aquele aroma almiscarado e silvestre da pele dela distraiu-o. Slade começou a esfregar o nariz no pescoço dela, embrenhando-se nele. — E imaginavas-te a apaixonares-te por quem?

— Um cruzamento entre Albert Schweitzer e Clark Gable — disse ela.

Slade fungou antes de levantar de novo a cabeça. — Ai, sim? Bem, estiveste perto. Vais casar-te comigo?

Jessica ergueu uma sobrancelha. — Tenho alguma escolha?

Slade mordiscou-lhe os lábios. — Não és tu quem diz que uma pessoa tem sempre escolha?

— Hum, pois sou. — Jessica puxou-o para um longo beijo. — Acho que temos ambos de fazer uma, não temos?

Olhos nos olhos, falaram em conjunto. — Tu.

FIM

CLUBE *Nora Roberts*

***É fã da melhor autora romântica da actualidade?
Então este clube é para si.***

Receba gratuitamente no seu email
toda a informação que desejava:

- Newsletter mensal com as novidades
- Excertos dos novos lançamentos
- Promoções exclusivas
- Fórum para troca de opiniões
- E muito mais...

**Mais informações em
www.chadascinco.com**

*O Clube Nora Roberts
ainda está em desenvolvimento.
Se tiver sugestões venha à nossa
página e partilhe-as connosco.*



CHÁDASCINCO
Livros com sexto sentido